

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA  
TRADUÇÃO**

MARIANE OLIVEIRA CAETANO

**OS NÍVEIS DE SENSIBILIDADE NOS TEXTOS POÉTICOS E  
PROFÉTICOS DA BÍBLIA: ANÁLISE FUNCIONALISTA DA  
TRADUÇÃO DA BÍBLIA EM LINGUAGEM  
CONTEMPORÂNEA A *MENSAGEM***

Florianópolis, SC  
2018



**MARIANE OLIVEIRA CAETANO**

**OS NÍVEIS DE SENSIBILIDADE NOS TEXTOS POÉTICOS E  
PROFÉTICOS DA BÍBLIA: ANÁLISE FUNCIONALISTA DA  
TRADUÇÃO DA BÍBLIA EM LINGUAGEM  
CONTEMPORÂNEA A *MENSAGEM***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Rosvitha Friesen Blume.

Florianópolis, SC  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Caetano, Mariane Oliveira

Os níveis de sensibilidade nos textos poéticos e proféticos da Bíblia : Análise funcionalista da tradução da Bíblia em Linguagem Contemporânea A Mensagem / Mariane Oliveira Caetano ; orientadora, Rosvitha Friesen Blume, 2018.  
169 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução da Bíblia. 3. Texto sensível. 4. Funcionalismo. 5. A Mensagem. I. Blume, Rosvitha Friesen. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

MARIANE OLIVEIRA CAETANO

**OS NÍVEIS DE SENSIBILIDADE NOS TEXTOS POÉTICOS E  
PROFÉTICOS DA BÍBLIA: ANÁLISE FUNCIONALISTA DA  
TRADUÇÃO DA BÍBLIA EM LINGUAGEM  
CONTEMPORÂNEA A *MENSAGEM***

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGET/UFSC.

Florianópolis – SC, 19 de Outubro de 2018.

---

Profa. Dra. Dirce Waltrick do Amarante  
(Coordenadora do curso)

**Membros da banca:**

---

Profa. Dra. Rosvitha Friesen Blume  
Orientadora (PGET/UFSC)

---

Profa. Dra. Meta Elisabeth Zipser  
Examinadora (PGET/UFSC)

---

Prof. Dr. Milton Luiz Torres  
Examinador – Vídeoconferência  
(UNASP/Engenheiro Coelho - SP)

---

Prof. Dr. Marcelo Raupp  
Examinador (IFSC/SC)



*Para Enir e Carlos – os grandes alicerces da minha vida.*



## AGRADECIMENTOS

Ao Pai Celestial, aquele que conheço como *Deus* e que me concedeu saúde, discernimento, sabedoria, proteção e que abriu todas as portas neste trajeto para que eu chegasse até aqui. Tenho certeza que esta etapa é um grande plano dEle se cumprindo em minha vida e a Ele sou eternamente grata.

Aos meus pais, Enir e Carlos, e aos meus irmãos, Carla e Jader, por serem a grande base que sustenta minha vida. Por serem os que não me deixaram desistir, que me deram apoio emocional, psicológico, espiritual e até mesmo financeiro em todos os momentos que precisei. Vi claramente suas orações sendo refletidas em minha caminhada e, a vocês, nem as palavras mais belas e os abraços mais calorosos são capazes de refletir a gratidão que tenho em meu coração.

À professora Rosvitha Friesen Blume, que abriu os braços para me acolher como orientanda e por ter realizado um exímio trabalho como orientadora, sempre com muito profissionalismo, cuidado e amor. No dia que nos conhecemos, soube que Deus tinha um plano especial e o resultado está refletido nas páginas que se seguem. Minha eterna gratidão por todos os ensinamentos, conselhos e inspiração enquanto professora, orientadora e mulher.

À professora Liliam Cristina Marins, a grande responsável por eu chegar até aqui. Aquela que plantou a “semente acadêmica” em minha vida que, nos últimos anos, já tem florescido. Obrigada por ser minha “madrinha” e amiga e por influenciar tão positivamente minha vida!

Às professoras da PGET, Andréia Guerini, Andréa Cesco, Karine Simoni, Martha Pulido e Maria Lúcia Vasconcelos, com as quais tive o privilégio de aprender um pouco mais sobre a fascinante área dos Estudos da Tradução e pude somar conhecimentos que estão representados neste trabalho.

Às professoras Martha Pulido e Meta Elisabeth Zipser, pelos preciosos conselhos e apontamentos na banca de qualificação. Vocês foram fundamentais!

Às minhas queridas Roseni Silva e Elis Liberatti que surgiram em minha vida como dois anjos bons para me auxiliar no início desta jornada. Obrigada por todo carinho e auxílio!

Aos professores da graduação, que sempre me serviram como inspiração e que tanto contribuíram em minha formação profissional e, também, no meu amadurecimento como cidadã e como ser humano: Ana Cristina Jaeger Hintze, Elerson Cestaro, Fernanda Boito, Geniane Ferreira, Helliane Oliveira, Flávia Zanutto, Érica Alves, Josimayre Novelli, Luciana Cabrini, Nelci Silvestre, Vera Wielewicki, Flávia Zanutto e Luís Carlos.

Aos membros da banca, Milton Torres, Marcelo Raupp e Meta Elisabeth Zipser pela disponibilidade para fazer parte deste momento ímpar e por toda contribuição.

À minha prima-irmã-amiga Naellen Juliany, que além de ser a peça fundamental sempre presente em minha vida, se dispôs a ler páginas deste trabalho e me dar preciosos conselhos e dicas.

Às colegas da PGET, Antônia Elizângela, Emily Arcego e Marina Piovesan pelo apoio, carinho e amizade!

Aos meus queridos amigos e familiares, os quais me deram tanto apoio e que intercederam e intercedem incansavelmente por mim. As orações de vocês chegaram! Muito obrigada!

À PGET e toda sua equipe.

À CAPES, pelo financiamento durante um período desta pesquisa.

*A Bíblia não nos é dada em elevada linguagem sobre-humana. A fim de chegar aos homens onde eles se encontram, Jesus revestiu-se da humanidade. A Bíblia precisa ser dada na linguagem dos homens.*

(Ellen G. White, 2008, p. 21, Mensagens Escolhidas).



CAETANO, Mariane O. **Os níveis de sensibilidade nos textos poéticos e proféticos da Bíblia: Análise funcionalista da tradução da Bíblia em Linguagem Contemporânea** *A Mensagem*. Florianópolis, SC, 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2018.

## RESUMO

A tradução da Bíblia é um assunto causador de polêmicas desde seus primeiros registros e, na contemporaneidade, com o surgimento de traduções que pretendem atualizar a linguagem do texto bíblico, novas controvérsias se levantam, como foi o caso da tradução de *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea*. Ao considerar que a Bíblia é um texto sensível (SIMMS, 1997) para o público receptor cristão, pois acredita-se conter ali a palavra de Deus, uma abordagem distinta é necessária no processo tradutório desta obra, e esta diz respeito à perspectiva funcionalista (NORD, 2016) que evidencia a importância do público receptor e do objetivo de tradução. Assim sendo, o objetivo central deste estudo é analisar os níveis de sensibilidade existentes em diferentes livros da Bíblia, pois, pressupõe-se, a princípio, que, sendo a Bíblia um livro considerado sensível em sua totalidade, suas frações possuem conteúdos e estruturas distintas que implicam em diferentes graus de sensibilidade. Considerando o potencial de sensibilidade abordado por Simms (1997), esta pesquisa apresenta análises relativas a trechos de livros poéticos e proféticos da Bíblia *A Mensagem*. Para tanto, aplica-se o método de análise textual funcionalista de Nord (2016) que identifica elementos extra e intratextuais e permite que sejam visualizadas as intenções, propósitos, funções e efeitos pretendidos pelo emissor do texto além de reconhecer como esses critérios influenciam na escolha do léxico, da sintaxe, da estruturação, dos elementos suprasegmentais, dentre outros. Tal estudo se configura em uma análise contrastiva entre textos-alvo – tendo *A Mensagem* como foco principal de análise em comparação com a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, *Nova Versão Internacional* e *Almeida Revista e Atualizada* – e é possível constatar que a maior distinção está no âmbito lexical dos fatores intratextuais das versões. Além disso, verifica-se que nos livros poéticos há maior liberdade interpretativa e tradutória

por parte dos emissores que tratam de inserir em seus textos elementos extremamente informais e corriqueiros no que diz respeito ao dia a dia do falante de língua portuguesa. Por outro lado, nota-se que o livro de Apocalipse recebe um tratamento diferenciado no processo de tradução visto que ali se encontram figuras simbólicas importantes já cristalizadas para o público cristão e que trazem à mente destes receptores eventos importantes para a história. Assim, diante das discussões e análises realizadas, considera-se que a Bíblia *A Mensagem* é um material legítimo que serve para um propósito e um público específico, que se mantém leal às pessoas envolvidas neste processo e é fiel para com seu encargo de tradução.

**Palavras-chave:** Tradução da Bíblia. Texto sensível. Níveis de sensibilidade. Perspectiva funcionalista. A Mensagem.

CAETANO, Mariane O. **Os níveis de sensibilidade nos textos poéticos e proféticos da Bíblia: Análise funcionalista da tradução da Bíblia em Linguagem Contemporânea *A Mensagem***. Florianópolis, SC, 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2018.

## ABSTRACT

Since its first accomplishments, Bible translation is a controversial issue and, due to the emergence of modern translations which intend to update Bible language in the current days, new issues arise, so as in *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea*. Considering that the Bible is a sensitive text (SIMMS, 1997) to Christian receivers, as they believe it is God's word, a different translation process approach is necessary for this book, and it is the functionalist approach (NORD, 2016) that places emphasis on the receiver and on the importance of the translation goal. Hence, the main objective of this research is analyzing the levels of sensitivity in different Bible books, after all, it is acknowledged that the Bible is a sensitive text as a whole, which causes its parts to have different contents and structures, thus leading to various degrees of sensitivity. So, concerning the potential of sensitivity approached by Simms (1997), this research presents analyses of excerpts from poetic and prophetic books of the Bible *A Mensagem*. Therefore, Nord's (2016) functionalist textual analyses method is applied, for it identifies external and internal textual elements with which it is possible to identify the intentions, purposes, the initiator intended functions and effects, besides recognizing how these criteria influence the selection of lexical, syntax, structuration, suprasegmental features and others. This study is composed of contrastive analyses among target-texts – with *A Mensagem* as the main focus comparing to *Nova tradução na Linguagem de Hoje*, *Nova Versão Internacional* and *Almeida Revista e Atualizada* – and it was possible to find that the major distinction among them is in the lexical field of the internal textual elements. Furthermore, it was verified in the poetic books that there is more translation and interpretation freedom by the translators who apply to their texts extremely informal expressions related to the daily life of Portuguese language speakers. Contrarily, it was

found that the Revelation book receives a different approach in the translation process since it contains significant symbolic elements to Christian receivers which are already well established among them and bring to their mind important history events. Thereby, the findings of this research demonstrate that the Bible *A Mensagem* is an authentic material which suits the needs of a specific public and the intended purpose, and it remains loyal to all people involved in this process being faithful to its translation brief.

**Keywords:** Bible translation. Sensitive texts. Degrees of sensitivity. Functionalist approach. *A Mensagem*.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fórmula Q _____	62
Quadro 2: Tabela de análise textual para tradução com elementos extra e intratextuais _____	63
Quadro 3: Fatores extra e intratextuais da Nova Tradução na Linguagem de Hoje _____	83
Quadro 4: Fatores extra e intratextuais da Nova Versão Internacional _____	86
Quadro 5: Fatores extra e intratextuais de A Mensagem _____	91
Quadro 6: Categorias dos livros do Antigo Testamento _____	96
Quadro 7: Categorias dos livros do Novo Testamento _____	96
Quadro 8: O testemunho de Jesus _____	109
Quadro 9: Análise textual dos versículos que contém o termo "Testemunho de Jesus" _____	111
Quadro 10: A chave de Davi _____	115
Quadro 11: Análise textual dos versículos que contém o termo "Chave de Davi" _____	116
Quadro 12: A Besta que veio do mar _____	120
Quadro 13: Análise textual dos versículos que contém o termo "a besta que veio do mar" _____	121
Quadro 14: Alfa e ômega _____	124
Quadro 15: Análise textual dos versículos que contém o termo "Alfa e Ômega" _____	124
Quadro 16: Anjo Poderoso _____	127
Quadro 17: Análise textual de Apocalipse 10:1 _____	128
Quadro 18: Provérbios 15:16 e 17 _____	134
Quadro 19: Análise textual de Provérbios 15:16 e 17 _____	134
Quadro 20: Salmo 70:2 e 3 _____	137
Quadro 21: Análise textual da tradução do Salmo 70:2 e 3 _____	138
Quadro 22: Salmo 38:3 e 7 _____	142
Quadro 23: Análise textual da tradução do Salmo 38:3 e 7 _____	142
Quadro 24: Salmo 127:1 _____	147
Quadro 25: Análise textual da tradução do Salmo 127:1 _____	147
Quadro 26: Provérbios 20:19 _____	152

Fonte: Caetano, Mariane (2018). Quadro 27: Análise textual da tradução de Provérbios 20:19_____	152
Quadro 28: Cântico dos cânticos 7:1 _____	155
Quadro 29: Análise textual da tradução de Cântico dos Cânticos 7:1_____	155

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>ARA</b>	Almeida Revista e Atualizada
<b>AT</b>	Antigo Testamento
<b>DNT</b>	<i>Das neue Testament und frühchristliche Schriften</i>
<b>NT</b>	Novo Testamento
<b>NTLH</b>	Nova Tradução na Linguagem de Hoje
<b>NVI</b>	Nova Versão Internacional
<b>SBB</b>	Sociedade Bíblica Brasileira



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>25</b>
1.1 De que Bíblia trata esta pesquisa .....	29
1.2 As versões utilizadas para análise .....	29
1.3 Esclarecimentos quanto a alguns termos.....	29
1.4 Esclarecimento quanto aos teólogos que embasam a pesquisa.....	30
1.5 Organização e metodologia da pesquisa .....	30
<b>2 A TRADUÇÃO DA BÍBLIA E SUAS PARTICULARIDADES: SUBSÍDIOS TEÓRICOS.....</b>	<b>35</b>
2.1 Reflexões iniciais acerca da tradução da Bíblia .....	35
2.2 A Bíblia como texto sensível .....	41
2.3 A tradução da Bíblia como texto sensível.....	46
2.4 As bases do Funcionalismo.....	54
<b>2.4.1 O conceito de lealdade .....</b>	<b>65</b>
<b>2.4.2 Funcionalismo e lealdade: uma proposta de Nord         para a tradução do texto bíblico .....</b>	<b>70</b>
<b>3 BÍBLIAS MODERNAS .....</b>	<b>75</b>
3.1 A Nova Tradução na Linguagem de Hoje e a Nova Versão Internacional: alguns contrastes .....	82
3.2 A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea .....	88
3.3 Divisão dos livros da Bíblia .....	92
<b>4 ANÁLISE DOS NÍVEIS DE SENSIBILIDADE EM LIVROS PROFÉTICOS E POÉTICOS DA BÍBLIA A MENSAGEM.....</b>	<b>101</b>
4.1 Os livros proféticos: Apocalipse e Daniel.....	103
<b>4.1.1 Testemunho de Jesus .....</b>	<b>108</b>
<b>4.1.2 A chave de Davi.....</b>	<b>115</b>
<b>4.1.3 A Besta que veio do mar .....</b>	<b>120</b>
<b>4.1.4 Alfa e ômega .....</b>	<b>124</b>
<b>4.1.5 Anjo poderoso.....</b>	<b>127</b>
4.2 Os livros poéticos: Salmos, Provérbios e Cântico dos Cânticos.....	131
<b>4.2.1 Provérbios 15:16 e 17.....</b>	<b>134</b>

4.2.2 Salmo 70: 2 e 3.....	137
4.2.3 Salmo 38: 3 e 7.....	142
4.2.4 Salmo 127:1.....	147
4.2.5 Provérbios 20:19.....	152
4.2.6 Cântico dos Cânticos 7:1 .....	155
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>161</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>165</b>





## 1 INTRODUÇÃO

Os adeptos do cristianismo dispõem de uma grande variedade de traduções da Bíblia. Essas traduções são fruto de projetos complexos realizados por grupos de especialistas – tradutores e teólogos – e por sociedades bíblicas espalhadas ao redor do mundo. Tais iniciativas se diferenciaram umas das outras devido aos fatores históricos, religiosos, ideológicos e culturais de suas épocas e trouxeram ao público produtos distintos e, por vezes, polêmicos. Desde as incertezas do nascimento da lendária *Tradução dos Setenta*, passando por nomes como Jerônimo, Wycliffe, Tyndale, Lutero, Ferreira de Almeida e outros, a Bíblia passou por múltiplas re-traduções, reformulações, revisões e atualizações.

O vasto número de traduções e revisões também diz respeito ao aparecimento de novos manuscritos, sendo os mais recentes os *Manuscritos do Mar Morto*, encontrados entre os anos de 1940 e 1950 em Wadi Qumran, Israel, conforme Raupp (2015). Esta e outras descobertas auxiliaram especialistas nos estudos comparativos entre os achados arqueológicos e na resolução de dúvidas quanto a trechos problemáticos no texto bíblico, que foram modificados ao longo das revisões e atualizações da Bíblia.

Para além destas descobertas, que levaram teólogos e arqueólogos a revisar o conteúdo dos manuscritos anteriormente utilizados como fonte para traduções e como objeto para estudos hermenêuticos, a partir do século XX, o público cristão iria se deparar com atualizações da linguagem da Bíblia. De fato, a preocupação com a linguagem do texto considerado sagrado não é um fenômeno recente. Em suas declarações, Tyndale e Lutero já se mostravam empenhados em traduções que fossem inteligíveis ao público leitor. A postura desses tradutores tinha relação de oposição com as estritas exigências da Igreja Católica que, por pretender guardar o que entendia ser o sentido original da Bíblia, aplicava severas penas àqueles que não traduzissem de modo literal o texto considerado inspirado por Deus. De acordo com historiadores, texto original e tradução eram justapostos; ordem e número de palavras eram rigidamente conferidos a fim de que não se disseminasse o que a Igreja considerava como heresia. No entanto, por conhecer o processo tradutório, os tradutores tinham discernimento que tal tarefa se configurava em um produto ininteligível. Dessa maneira, Lutero e Tyndale se posicionavam contra as regulamentações da Igreja para a tradução da Bíblia, optando por traduzir de forma que até as pessoas menos escolarizadas pudessem compreender. Dessa maneira, além de se posicionarem contra a tarefa “impossível” imposta pela Igreja, já havia

grande cautela quanto à compreensão do público leitor, levando em conta, principalmente, o público menos escolarizado; e isto já denotava uma postura funcionalista, que ponderava diferentes objetivos de comunicação para diferentes públicos.

Por mais que tais posicionamentos tenham ocorrido no passado, eles não se popularizaram nos séculos seguintes. Pelo contrário, houve, e há, no meio cristão em geral, a concepção de que o texto bíblico traduzido de forma complexa e rebuscada estaria mais próximo dos manuscritos originais ou até mesmo mais próximo da forma “divina” de escrever ou discursar. Além disso, existe uma “aura” em volta de determinadas traduções que são encaradas como “originais”. No Brasil, por exemplo, popularizou-se o uso das versões de João Ferreira de Almeida; por mais que também tenha passado por revisões e atualizações, sua versão *Revista e Atualizada* – muito bem aceita e utilizada no meio cristão, principalmente protestante – segue com uma linguagem bastante requintada e, muitas vezes, incompreensível.

Compreendendo que o texto bíblico precisava dessa reformulação linguística para que o texto se tornasse mais funcional para seu público leitor, projetos individuais de teólogos e tradutores e projetos de sociedades bíblicas começaram a surgir e produzir novas versões da Bíblia. Desde então, alguns nomes se popularizaram e foram aceitos por parcelas do público leitor cristão protestante, dentre as quais estão a *Nova Versão Internacional* (doravante NVI) e a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (doravante NTLH).

Dentre muitas outras traduções que surgiram a partir da metade do último século, a Bíblia em linguagem contemporânea *A Mensagem* foi uma das mais polêmicas, pois, além de trazer uma proposta inovadora como a NVI e a NTLH, com uma linguagem menos formal e rebuscada, *A Mensagem* vai além por contar com expressões idiomáticas e gírias. Por essa particularidade, tal tradução bíblica foi escolhida como foco desta pesquisa.

Para além da inclusão de coloquialismos no texto bíblico, notou-se também, a princípio, que havia disparidades no nível da linguagem e nas escolhas lexicais a depender do caráter do livro em questão. Isto quer dizer que em determinados livros da Bíblia o tradutor permitiu um nível maior de informalidade, enquanto que em outros preservou uma linguagem similar à de outras traduções mais tradicionais. A saber, as distinções abordadas nesta pesquisa estão relacionadas a excertos dos livros poéticos de *Salmos*, *Provérbios* e *Cânticos* e a fragmentos e figuras simbólicas dos livros proféticos de *Daniel* e *Apocalipse*.

Esses graus de interpretação e de linguagem dizem respeito ao potencial de sensibilidade abordado por Simms (1997). Ao afirmar que a sensibilidade de determinados textos e, em consequência disso, o desafio sensível da tradução deles, não é somente algo subjetivo que parte da perspectiva do leitor, Simms (1997) defende que há algo objetivo que torna os textos ou discursos sensíveis, que seria o conteúdo do texto ou a existência do texto em si. Ao fazer esta afirmação, o autor argumenta que existe um potencial de sensibilidade em determinadas esferas de conteúdos, ou seja, certas temáticas têm maior propensão para serem vistas como sensíveis.

Para a tradução de textos com tal natureza, Simms (1997) advoga em favor de traduções funcionais, que considerem o público alvo como foco do processo tradutório, obtendo assim, um produto mais inteligível para a cultura alvo. À vista disso, abarca-se o viés funcionalista para essa pesquisa, pois, como afirma a teórica representante de tal abordagem, Christiane Nord, o Funcionalismo trata o processo tradutório como uma ação comunicativa que tem, em primeiro lugar, o objetivo de comunicar e, sendo a comunicação a função primordial desta teoria, compreende-se que os textos precisam de fato “funcionar” para seus novos receptores. Dessa maneira, Nord apresenta a importância do encargo de tradução, da definição de um objetivo ou objetivos para o estabelecimento de métodos e estratégias e afirma que tal abordagem, atrelada ao conceito ético de Lealdade, se apresenta como uma proposta satisfatória de tradução de textos sensíveis e, neste caso, de textos sagrados.

Assim sendo, a Bíblia *A Mensagem* foi escolhida, pois conta com aspectos diferenciados que podem ser investigados e, posteriormente, contribuir para a vasta dimensão de discussões sobre a tradução bíblica. Dessa maneira, o objetivo principal deste trabalho é analisar descritivamente e, também, criticamente, fragmentos traduzidos de livros poéticos e proféticos da Bíblia em contraste com outras Bíblias já ditas em linguagem contemporânea, amparando tais análises nas explicações hermenêuticas<sup>1</sup> de teóricos e teólogos abordados ao longo da pesquisa. A partir da discussão sobre textos sensíveis, sobre a tradução de textos sensíveis, da compreensão dos conceitos de funcionalidade e lealdade para a tradução de textos bíblicos, este estudo pretende discutir a respeito dos níveis de sensibilidade perceptíveis em processos tradutórios da Bíblia e o que esses diferentes graus inferem,

---

<sup>1</sup> Quando se trata de hermenêutica nesta pesquisa, aborda-se a hermenêutica bíblica, da área da Teologia, e não a hermenêutica dos Estudos da Tradução.

além de investigar quais são os efeitos causados pela linguagem extremamente informal dentro de um texto considerado sensível. Ademais, esta pesquisa possui um objetivo secundário de ao longo da discussão abordar a aceitação da Bíblia *A Mensagem* e das Bíblias em linguagem moderna, no geral, pelo público cristão, com o fim de contribuir para a vasta pesquisa de tradução da Bíblia.

Esta pesquisa parte da hipótese de que, sendo a Bíblia um livro considerado sensível em sua totalidade, suas frações possuem níveis de sensibilidade distintos. Este fenômeno fica ainda mais evidente em uma tradução revolucionária que promete trazer ao leitor uma linguagem ultramoderna, mas que se comporta de maneira diferenciada em sua liberdade tradutória e interpretativa, a depender da especificidade e sensibilidade teológica de diferentes livros da Bíblia. Esses diferentes graus inferem que os livros poéticos, assim como os textos literários em prosa, permitem que o tradutor interprete, reinvente, recrie um novo texto enquanto que os textos proféticos estão relacionados a assuntos vindouros que já se disseminaram pela comunidade cristã e que, através de suas figuras simbólicas, trazem à mente do cristão significados específicos e já cristalizados. Assim sendo, a tradução destes vocábulos ou expressões tende a ocorrer de forma mais contínua e estável ao longo das traduções.

Desta maneira, infere-se que o aspecto lexical é o que distingue a tradução de *A Mensagem* e as outras versões utilizadas nas análises. De acordo com Nord (2016), o quesito lexical é um dos fatores intratextuais a serem analisados em uma abordagem funcionalista de tradução e está presente em seu quadro de análise textual (2016) – o qual é utilizado ao longo deste estudo.

A corrente teológica que ampara as análises deste estudo não argumenta pelo fato de que os símbolos apocalípticos devem se manter ocultos e misteriosos, mas, sim, pela razão de que um alto grau interpretativo e de liberdade tradutória poderia resultar em modificações drásticas na compreensão dos acontecimentos futuros. E por se tratar de um texto e um assunto sensível para a comunidade cristã, Nord (2007) explica que a interpretação da Bíblia deve envolver um trabalho hermenêutico e exegético<sup>2</sup>, que busque amparo na Teologia, na Crítica Textual, na Arqueologia e na História. E no que diz respeito aos trechos proféticos, ainda se faz necessário o paralelo com os textos veterotestamentários, o que será abordado durante as análises.

---

<sup>2</sup> A Exegese bíblica pode ser definida como o estudo gramatical e a interpretação sistemática das Escrituras Sagradas.

Isto posto, são necessárias algumas considerações iniciais para que se introduza os fundamentos que dão base a esta pesquisa.

### 1.1 De que Bíblia trata esta pesquisa

Quando o termo *Bíblia* é utilizado neste trabalho, compreende-se o cânon bíblico adotado pelas igrejas protestantes, o qual possui 66 livros – 39 no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento.

É relevante que se faça tal distinção, visto a existência da Bíblia Católica, a qual possui 73 livros – 7 livros a mais no Antigo Testamento, totalizando 46 livros, além de acréscimos nos livros de Ester e Daniel e 27 no Novo Testamento; e da Bíblia utilizada pela comunidade judaica tradicional, conhecida como *Tanakh*, que possui apenas os 39 livros que compõem o Antigo Testamento da Bíblia protestante.

### 1.2 As versões utilizadas para análise

As Bíblias utilizadas para análise nesta pesquisa são todas de ordem protestante e de língua portuguesa, sendo analisada uma em contraste com as demais. É importante ressaltar que todas são publicações protestantes e que, assim, não se diferenciam em número de livros, versos e capítulos.

Ademais, é importante salientar que esta pesquisa não pretende fazer um estudo exaustivo de comparação e tampouco pretende retornar aos manuscritos antigos ou até mesmo para suas versões em língua inglesa (como é o caso da Bíblia *A Mensagem* que é um projeto de tradução para o inglês e que, posteriormente, foi traduzida ao português do Brasil a partir da língua inglesa – configurando-se em uma tradução indireta). Esta dissertação visa somente realizar um estudo contrastivo entre textos de chegada – *corpus* paralelo –, focalizando a tradução de *A Mensagem* e revisitando outras traduções em segunda instância, pois, assim como os estudos descritivos da tradução enfatizam, não é imprescindível voltar aos “originais” a fim de investigar um processo ou um produto final de tradução. (TOURY, 1995).

### 1.3 Esclarecimentos quanto a alguns termos

Ao longo deste trabalho, os termos *tradução* e *versão* são utilizados como sinônimos, com o objetivo apenas de evitar repetições, tendo em vista também o fato de que no âmbito cristão convencionou-se tratar de diferentes *versões* da Bíblia. Assim, isto não implica em

discussões teóricas a respeito do que ambos os termos podem retratar de divergente dentro dos Estudos da Tradução.

Outro fator importante a ressaltar é o uso do termo *Bíblia* com sua inicial maiúscula, que é assim grafado por, antes de tudo, se tratar de uma obra publicada. Além disso, ao longo do texto, a palavra *Bíblia* é alternada com o termo *texto bíblico*, também com o objetivo de evitar repetições.

Por fim, cabe elucidar que, por se tratar de uma pesquisa que discorre sobre um assunto sensível para o público cristão, utiliza-se o nome de Deus – com letra maiúscula – para fazer referência ao deus do Cristianismo. É importante que tal justificativa seja feita a fim de evitar a necessidade de reafirmar, ao longo do estudo, que se trata do deus do povo cristão. A mesma justificativa cabe para o uso da expressão *texto sagrado* – pois, aqui, ele é assim tratado por ser sagrado para o público cristão – que é o receptor foco das traduções da Bíblia.

#### 1.4 Esclarecimento quanto aos teólogos que embasam a pesquisa

Para esta pesquisa optou-se pela eleição de um conjunto de teóricos do campo da teologia que possuem um arcabouço metodológico em comum – vinculados à denominação Adventista do Sétimo Dia e, no que diz respeito à análise dos trechos proféticos, que sustentam o método historicista para interpretação dos eventos apocalípticos. Tal opção visa a manutenção da coerência para com a opção aqui feita pelas edições bíblicas da tradição reformada, cuja filosofia da história está intimamente relacionada ao trabalho filológico que caracterizou as primeiras traduções bíblicas em línguas vernáculas nos primórdios do movimento. Nesse ponto, os Adventistas do Sétimo Dia são um dos poucos grupos de raiz protestante que ainda mantém tal postura.

Além disso, esta escolha foi feita tendo em vista a familiaridade da autora da pesquisa com tais teóricos e, também, porque não fazia parte do objetivo deste trabalho confrontar diversas visões teológico-doutrinárias a respeito dos excertos que são analisados. Assim sendo, foi escolhido um viés em particular para embasar os aspectos teológicos que estão estritamente relacionados ao processo de tradução da Bíblia.

#### 1.5 Organização e metodologia da pesquisa

Este estudo é classificado como uma pesquisa descritiva, de caráter documental e com abordagem qualitativa.

Para a realização desta dissertação, algumas etapas foram seguidas. Em primeiro lugar, realizou-se uma breve pesquisa de campo no banco de teses e dissertações da CAPES, bem como no site da PGET, a fim de investigar a originalidade desta pesquisa. Posteriormente, iniciou-se o período de leitura e fichamentos de referencial bibliográfico com objetivo de selecionar os teóricos e vieses pertinentes que embasariam este trabalho. Em seguida, foram selecionadas as versões da Bíblia que seriam utilizadas nas análises que comprovariam a hipótese inicial deste trabalho e foram elencadas, além da versão foco *A Mensagem*, as Bíblias NTLH e NVI por se tratar também de traduções modernas que serviriam para contrastar e evidenciar o caráter altamente informal de *A Mensagem*. Além disso, a versão de ARA foi selecionada apenas com fins de servir como referência de tradução tradicional. Depois disso, foram realizadas as análises dos paratextos de tais traduções a fim de investigar os objetivos, funções e efeitos pretendidos de cada versão, sendo seguidas pela seleção do *corpus* para análise. Foram selecionados cinco trechos provenientes do livro profético de Apocalipse e seis excertos dos livros poéticos de Salmos, Provérbios e Cântico dos Cânticos. Tais trechos foram selecionados tendo em vista a relevância de seu conteúdo para a comprovação da hipótese desta pesquisa, pois, ao conferi-los, percebia-se, a princípio, a ampla utilização de ditos informais – no caso dos textos poéticos – e, considerando o livro de Apocalipse, foram elencados versículos que continham figuras simbólicas significativas para a compreensão do tempo do fim para o público cristão e que se mantinham estáveis, tendo em vista as traduções modernas utilizadas nas análises, assim como na versão de ARA.

A escrita da dissertação ocorreu ao longo dessas etapas e os seguintes capítulos foram desenvolvidos:

**O capítulo dois** apresenta os subsídios teóricos que embasam esta pesquisa e foi dividido em quatro partes. A seção 2.1 apresenta reflexões iniciais acerca da tradução da Bíblia e discorre brevemente o percurso histórico das traduções da Bíblia até chegar à contemporaneidade e às versões modernas da Bíblia. Além disso, esta parte discute brevemente as inquietações referentes ao processo de tradução do texto bíblico bem como a importância de ser dado a este processo uma abordagem funcional.

A seção 2.2 trata de uma das teorias base desta pesquisa, a teoria dos textos sensíveis de Simms (1997) e aborda, antes de tudo, a natureza sensível do texto bíblico para o público receptor cristão. Neste momento, apresentam-se as discussões feitas por Simms (1997) em sua obra bem como de outros autores que corroboram sua vertente teórica como Nida (1997) e Steiner (2005). Logo após, na seção 2.3, aborda-se a tradução da Bíblia como texto sensível e, neste momento, são adicionados outros conceitos à discussão de textos sensíveis, e estes dizem respeito às inquietações referentes ao processo tradutório no geral, bem como do processo tradutório de um texto considerado sensível como são os textos vistos como sagrados por determinados grupos religiosos e, mais especificamente, a Bíblia. Neste momento, as perspectivas de outros teóricos como Ellingworth (1997), Mergrab (1997), Raupp (2015) são inseridas para ampliar a discussão e dar uma base maior para a discussão de tradução de textos sensíveis.

Em seguida, as bases do Funcionalismo são apresentadas na seção 2.4. Neste momento, um breve percurso histórico da teoria alemã é feita até chegar aos conceitos esboçados por Christiane Nord. Aborda-se as definições de tradução, comunicação e dos fatores extra e intratextuais – fatores estes que amparam a análise textual dos processos de tradução e, assim, servem de aporte para as análises desta dissertação.

Na seção 2.4.1, o conceito de lealdade é explanado com finalidade de somar à teoria funcionalista aplicada para tradução da Bíblia. Este conceito surge como uma limitação ética que proponha corrigir os aspectos falhos do Funcionalismo Alemão tendo em vista principalmente as inúmeras possibilidades de objetivos de tradução que comprometeriam a imagem do tradutor e a confiabilidade nos processos tradutórios.

Dessa maneira, na seção 2.4.2 apresenta-se a teoria funcionalista juntamente com o conceito ético de lealdade para discorrer sobre a proposta de Christiane Nord para a tradução da Bíblia, visto que a teórica, juntamente com seu marido Klaus Berger – teólogo – realizou a tradução do Novo Testamento e de alguns livros apócrifos para o Alemão contemporâneo tendo como base a perspectiva funcionalista e o posicionamento leal.

No **capítulo três** discute-se o surgimento e a legitimidade das Bíblias modernas. Neste capítulo são abordados aspectos que amparam essas versões como traduções autênticas, legítimas e justificáveis a partir de suas funções pretendidas. Assim, em seguida, na seção 3.1, faz-se uma breve análise dos paratextos e das características principais das Bíblias modernas NTLH e NVI, averiguando semelhanças e distinções

entre ambas. Posteriormente, a seção 3.2 é dedicada para analisar os paratextos e as justificativas que amparam a tradução de *A Mensagem*. Neste momento, a tabela funcionalista de fatores extra e intratextuais surge para que cada aspecto seja elucidado ao leitor.

A seção 3.3 se dedica a explicar, de forma breve, a divisão dos livros da Bíblia, conforme a classificação cristã, em categorias – livros jurídicos, históricos, poéticos, proféticos, dentre outros – a fim de esclarecer as diferenças contidas nos livros que compõem o cânon bíblico cristão, visto o objetivo central desta pesquisa que é analisar os níveis de sensibilidade entre livros proféticos e poéticos da Bíblia. Assim, é necessário que tal abordagem seja feita para que se esclareça que, por mais que se trate de um livro só, a Bíblia é bastante heterogênea no que diz respeito a formas e conteúdos.

O **capítulo quatro** apresenta as análises propriamente ditas que visam comprovar a hipótese inicial deste trabalho. Desta maneira, uma breve explanação é feita a respeito das versões elencadas para análise, bem como a abordagem dos fatores extra e intratextuais que se assemelham e se distinguem entre essas traduções, já antecipando ao leitor que o foco das análises se dá no aspecto lexical dos excertos.

Assim, na seção 4.1 são realizadas as análises dos cinco excertos proféticos e na seção 4.2 análises de seis excertos poéticos, as quais são feitas a partir do viés funcionalista e utilizando-se das tabelas propostas por Nord para análise textual em tradução que contém os aspectos extra e intratextuais.

Por fim, no **capítulo cinco** são explanadas as conclusões desta pesquisa as quais retomam os objetivos gerais e específicos do trabalho e, também, a hipótese inicial que alicerçou esta dissertação. Ao final, todas as referências bibliográficas que serviram de aporte para este trabalho são apresentadas em ordem alfabética.



## 2 A TRADUÇÃO DA BÍBLIA E SUAS PARTICULARIDADES: SUBSÍDIOS TEÓRICOS

### 2.1 Reflexões iniciais acerca da tradução da Bíblia

As polêmicas referentes aos processos tradutórios se iniciaram, em grande parte, com a tradução do texto bíblico; assim, encontram-se discussões quanto à tradução da Bíblia datadas desde a Antiguidade. Dessa maneira, ao buscar o início do percurso das traduções da Bíblia, percebe-se que as primeiras ocorrem entre o próprio povo judeu, datando-se cronologicamente na história do mundo tal qual é narrada na própria Bíblia. Ainda no Antigo Testamento, nos excertos dos livros de Neemias 8:1-8, II Reis 18:26-28 e Ester 8:9, são relatadas situações de tradução oral e escrita, nas quais se fez necessária a presença de um sujeito que traduzisse, visto a realidade da época, na qual o povo judeu já começara a se dividir entre os que falavam a língua hebraica e os que falavam a língua aramaica.

Desde as primeiras traduções da Bíblia existiram debates que envolviam tópicos e polêmicas de fidelidade linguística e estilística, pois mesmo antes que o conceito de sensibilidade existisse, o público leitor era propenso a perceber que se tratava de um material sensível por acreditarem estar contida ali a palavra de Deus. Dessa maneira, o processo que envolveria sua tradução deveria ser rígido e muito bem vistoriado. À vista disso, Simms (1997, p. 21) afirma que os textos sagrados apresentam problemas de sensibilidade e, conseqüentemente, problemas de traduzibilidade, tanto em virtude da compreensão de fidelidade existente no senso comum dos tradutores, quanto devido à teorização de tradução feita dentro do próprio texto. Isto significa que além dos tradutores presumirem que devem ser fiéis aos aspectos linguístico e estilístico, também se veem obrigados a serem fiéis à teoria de tradução apresentada pelo livro que estão traduzindo. Como explica Simms (1997), a Bíblia é um destes livros que, por si só, teorizam a forma como deveria ser traduzida e esta metodologia pode ser encontrada tanto nas referências bíblicas supracitadas quanto na tradição do povo judeu.

Simon *et al.* (2003) explicam que

[...] durante séculos, a distinção entre o original escrito e a interpretação oral recebia na sinagoga uma representação visual e auditiva precisa. À medida que a Torá ia sendo lida, um intérprete

traduzia cada parte, verso por verso, na língua comum do povo, usualmente o aramaico. Esse ritual foi característico especialmente do período talmúdico, entre os séculos II e IV da Era Cristã. A preeminência do texto escrito em hebraico era dramatizada. O leitor não podia levantar os olhos do texto, para que o público não tivesse a impressão de que estava improvisando. Não podia repetir de memória, para evitar algum erro e não dar a impressão de que era o autor do que estava dizendo. O texto só podia ser transmitido pela leitura, porque a Torá tinha sido recebida de Deus por Moisés por escrito. O *meturgeman*, ou intérprete, ouvia e traduzia oralmente, sem olhar para o texto, para ficar claro que não estava repetindo o texto escrito. Da mesma forma, o leitor não podia ajudar o tradutor, para evitar qualquer confusão entre as palavras escritas e as que eram pronunciadas. Por isso, era preciso a participação de duas pessoas. Além disso, o intérprete devia permanecer de pé, afastado da Torá, e normalmente em um nível um pouco mais baixo, para denotar a subordinação da palavra falada à palavra escrita; não podia falar mais alto do que o leitor, e as duas vozes não podiam ser ouvidas ao mesmo tempo. (2003, p. 172).

Esse acontecimento relatado pelos autores explica a prática de tradução existente entre o povo judeu e no início da religião cristã. Além das breves descrições bíblicas sobre o processo tradutório, esta tradição, passada de geração em geração, de fato influenciou o pensamento dos sujeitos tradutores das primeiras traduções bíblicas registradas, pois estes acreditavam na inferioridade do texto traduzido em relação aos manuscritos originais, bem como em sua subserviência para com estes. Dessa maneira, este relato testifica a afirmação de Simms (1997, p. 21) sobre a convicção dos tradutores de serem fiéis também à “teoria de tradução” presente no livro que traduziam.

Por mais que, a princípio, o Cristianismo tenha recebido bem a ideia de traduzir seus textos para a disseminação da religião cristã e, por mais que muitas traduções tenham sido bem aceitas pela Igreja e pelo povo, como a *Vulgata* de Jerônimo, Simon *et al.* (2003) explica que, especialmente durante a Contra-Reforma, a tradução da Bíblia foi desestimulada e, até mesmo, proibida. A fim de evitar a propagação de

heresias entre o povo, a Igreja reprimiu, exilou e executou quem fosse contra seus estatutos de tradução do texto bíblico, como foi o caso de William Tyndale que, de acordo com Simon *et al.* (2003), após se refugiar na Antuérpia, foi localizado pelas autoridades da Igreja Católica, preso e condenado à morte, sendo estrangulado e queimado no dia 6 de outubro de 1536.

De forma semelhante, John Wycliffe, um dos teólogos precursores da Reforma Protestante, também sofreu repressões da Igreja tanto por se posicionar contra suas práticas quanto por traduzir a Bíblia. Mesmo assim, juntamente com um grupo de tradutores, produziu a primeira tradução completa da Bíblia para o inglês por volta de 1382; porém, conforme Simon *et al.* (2003), a tradução de Wycliffe foi altamente criticada e, mesmo após a sua morte, sofreu perseguição da Igreja Católica, pois esta se incumbiu de proibir seu uso e considerá-la material herético. Como punição, 45 anos após a morte do teólogo, “seu corpo foi exumado por ordem do Concílio de Constança (1415), seus restos mortais foram queimados e as cinzas jogadas no rio Swift” (Simon *et al.*, 2003, p. 184).

Esta postura restritiva e arbitrária quanto à tradução da Bíblia se perpetuou ao longo de séculos em diferentes graus. Não obstante, diversos tradutores em diferentes épocas se posicionaram de forma a priorizar o método mais adequado de traduzir, buscando produzir uma tradução inteligível, como foi o caso de São Jerônimo que afirmou em sua *Carta a Pamáquio* que não traduzia palavras e, sim, sentidos e, assim, já se mostrava inovador por pretender de fato alcançar um produto compreensível para seu público leitor.

De modo semelhante, Lutero, considerado fundador da Reforma Protestante e responsável pela primeira tradução da Bíblia para uma língua moderna a partir das línguas originais – hebraico e grego –, ao redigir em 1530 sua *Carta aberta sobre tradução*, rebateu duras críticas feitas a sua tradução e se posicionou favorável a uma linguagem simplificada no texto bíblico, tendo em vista a funcionalidade do texto em si e a compreensão dos leitores, desde o mais simples trabalhador, até os doutores das universidades. Assim, o tradutor já assumia uma posição bastante moderna ao afirmar:

[...] não se tem que perguntar às letras na língua latina como se deve falar alemão, como fazem os asnos, mas sim há que se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam

e depois traduzir; aí então eles vão entender e perceber que se está falando em alemão com eles. (2006, p. 4).

Mais tarde, seu posicionamento influenciaria outros tradutores, assim como Tyndale e, porque não dizer, os tradutores das Bíblias em linguagem contemporânea dos dias de hoje. Assim, é interessante perceber que mesmo os primeiros estudiosos envolvidos em processos tradutórios perceberam questões indispensáveis à tradução – como o foco no público alvo – que só começariam a ganhar força no século XX, após o esboço do Mapa de Holmes (1988), quando se propôs estabelecer a disciplina de Estudos da Tradução. Ou seja, de acordo com estes relatos, pode-se compreender que a proximidade direta com o processo tradutório e o trabalho com línguas distintas, trazia – e traz – a noção para o sujeito envolvido em tal prática de que todo um percurso tradutório não poderia ser reduzido à mera decodificação literal – palavra por palavra –, pois se configurava em um produto ininteligível para os novos receptores. Dessa maneira, infere-se que as reivindicações por traduções linguisticamente fiéis eram e ainda continuam sendo feitas por alheios ao processo tradutório e que, por não possuírem intimidade com as complexidades linguísticas, acreditam na existência de equivalentes puros ou exatos entre as línguas.

Conforme explica Nord (2001, p. 187), essas concepções são teorias subjetivas, criadas por cada indivíduo e baseadas no que se entende por comunicação e tradução, estando também relacionadas com suas expectativas no momento da recepção. A autora explica que tais teorias possuem elementos contraditórios e incompatíveis e seus “formuladores”, muitas vezes, nem ao menos sabem como descrevê-las. Ao se deparar com o texto traduzido, os leitores resgatam o senso comum absorvido sobre como deveria ser o ideal de tradução e exprimem julgamentos de valor que taxam traduções como “boas” ou “ruins” a depender, exclusivamente, do que compreendem ser uma “boa tradução” ou uma “tradução ruim”.

De fato, as inquietações referentes à tradução do texto bíblico ocorrem até os dias de hoje devido ao seu caráter sagrado e inspirado para a comunidade cristã. Para além da natureza sacra deste livro, que atesta seu caráter sensível, no meio cristão também existe a visão de que determinadas versões – principalmente as mais tradicionais – são como os manuscritos originais; servem como exemplo a Bíblia *King James* para a comunidade de língua inglesa, *Reina Valera* em espanhol e *Ferreira de Almeida* para os falantes de língua portuguesa. O *status*

canônico dessas traduções se firmou dentro da comunidade cristã e muitos adeptos do Cristianismo resistem fortemente ao uso de outras versões. Como exemplo deste fenômeno, Nida (1997) discorre:

As traduções [...] podem se tornar canônicas em um tempo surpreendentemente curto. Após a conclusão de uma tradução da Bíblia em uma das principais línguas da África, o tradutor principal retornou à Inglaterra e decidiu fazer alguns cursos de linguística na Escola de Línguas Orientais e Africanas. Ele imediatamente percebeu quantos erros havia cometido em sua tradução, e assim, ao retornar à África, recomendou à missão que revisasse o texto no qual havia trabalhado por vários anos. Mas as autoridades da missão rejeitaram seu pedido e, embora respondessem educadamente, a essência de sua resposta era basicamente equivalente a “quem é você para tocar a palavra de Deus?”<sup>3</sup> (1997, p. 190, tradução nossa).

Este fato narrado por Nida (1997) explana bem o caráter canônico conferido a determinadas traduções pelos leitores e quais são os efeitos dessa concepção, pois além de enaltecer traduções tradicionais, tendem a rejeitar outras versões, tendo como base para isso suas teorias subjetivas. De fato, as traduções que visam um produto final com linguagens mais modernas propendem a sofrer mais preconceito. Isso fica mais evidente quando se compreende a concepção de determinados indivíduos de que o texto sacro deve soar arcaico e rebuscado para denotar o caráter superior do ser divino.

---

<sup>3</sup> “Translations [...] can become canonical in an amazingly short time. After the completion of a Bible translation in one of the major languages of Africa, the principal translator returned to England on furlough and decided to take some courses in linguistics at the School of Oriental and African Languages. He immediately realized how many mistakes he had made in his translation, and so upon returning to Africa, he recommended to the mission that he revise the text on which he had worked for a number of years. But the mission authorities rejected his request, and although they responded to him politely, the substance of their reply was essentially equivalent to “Who are you to touch the word of the Lord?”.

Essa tradição de nível de linguagem, como explica Nord (2003), parece compensar a falta de compreensão trazida por termos já ultrapassados.

Há muitas traduções diferentes disponíveis, mas a maioria das pessoas aderirá às tradicionais – como a versão *King James* em inglês ou a tradução de Lutero em alemão, considerada por muitos leitores como (segundo) original. Esses textos são tão familiares que quase nunca são questionados, e as pessoas parecem pensar que o som familiar compensa qualquer falta de compreensão.<sup>4</sup> (NORD, 2003, p. 96 e 97, tradução nossa).

De fato, tais traduções são raramente questionadas, pois se cristalizaram no meio cristão protestante como “originais”. O hábito de ouvir determinadas passagens bíblicas em sua forma tradicional faz com que os fiéis desconfiem quando o mesmo trecho é dito de forma diferente, isso porque por mais que não compreendam plenamente o que ouvem ou leem, a forma dita ou tida como requintada para muitos é suficiente.

Além disso, existe também a concepção de que o sagrado deve permanecer, em certos graus, oculto e incompreensível.

Outros, no entanto, preferem um texto que inclusive pareça estranho e sobrenatural, porque isso sugere seu caráter divino. De fato, algumas pessoas rejeitam a ideia de entender o texto da Bíblia muito bem. [...] Algumas pessoas, no entanto, ficam intrigadas com traduções que elas acham difíceis de entender. Elas insistem que a capacidade de apreender o significado de tais traduções é um dom direto do Espírito Santo e, conseqüentemente, a capacidade de obter significado de tais textos é uma indicação de uma bênção de Deus. De modo mais geral, no entanto, uma preferência por uma tradução tradicional e menos significativa dos textos gregos ou hebraicos

---

<sup>4</sup> “There are many different translations available, but most people will adhere to the traditional ones – such as the King James Version in English or Luther’s translation in German, regarded by many readers to be (second) original. These texts are so familiar that they are hardly ever questioned, and people seem to think that the familiar sound compensates for any lack of comprehensibility.”

da Bíblia representa o sentimento de muitas pessoas de que o antigo e o familiar são melhores do que o novo. Este conceito foi bem afirmado por Jesus quando ele declarou: "Ninguém que tenha bebido vinho velho prefere vinho novo" (Lucas 5:39).<sup>5</sup> (NIDA, 1997, p. 194, tradução nossa).

Esta explicação de Nida (1997) sugere possíveis sentimentos do público leitor cristão ao se deparar com traduções tradicionais da Bíblia. De fato, a sensibilidade de tal texto – aspecto que é abordado no tópico seguinte – não somente envolve o tabu da existência do texto em si ou do conteúdo presente nele como também a concepção de que a compreensão parcial em muitos pontos denota o caráter sobrenatural da obra. Ou seja, o ser divino que a inspirou, abençoaria apenas alguns com o entendimento pleno, enquanto que outros continuariam a encarar aquelas palavras pouco compreensíveis, ainda assim afirmando sua divindade.

Certamente, essas afirmações não podem e não devem ser generalizadas, visto a existência de diversas denominações dentro do Cristianismo e milhões de cristãos com convicções próprias que determinarão seus juízos a este respeito. Todavia, as motivações de tamanha resistência podem ser discutidas. No que se refere à discussão sobre textos sensíveis, tem-se, basicamente, uma fonte de referência organizada pelo professor Karl Simms (1997). A partir desta obra, argumenta-se que os posicionamentos contrários a traduções modernas da Bíblia têm relação com a concepção desta enquanto texto sensível.

## 2.2 A Bíblia como texto sensível

---

<sup>5</sup> No original: "Others, however, prefer a text that seems even strange and unearthly, because this suggests its supernatural character. In fact, some people reject the idea of understanding the Bible text too well. [...] Some persons, however, are intrigued by translations that they find difficult to understand. They insist that the capacity to grasp the meaning of such translations is a direct gift of the Holy Spirit and, accordingly, the capacity to derive meaning from such texts is an indication of a blessing from God. More generally, however, a preference for a traditional and less meaningful rendering of the Greek or Hebrew texts of the Bible represents the feeling of many people that the old and familiar is better than the new. This concept was well stated by Jesus when he declared, 'No-one who has drunk old wine prefers new wine' (Luke 5.39)."

O texto bíblico é protagonista de diversas discussões tanto dentro da comunidade cristã quanto fora dela. Dentro do âmbito cristão, pelo entendimento de que ele revela o caráter do ser supremo e seus planos para com a humanidade e, assim, se trata de mensagens inspiradas e sagradas, discute-se suas interpretações e possíveis significados atrelados aos contextos históricos e culturais da época em que foi escrito. Fora do contexto cristão, as discussões que concernem à Bíblia dizem respeito, em grande parte, à veracidade ou não dos acontecimentos lá descritos, bem como às polêmicas relativas aos aspectos morais apresentados no texto bíblico. Essas inquietações quanto à Bíblia estão intimamente relacionadas com sua grande expressividade em todo o mundo, e poderia se dizer que esse texto possui um elevado grau de sensibilidade, ou seja, ele demanda extrema cautela em sua recepção, a fim de se preservar, ao máximo, um suposto conteúdo original considerado de grande valor.

Karl Simms (1997) teorizou sobre esse tipo de textos, que ele denomina “textos sensíveis”, e o desafio que eles representam para a prática tradutória. O teórico inicia sua argumentação discorrendo a respeito da sensibilidade das línguas; ele faz referência ao que denomina “sonho positivista” (1997, p. 1), no qual os referentes linguísticos deveriam corresponder plenamente ao mundo real e vice-versa; todavia, Simms (1997) afirma que não existe tal língua tão pura a ponto de descrever todos os objetos de forma denotativa. Isto é, por mais que os dicionários tentem abarcar boa parte dos significados atribuídos a um significante específico, os referentes linguísticos excedem suas formas dicionarizadas e passam a ser material interpretativo dos falantes, aos quais é conferido um trabalho pragmático constante. Dessa maneira, pode-se compreender o caráter mutável, heterogêneo e instável das línguas, pois elas estão em incessante transformação.

A partir dos estudos linguísticos, Simms (1997) se vale dos conceitos de denotação e conotação para afirmar que a língua, por ser constituída em sua grande maioria por sentidos conotativos e não denotativos, possui caráter sensível. Compreende-se por sentidos denotativos aqueles presentes nos dicionários, relativamente fixos e impessoais – por vezes considerados como os sentidos originais. Por outro lado, os sentidos conotativos são aqueles passíveis de interpretações distintas, a depender do contexto em que são empregados ou do falante que os utiliza. Após esclarecer tais conceitos, o teórico explica que o caráter conotativo da língua se dá pelo constante trabalho de interpretação de mensagens realizado pelos usuários. Da mesma maneira, Steiner (2005) enfatiza o caráter interpretativo das línguas e, ao

considerar o processo tradutório como uma tarefa eminentemente interpretativa, afirma que, antes mesmo do mundo se dividir em múltiplas línguas, já existia tradução. De acordo com o autor, “o evento de Babel confirmou e externalizou a interminável tarefa do tradutor – ele não a iniciou” (2005, p. 72). Isto quer dizer que por mais que em Babel houvesse uma única língua, os falantes já se encontravam em constante processo de interpretação.

Este posicionamento corrobora a discussão de Simms (1997), pois, como este explica:

Eu digo "interpretar" porque viver no mundo não depende de uma correlação mimética entre palavras e objetos, mas de um *trabalho* pragmático, um desenho de inferências baseadas em informações linguísticas (em um sentido amplo) que recebemos.<sup>6</sup> (1997, p. 2, tradução nossa).

A partir desta afirmação, infere-se que a língua implica em muito mais do que um conjunto de palavras em seus sentidos literais e dicionarizados; os conceitos e os sentidos se modificam tanto de acordo com os contextos nos quais estão situados quanto com o trabalho pragmático e interpretativo de seus falantes.

Nida (1997) corrobora tal concepção e enfatiza:

Em qualquer sistema simbólico, o papel do contexto é maximizado e o papel da palavra individual é minimizado. Isso significa que, em praticamente todas as instâncias, o nível conceitual de comunicação envolve não palavras individuais, mas palavras no contexto.<sup>7</sup> (1997, p. 195, tradução nossa).

Tendo em vista o contexto e a construção dos sentidos a partir de ambientes específicos, Simms (1997) demonstra que a sensibilidade dos

---

<sup>6</sup> “I say ‘interpret’ because living in the world depends not on a mimetic correlation between word and objects, but on a pragmatic *working*, a drawing of inferences based on the linguistic (in a broad sense) input we receive.”

<sup>7</sup> “[...] in any symbolic system the role of the context is maximised and the role of the individual words is minimised. This means that in practically all instances the conceptual level of communication involves not individual words, but words in context.”

textos/discursos diz respeito a um contingente histórico e cultural específico, ou seja, “a percepção de um texto como sensível ou a natureza de sua sensibilidade pode mudar de tempo em tempo, ou de lugar para lugar.”<sup>8</sup> (1997, p. 5, tradução nossa). Esta afirmação relativiza o conceito de sensibilidade e assegura que a depender do local e do tempo em que determinado conceito ou discurso está inserido, a percepção de sensibilidade poderá se modificar. Isto é, assim como os sentidos atribuídos aos referentes linguísticos são transformados com o tempo e com o contexto dos falantes, assim também o é quanto à natureza sensível de determinados referentes.

Entretanto, ao passo que o autor enfatiza o caráter subjetivo da sensibilidade da língua e dos textos, ele afirma que esta natureza não é totalmente relativa.

Nenhum texto é sensível, mas o pensamento o torna assim: no entanto, esse “pensamento” é intrínseco à linguagem, tal como experimentado pelos seres humanos, de modo que podemos dizer que todos os textos são pelo menos potencialmente sensíveis. O fato de esse potencial ser ou não realizado depende de um contingente histórico ou cultural – novamente, é uma variável que depende do contexto amplo em que a linguagem está situada, e não da função referencial da linguagem em si. [...] Nunca se pode dizer que *isto* é (ou não) “objetivamente” sensível. Mas também não podemos dizer que a sensibilidade é puramente uma questão do que os indivíduos “subjetivamente” percebem como sensível, e afirmar isso não implica necessariamente uma visão determinista da resposta do receptor.<sup>9</sup> (1997, p. 3 e 4, tradução nossa).

---

<sup>8</sup> “[...] the perception of a text as ‘sensitive’ may change over time. Not only that, but the nature of its sensitivity may change from time to time, or from place to place.”

<sup>9</sup> “No text is sensitive but that thinking makes it so; however, such ‘thinking’ is intrinsic to language as experienced by humans, so that we may say that all texts are at least potentially sensitive. Whether or not this potential is realised depends on historical or cultural contingency – again, it is a variable dependent on the broad context in which language is situated, rather than on the referential function of language *per se*. [...] one can never say *that* is (or is not)

Dessa maneira, como explica o autor, pelo fato de a percepção de sensibilidade ser intrínseca à língua e, dessa forma, intrínseca a um determinado grupo de falantes, existe uma potencialidade para que os textos sejam sensíveis. Isto significa que, dentro de um contexto específico, determinado referente linguístico, texto ou discurso, tem mais potencial de ser sensível e isso ocorre devido ao conteúdo nele descrito ou devido a sua própria existência. Assim sendo, a despeito de o conceito de sensibilidade ser subjetivo à percepção dos sujeitos individualmente, existe o fator objetivo da sensibilidade, pois, como explica Simms (1997, p. 3, tradução nossa): “ou as referências que o conteúdo do texto faz são tabus, ou o fato da existência do texto como tal pode ser um tabu”<sup>10</sup>, ou seja, estes tabus em si podem já ser cristalizados como materiais sensíveis para determinadas culturas e línguas.

Em suma, pode-se afirmar que o caráter sensível dos textos/discursos não é inerente a eles e se dá devido à experiência de seus leitores; todavia, a experiência desses indivíduos também está relacionada a um contingente maior e mais abrangente – sua cultura e língua – que, objetivamente, atribui sensibilidade a certas temáticas.

Logo, ao considerar tais aspectos relativos à linguagem, pode-se atribuir os conceitos de sensibilidade para determinados gêneros textuais; no caso desta pesquisa, confere-se esta teoria aos textos sagrados, especificamente, ao texto bíblico. Dessa maneira, sendo a Bíblia composta de material linguístico, também possui questões linguísticas intrínsecas a qualquer outro texto ou discurso – isto é, ela possui potencial para ser entendida como material sensível. E, ao considerar o crescimento da religião cristã, a Bíblia se torna base de fé, de conduta moral e conseqüentemente, material sensível, para uma gama maior de indivíduos.

Ponderando tal fato, pode-se inferir que a Bíblia começa a ser examinada como texto sagrado e, conseqüentemente, como texto sensível, por uma parcela maior da população mundial. E devido ao vasto número de leitores, tornam-se ainda mais comuns posicionamentos extremistas relativos às interpretações e aos usos do texto bíblico.

---

‘objectively’ sensitive. But neither can we say that sensitivity is purely a matter of what individuals ‘subjectively’ perceive to be sensitive, and to claim this does not necessarily entail a deterministic view of receptor response.”

<sup>10</sup> “[...] either the references which the content of the text makes are taboo, or the fact of the existence of the text such may be taboo.”

É importante salientar que Simms (1997) não apresenta uma definição específica e cabal do que seria um texto sensível e isto se dá talvez pelo fato de o termo já se apresentar bastante sugestivo para seus leitores. Assim, o autor inicia sua discussão partindo do pressuposto de que seus receptores, de alguma maneira, já teriam a definição do conceito em mente. Todavia, tal conceito ainda permanece obscuro no que diz respeito a sua significação exata e, por isso, para os fins deste trabalho, propõe-se a seguinte aceção:

O texto sensível é aquele que é percebido por seu público receptor como digno de especial atenção e cuidado no momento de sua interpretação ou tradução, com vistas à preservação de uma suposta verdade ou integridade original nele contida. Essa exigência se dá devido à grande autoridade a ele atribuído e, também, devido a sua cristalização e perpetuação como patrimônio religioso e/ou cultural de valor inestimável em determinadas culturas e/ou contextos sociais.

De fato, compreender a sensibilidade da língua, dos textos e, mais especificamente, dos textos sagrados, não é uma tarefa simples. Conseqüentemente, quando a tradução é agregada à discussão da sensibilidade do texto bíblico, encontra-se um encargo ainda mais complexo. Afinal, “quem é você para tocar na palavra de Deus?”<sup>11</sup> (NIDA, 1997, p. 190, tradução nossa).

### 2.3 A tradução da Bíblia como texto sensível

Quando a discussão sobre textos sensíveis é conduzida para o âmbito da tradução, existem alguns aspectos relevantes a serem considerados.

Em primeiro lugar, como discutido anteriormente, os indivíduos atuam diretamente na construção e na reformulação dos referentes linguísticos, e isso denota um trabalho interpretativo constante. De acordo com Simms (1997), as questões interpretativas da língua estão intimamente relacionadas ao conceito de sensibilidade e são ainda mais evidentes dentro do processo tradutório. Em segundo lugar, ao observar a divisão tripartida de Jakobson (1971) – tradução intralingual, tradução interlingual e tradução intersemiótica – entende-se que a interpretação está diretamente vinculada ao conceito de tradução, visto que, embora dentro de uma mesma língua, os falantes realizam trabalhos interpretativos a todo o momento. Todavia, esse trabalho interpretativo é uma prática individual subjetiva, na qual cada indivíduo correlaciona os

---

<sup>11</sup> “Who are you to touch the word of the Lord?”

referentes linguísticos a suas experiências dentro daquela língua e cultura. Assim sendo, como explica Simms (1997), não existem significados puros dentro das línguas, pois eles estão em constante mudança.

Dessa forma, como não é possível reunir todas as possibilidades de sentidos existentes para um mesmo referente dentro de um dicionário, ou até mesmo chegar ao sentido puro das palavras, não se faz possível também reunir os equivalentes lexicais puros entre duas línguas em um dicionário bilíngue. Seria necessário, como argumenta Simms (1997), compilar todos os possíveis usos do referente em determinada língua e seus respectivos correspondentes em outra língua. E é devido a esta impossibilidade que o autor afirma que

[...] a tradução interlingual [...] é impossível em uma forma pura, já que se não existe uma sinonímia pura dentro de uma língua, então não existe uma equivalência lexical pura entre as línguas. Um pessimista pode concluir que isso demonstra que a tradução como tal é impossível, mas tradutores traduzem todos os dias: embora a tradução pura seja impossível, uma série de aproximações certamente é possível, e essas aproximações às vezes são muito ásperas, às vezes aparentemente “precisas”. Todos os tradutores que se prezam visam o maior grau de fidelidade possível, mas em que consiste “fidelidade” está aberto à discussão. É devido à fidelidade que a tradução se torna uma questão delicada e a tradução de textos sensíveis duplamente o é.<sup>12</sup> (1997, p. 6 e 7, tradução nossa).

---

<sup>12</sup> “[...] interlingual translation [...] is impossible in a pure form, since just as there is no such thing as pure synonymy within a language, so there is no such thing as pure lexical equivalence between languages. A pessimist might conclude that this demonstrates that translation as such is impossible. But translators translate every day: although pure translation is impossible, a series of approximations certainly is possible, and these approximations are sometimes very rough, sometimes apparently ‘accurate’. All self-respecting translators aim for the greatest degree of fidelity possible, but what ‘fidelity’ consists of is itself open to dispute. It is *a propos* this question of fidelity that translation becomes a sensitive issue, and the translation of sensitive texts doubly so.”

Neste momento, pode-se discutir o caráter sensível da tradução. Isto é, pela inexistência de equivalentes entre as línguas ou até mesmo de sentidos puros dentro de uma mesma língua, o processo tradutório se torna sensível e passível de inquietações das mais diversas ordens. E é devido a estas inquietações que a discussão central que sempre esteve presente nos Estudos da Tradução, antes mesmo que a área fosse assim denominada e reconhecida como disciplina, foi de fidelidade *versus* liberdade. Como explica o autor, o conceito de fidelidade que se perpetuou ao longo dos anos e que ainda permanece hoje no senso comum, também é um dos grandes responsáveis pela sensibilidade do processo tradutório, pois, se os leitores julgam que o tradutor não foi fiel – linguística e estilisticamente –, duras críticas incidem sobre sua obra e este é acusado de modificar as intenções originais do autor. Assim sendo, se as traduções de modo geral já desencadeiam tais desconfortos por parte dos leitores, quanto mais o é em uma tradução de um texto sensível e do texto sensível sagrado.

Para chegar à grande problemática da tradução do texto sensível sagrado, cabe revisitar os conceitos de *free translation* e *literal translation*.

De fato, o fenômeno da tradução livre ocorre, pelo menos, desde a tradução bíblica de Jerônimo, o qual se recusou a traduzir os manuscritos tendo em vista as prescrições tradicionais de tradução, em que era requerido que se traduzisse palavra por palavra. Todavia, a tradução literal sempre teve um *status* superior, pois esta alega “transmitir” as intenções originais do autor ao traduzir palavra por palavra, com mínimas, ou nenhuma, intervenções do tradutor, que se torna invisível. Contudo, como explica Nida (1997, p. 194, tradução nossa), “uma das principais razões para traduções literais é a ideia errônea de que o verdadeiro significado de um texto deve ser encontrado nas palavras como unidades isoláveis e não nas combinações de palavras.”<sup>13</sup> Como explica Simms (1997), o exemplo máximo para uma tradução literal seria a tradução interlinear ou justalinear, na qual texto fonte e texto alvo são aproximados a fim de que se reconheça a tradução detalhadamente feita palavra por palavra. Em síntese, a tradução literal buscaria representar os sentidos puros das palavras e entre as línguas, ao utilizar-se de seus conceitos denotativos.

---

<sup>13</sup> “One of the principal reasons for literal translations is the mistaken idea that the true meaning of a text is to be found in the words as isolatable units rather than in the combinations of words.”

Em contrapartida, a tradução livre está mais relacionada com a funcionalidade do texto para o novo contexto de recepção do que com a excessiva preocupação com os sentidos denotativos das línguas. Este tipo de tradução atenta para o público alvo enquanto, ao mesmo tempo, confere respeito à obra e a seu autor. Conforme, Simms (1997, p. 7), a preocupação de quem traduz está com a aproximação cultural, com as conotações e as expectativas do novo público leitor e, dessa maneira, o tradutor se torna altamente visível.

Ao tratar da aproximação cultural, a qual Simms (1997) chama de “equivalentes culturais”, o autor argumenta que os tradutores precisam estar imersos em ambas as culturas envolvidas no processo tradutório, inserindo-se diretamente em experiências culturais – como viver na área onde o texto fonte foi produzido – para que essa aproximação seja possível e inteligível. Entretanto, quando o processo tradutório envolve um *wide gap* (Nord, 2001) entre as línguas e culturas, a tarefa do traduzir se torna um desafio.

Qualquer texto está relacionado com a *situação* em que é produzido, que muitas vezes difere em aspectos importantes da situação do receptor da tradução. A diferença aumenta proporcionalmente à medida que os textos originais e traduzidos são recebidos em situações culturais e históricas cada vez mais amplamente separadas, como no caso dos textos bíblicos e outros textos antigos.<sup>14</sup> (ELLINGWORTH, 1997, p. 199, tradução nossa).

Assim, tendo em vista o vasto espaço entre textos e culturas fonte e alvo, faz-se necessária a imersão cultural em sua respectiva área. Todavia, a experiência com essas culturas se torna escassa quando ela é muito distante da realidade atual ou, devido a sua extinção.

No caso de textos antigos – ou, na verdade, de quaisquer textos não contemporâneos, e os textos sagrados são especialmente pertinentes a este respeito – tal imersão cultural é um pouco mais

---

<sup>14</sup> “Any text is related to the *situation* in which it is produced, which will often differ in important respects from the situation of the receptor of the translation. The difference increases in proportion as the original and translated texts are received in more and more widely separated cultural and historical situations, as in the case of Biblical and other ancient texts.”

difícil, e a “experiência” da erudição deve tomar o lugar da experiência direta. Ainda assim, para os proponentes da tradução livre, é a imersão na fenomenologia da cultura, e não o conhecimento da semântica, que é o atributo mais importante do tradutor.<sup>15</sup> (SIMMS, 1997, p. 8, tradução nossa).

Uma vez que muitos dos contextos culturais dos textos antigos já não existem mais, e as línguas em si já não são mais faladas por um número considerável de falantes, a tarefa de imersão cultural se torna ainda mais complexa, pelo fato do tradutor ter de aprofundar-se culturalmente de forma teórica e não prática, como seria com obras contemporâneas ou com línguas mais abrangentes na atualidade. Assim, ao buscar uma tradução livre para os textos sagrados antigos, o tradutor se depara com desafios agrupados. Em primeiro lugar, o indivíduo percebe a subjetividade dos referentes linguísticos e, conseqüentemente, o desafio de relacioná-los em uma tradução, ou seja, ele se depara com a sensibilidade das línguas, que são, em grande parte, constituídas por sentidos conotativos. Em segundo lugar, ao defrontar-se com as complexidades das línguas, o tradutor se vê na necessidade de imergir na cultura estrangeira e, então, percebe que muito daquela cultura se perdeu ou, até mesmo, se extinguiu por completo. Dessa maneira, só lhe resta a pesquisa histórica, arqueológica, lexical de forma teórica. Por fim, o sujeito que traduz nota que seu ofício – a tradução –, em si, já é passível de sensibilidade e, ao traduzir um texto considerado sagrado dentro de determinada religião, tem uma tarefa duplamente sensível.

Todas essas questões são trazidas para o senso comum e o público leigo passa a exigir certos tipos de fidelidade, pois, por se tratar de um texto sensível que, para a parcela cristã da sociedade é tido como algo sagrado, tem-se a ideia de que traduções literais – palavra por palavra – terão maior possibilidade de “guardar” o sentido original da obra. Todavia, como já discutido na seção anterior, compreende-se que as palavras em suas formas isoladas devem ser consideradas em menor grau do que aquelas inseridas em contextos específicos, pois a tradução literal – reconhecida como “fiel” – tem maior chance de apresentar

---

<sup>15</sup> “In the case of ancient texts – or, indeed, of any non-contemporary texts, and sacred texts are specially pertinent in this respect – such cultural immersion is rather more difficult, and the ‘experience’ of scholarship must take the place of direct experience.”

produtos ininteligíveis para o público alvo do que realmente “recuperar” o sentido original.

Se as traduções pioneiras já causavam inquietações no público cristão, mesmo as que de certa forma prezavam pela literalidade, as diferentes versões da Bíblia – especialmente as modernas – são responsáveis por causar divergências entre a comunidade cristã e por dividir opiniões entre pessoas pertencentes à mesma denominação religiosa.

Por mais que a estratégia de traduzir a Bíblia optando-se por uma linguagem mais simples e menos rebuscada seja um fator que já se pôde constatar nas declarações de tradutores da idade média como Lutero e Tyndale, foi a partir do final do século XIX e começo do século XX que tais traduções ganharam mais força e começaram a ser projetadas e publicadas em maior escala. Além disso, foi também neste período que se começou a revisar e a corrigir diversas traduções tradicionais da Bíblia, pois, como discute Nida (1997), o surgimento de traduções modernas desencadeou a necessidade de revisar os textos tradicionais e reparar o que houvesse de ininteligível ou ambíguo.

Como indica Raupp (2015) em seu panorama histórico das traduções da Bíblia, a versão de João Ferreira de Almeida ganharia várias revisões e atualizações no último século, como foi o caso da *Versão Almeida Revista e Corrigida*, publicada nos anos de 1969, 1995 e 2009, a *Versão Almeida Revista e Atualizada*, publicada em 1959 e 1993, a *Versão Almeida Revisada de acordo com os melhores textos*, lançada em 1960, a *Almeida Edição Contemporânea*, em 1990 e sua revisão, *Almeida Edição Contemporânea Revisada* em 2010, a *Versão Almeida Corrigida e Revisada, Fiel ao Texto Original*, publicada nos anos de 1994, 1995 e 2007 e a *Versão Almeida Século 21*, lançada em 2007. Quanto ao vasto número de atualizações do texto de Ferreira de Almeida, Raupp (2015) discute a respeito do que restou do texto que é atribuído ao tradutor do século XIX. Por mais que, de fato, tais traduções já não sejam mais a obra de Almeida,

[...] a questão é que o nome “João Ferreira de Almeida” já se firmou tanto entre os protestantes de fala portuguesa que, a bem da verdade, a estima parece estar mais na alcunha dele como primeiro tradutor da Bíblia dedicado aos ideais da Reforma do que no texto em si das versões atribuídas a ele. A propósito, [...], “Almeida é

mais que uma tradução; é uma marca registrada.” (RAUPP, 2015, p. 105).

Com isso percebe-se que a canonicidade de determinadas traduções bíblicas está mais relacionada com alguns nomes de prestígio do que com os trabalhos em si, pois pouco dos produtos dessas traduções permanece nos dias atuais, devido às muitas revisões e correções. Assim como o caso das versões de Almeida, também o é a *King James*, *Reina Valera* e outras tantas traduções prestigiadas e suas revisões.

Além do reexame do texto de Almeida, Raupp (2015) ainda aborda outras Bíblias do século XX que foram revistas a fim de apresentar uma linguagem com teor mais acessível. É o caso da *Bíblia Viva* (1981) e sua revisão, a *Nova Bíblia Viva* (2010), a *Bíblia na Linguagem de hoje* (1988), revisada anos depois e republicada como *Nova Tradução na Linguagem de hoje* (2000) e da *Bíblia Pastoral* (1990).

Ademais, outras traduções surgiram originalmente com linguagem atualizada e acessível ao grande público, como é o caso de a *Nova Versão Internacional* (2000) e a *Bíblia A Mensagem* (2011). Além dessas que possuem caráter protestante, outras Bíblias – católicas e judaicas – também surgiram com a finalidade de modernizar sua linguagem, como foi o caso da *Bíblia Hebraica* (2006) e da *Bíblia Sagrada de Aparecida* (2006).

O panorama histórico de Raupp (2015) auxilia esta discussão, pois ratifica o fenômeno de atualização da linguagem do texto bíblico ao documentar diversas versões da Bíblia que são baseadas em um sistema vocabular mais espontâneo e descomplicado. Entretanto, estas novas traduções acentuaram as polêmicas dentro do meio cristão quanto à tradução literal e à tradução livre da Bíblia – as quais, muitas vezes, são consideradas paráfrases. De fato, esta discussão sempre foi central dentro dos Estudos da Tradução. Como afirma Steiner (2005), por mais que a tarefa tradutória seja datada nos primórdios da história, e por mais que diversas pesquisas e experiências empíricas com a tradução trouxeram novos conceitos para esta área do conhecimento, o conjunto de ideias teóricas é limitado.

A teoria da tradução, certamente desde o século 17, quase invariavelmente divide o tema em três classes. A primeira compreende o literalismo estrito, da correspondência palavra-a-palavra do

dicionário interlinguístico, do manual de língua estrangeira, da tradução linear. A segunda é a grande área central da ‘tradução’ pro meio da reafirmação fidedigna, mas autônoma. O tradutor reproduz minuciosamente o original, mas compõe um texto que é fluente em sua própria língua, que tem condições de se sustentar em si mesmo. A terceira classe é aquela da imitação, da recriação, da variação, do paralelo interpretativo. Ela cobre uma área ampla e difusa, que se estende das transposições do original para um idioma mais acessível até os ecos mais livres, talvez apenas alusivos ou paródicos. (STEINER, 2005, p. 275).

Assim como nos Estudos da Tradução, a discussão entre tradutores e teólogos ligados ao processo de tradução da Bíblia também está relacionada à clássica dicotomia forma *versus* conteúdo; traduzir a letra ou traduzir o sentido. O debate que parece não ter fim apenas ganha novas roupagens dentre os teóricos da contemporaneidade. Ao passo que uns defendem a tradução da letra e outros defendem a tradução do sentido, Raupp (2015) afirma que

[...] de uns tempos para cá, tem-se notado uma tendência de não mais limitar a tarefa tradutória à dicotomia *traduzir a letra ou traduzir o sentido*, que inevitavelmente acaba gerando uma visão simplista dos estudos tradutológicos. Em vez disso, tem-se observado uma aceitação progressiva de enxergarmos o fenômeno tradutório de um modo mais abrangente, a saber, como uma prática discursiva que implica uma retextualização do original em uma outra cultura, em que é o texto na sua totalidade que passa a ser visto como unidade tradutiva, e não mais suas partes isoladas umas das outras. (2015, p. 117).

Isto quer dizer que a tradução passa a ser vista como um novo produto em sua cultura e língua alvo e possui um caráter mais autônomo do que lhe era anteriormente outorgado. A partir desta visão, pode-se visualizar a tradução como uma continuidade da vida do texto original – o que lhe confere maior abrangência – e maiores possibilidades de compartilhamento entre as culturas. Isto posto, tem-se constatado a tendência por novas metodologias tradutórias para o texto bíblico e estas

estão intimamente ligadas com o conceito de funcionalidade. De fato, isso não é algo recente, pois como afirma Simms (1997, p. 17, tradução nossa): “os tradutores estão conscientes da importância da funcionalidade há muito tempo; antes mesmo que esta abordagem recebesse este nome.”<sup>16</sup> Para além desta visão, Megrab (1997, p. 231, tradução nossa), ao discutir os padrões de textualidade atrelados à tradução de textos sagrados, afirma que “o que é necessário é um modelo que transfira a função comunicativa do texto fonte. Esta função é geralmente organizada por certos critérios textuais e contextuais.”<sup>17</sup> As discussões desses autores abordam o fato de que, mesmo na Idade Média com os relatos de Lutero, ou até mesmo na antiguidade, com as declarações de Jerônimo, já se percebia a preocupação com a função comunicativa do texto bíblico e, aparentemente, esse era o princípio norteador do processo tradutório – o objetivo de tradução.

Na atualidade, os conceitos de função comunicativa e objetivo de tradução conduzem a discussão para o âmbito funcionalista, que possui Christiane Nord como expoente na contemporaneidade. Desta maneira, tendo em vista o objetivo central deste trabalho que visa analisar os níveis de sensibilidade dentro da Bíblia *A Mensagem* a partir do Funcionalismo, as próximas sessões deste trabalho se dedicam a esboçar suas bases fundamentais, o conceito de Lealdade – que surge como um princípio ético para complementar a teoria funcionalista – e, por fim, explanar como Funcionalismo + Lealdade podem se apresentar como uma proposta satisfatória para traduções de textos sensíveis e, particularmente, do texto bíblico.

## 2.4 As bases do Funcionalismo

A teoria funcionalista que hoje se propaga em grandes proporções no âmbito acadêmico se iniciou quase que juntamente com o estabelecimento da disciplina de Estudos da Tradução, por volta dos anos 70. Esta abordagem tem como base a *Skopostheorie* de Vermeer (1986) que, juntamente com Reiss (1986), esboçou o que seria uma teoria da tradução. A *Skopostheorie* ou Teoria do Escopo traz em seu nome o princípio basilar de sua abordagem; *Skopos* é a palavra grega

---

<sup>16</sup> “Translators have long been intuitively aware of the importance of functionality before it was given that name.”

<sup>17</sup> “[...] what is required is a model that transfers the communicative function of the ST. This function is generally organized by certain textual and contextual criteria.”

para “objetivo” ou “propósito”; dessa maneira, o processo de tradução estaria vinculado com o objetivo ou propósito que se tem com uma tradução. Este objetivo seria o quesito norteador para a definição de metodologias e estratégias dentro do processo tradutório e se apresentaria como justificativa plausível para o tradutor sustentar suas escolhas. Nord surge com a abordagem funcionalista partindo desta premissa – um objetivo central guia o tradutor durante todo o percurso de seu trabalho. Dessa maneira, cabe elucidar o conceito de tradução para a autora:

Tradução é a produção de um texto alvo funcional, mantendo-se uma relação com um determinado texto fonte que é especificada de acordo com a função pretendida ou exigida do texto alvo (*skopos*). A tradução permite que um ato comunicativo aconteça, o que de outra forma não seria possível devido às barreiras linguísticas e culturais. (NORD, 2016, p. 61).

Para além de um processo que é norteado por um objetivo central esboçado para a produção da tradução e que almeja alcançar determinada função, Nord (2016) enfatiza o processo tradutório como meio para a ação comunicativa, que permite um entrelaçamento maior de línguas e culturas. Dessa forma, pode-se perceber como os princípios que definem a tradução para a autora orientam as demais bases do viés teórico por ela proposto.

Assim sendo, tendo em vista a ação comunicativa, Nord (2016, p. 73) explana que “a função comunicativa é o critério determinante para a textualidade”, ou seja, ademais dos critérios de coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade, o ato comunicativo é o centro de qualquer texto ou discurso. Como “o princípio básico do funcionalismo na tradução é a orientação para a função (prospectiva) do texto alvo” (2016, p. 133), no qual cada texto tem uma função específica, entende-se que os textos pretendem, antes de qualquer coisa, comunicar algo e, dessa forma, este deveria ser o princípio fundamental de toda e qualquer tradução, pois “a noção de função de texto equivale à função comunicativa, ou à combinação de funções comunicativas que um texto cumpre na sua situação concreta de recepção.” (2016, p. 130) Além disso, a função é o fator determinante no processo de definição de estratégias de produção textual, e isso vale tanto para a produção do texto em uma língua fonte,

como a produção de um texto em uma língua alvo – a tradução propriamente dita.

Nesta perspectiva, Nord (2016) distingue os conceitos de *propósito/objetivo*, *intenção* e *função*. Para Vermeer, todos esses conceitos são abordados como sinônimos, todavia, Nord (2016) explica que a *intenção* está vinculada ao emissor – pessoa ou instituição que veicula a mensagem – ou ao produtor – quem escreve o texto na língua fonte –, destarte, a tradução deveria refletir as intenções do emissor e do produtor. Entretanto, quando não se faz possível a busca por essa intenção por motivos de grande distanciamento do texto fonte e do texto alvo, pelo desaparecimento da cultura ou pela morte dos autores, o tradutor terá de se valer apenas de suposições – o que é um fato corriqueiro no âmbito tradutório. A partir desta intenção – ou intenções – é que se esboçam os *objetivos* e *propósitos* da tradução que irão conduzir a estratégias e métodos específicos. Quanto à *função*, Nord (2016) explica que se trata da perspectiva de quem recebe o texto – receptor –, com seus propósitos particulares; essa noção equivale ao conceito de função comunicativa, como explanado acima, e esta função é cumprida no momento da recepção.

Como se pode perceber, esses três conceitos levam a uma cadeia que começa com um autor ou um texto fonte, passa pelo tradutor, porém, só se completa na recepção.

Como um produto da intenção do autor, o texto permanece provisório até que seja efetivamente recebido. É o acolhimento que completa a situação comunicativa e define a função do texto. Pode-se dizer que o texto, como um ato comunicativo, é completado pelo receptor. (NORD, 2016, p. 42).

Ou seja, não é possível que o tradutor – que é produtor do texto na língua alvo – e o produtor do texto na língua fonte ou o emissor assegurem que determinada função se concretize no momento da recepção. Esta parte do processo tem um caráter altamente subjetivo no qual se depende da individualidade de cada sujeito leitor, com seu conhecimento de mundo, entorno social e necessidades comunicativas.

Em qualquer tradução (mesmo no sentido mais tradicional da palavra) que pretende permitir que as pessoas se comuniquem através da barreira cultural e linguística, pelo menos um elemento é diferente toda vez, e este é o receptor. Mesmo se o

receptor do TA for a imagem do receptor do TF (no que se refere a sexo, idade, educação, entorno social etc.), haveria uma diferença, a saber, que é: eles estão vinculados a comunidades linguístico-culturais distintas. (NORD, 2016, p. 55).

Portanto, Nord (2016, p. 42 e 43) explica que não há possibilidades de estabelecer critérios para uma tradução otimizada no sentido de garantir determinada função, pois “se a recepção é absolutamente dependente das condições do indivíduo, não haverá qualquer possibilidade de encontrar critérios de avaliação que levem em conta cada um dos processos de recepção”.

A partir disso, cabe abordar individualmente os princípios básicos do Funcionalismo no processo tradutório explanados por Nord (2006).

Em primeiro lugar, a teoria funcionalista se vincula estritamente à *Skopostheorie* de Vermeer e tem como base o objetivo ou o propósito da tradução, que é o fator que determinará as escolhas do tradutor quanto a suas estratégias e métodos. Nord (2006) explica que em todo e qualquer caso de tradução, a definição de métodos e estratégias é baseada em algum critério ou critérios subjetivos e no caso da tradução funcional esse critério é a função ou as funções comunicativas. Sendo prioridade no viés teórico da professora alemã, a função pretendida para o texto alvo fundamenta todo o processo tradutório.

Em segundo lugar, a autora aborda o espaço do cliente ou iniciador, que exerce um papel fundamental, pois é o responsável pelo início do processo tradutório, ou seja, é este sujeito que encomenda a tradução com um determinado propósito. O cliente ou iniciador se vale de um texto fonte e desencadeia tal processo, pois “precisa de um instrumento comunicativo específico: o texto alvo” (2016, p. 28).

De acordo com a teoria funcionalista, a tradução deve se adequar aos propósitos do iniciador e “satisfazer determinados requisitos, os quais são os encargos de tradução” (2016, p. 28). O encargo de tradução, que assim convencionou-se chamar em língua portuguesa referindo-se ao *translation brief*, consiste “de uma definição prospectiva (explícita ou implícita) da situação alvo, [chamada] de *skopos* do texto alvo.” (2016, p. 28). Nord (2016) explica que se o cliente não fornece informações necessárias para o estabelecimento do encargo, cabe ao tradutor solicitar mais informações ou interpretar as indicações do cliente que podem sugerir seus propósitos. Além disso, Nord (2016) deixa claro que não é o iniciador quem “dita as regras” da tradução. O papel deste sujeito está em explicar seus propósitos, os quais serão

avaliados pelo tradutor que deve, criticamente, decidir se a tradução pode ser produzida daquela maneira e quais estratégias serão adotadas a partir daquele objetivo. Isto é, o tradutor é o profissional competente e responsável pelo processo como um todo.

Ademais, neste momento cabe a distinção dos princípios do Funcionalismo e das noções tradicionais de equivalência. Tendo em vista que “o princípio básico do funcionalismo na tradução é a orientação para a função (prospectiva) do texto alvo” (2016, p. 133), nota-se a diferença da teoria da equivalência, pois esta se vale da função do texto fonte atribuída pelo autor e da recepção do público do texto fonte. No Funcionalismo, há uma mudança de foco do texto fonte para o texto alvo, que passa a nortear as questões de função e recepção, a princípio, esboçadas pelo iniciador, executadas pelo tradutor e, por fim, concretizadas pelos receptores na língua alvo.

O ponto principal sobre a abordagem funcional é o seguinte: não é o texto fonte como tal, ou seu efeito sobre o receptor do TF, ou a função que lhe foi atribuída pelo autor, que determinam o processo de tradução, tal como postulado pela teoria da equivalência, mas sim a função pretendida ou o *skopos* do texto alvo, tal como determinado pelas necessidades do iniciador. Este ponto de vista corresponde à *Skopostheorie* de Vermeer. (NORD, 2016, p. 29).

O terceiro princípio abordado por Nord (2006, p. 31, tradução nossa) diz respeito ao fato de que “uma tradução que alcança o objetivo pretendido pode ser chamada de funcional.”<sup>18</sup> Este ponto se relaciona com a recepção do público alvo que está intimamente ligada aos dois próximos princípios esboçados pela autora.

Quando a autora explica nos dois pontos seguintes que 1) a funcionalidade não é algo inerente ao texto e que 2) não é possível garantir que tal função seja alcançada, compreende-se a subjetividade do processo e como ele é apenas concretizado no momento da recepção.

Ser funcional significa que o texto “funciona” com certo propósito para determinada esfera de receptores que estão incluídos em situações comunicativas específicas. Assim, se o objetivo pretendido é um texto que choque, o tradutor deve se valer de estratégias e escolhas vocabulares que choquem o leitor; se o objetivo é fazer rir, o tradutor

---

<sup>18</sup> “A translation that achieves the intended purpose may be called functional.”

deve buscar meios que garantam o humor para o texto e que levem o receptor ao riso. Todavia, essas intenções se cumprirão somente no ato da recepção e nem o tradutor, nem o iniciador tem total controle sobre elas. Desta forma, cabe ao receptor atribuir ao texto a qualidade de funcional. A depender de sua visão, o novo leitor determinará se o texto “funcionou” ou não para ele em uma situação particular. Além disso, Nord (2006, p. 31, tradução nossa) explicita um fator importante, que é o caso de que “o produtor do texto (e também o tradutor como um produtor de texto) tem de avaliar a capacidade de compreensão e cooperação do público e antecipar possíveis efeitos que certas formas de expressão podem ter nos leitores.”<sup>19</sup> Essa cooperação diz respeito ao reconhecimento de marcadores funcionais que o tradutor pode inserir no texto, de forma consciente ou inconsciente, que indiquem qual é a função que ele espera alcançar no momento da recepção. Como exemplos servem a inserção de um título como “instruções de uso”; certos tipos de estruturas de frases, como o uso do modo imperativo em receitas etc.

Dessa forma, se os receptores reconhecem os marcadores funcionais, eles aceitarão o texto como na função pretendida, mas esses marcadores só podem ser interpretados corretamente pelo receptor que está familiarizado com o “código marcador” que é utilizado, ou seja, se em sua cultura convencionou-se o uso daquela estrutura. (Nord, 2006, p. 32).

Em seguida, Nord (2006, p. 32, tradução nossa) explica que outro princípio básico da teoria funcionalista é “encontrar o equilíbrio apropriado entre informações velhas e novas.”<sup>20</sup> Este aspecto está estritamente relacionado com o contexto no qual o receptor está inserido. Se o texto traz muitas informações novas ou conceitos que causem estranhamento, o receptor pode julgar a tradução incompreensível; por outro lado, se o texto não oferece nada de novo para o leitor, ele pode classificar o texto como dispensável. Dessa forma, é relevante que se considere o tempo e o espaço no qual estão inseridos o emissor e seu texto fonte e o receptor e o texto alvo.

---

<sup>19</sup> “The text producer (and the translator as text producer, too) has, therefore, to evaluate the audience’s capacities of comprehension and cooperation and anticipate the possible effects which certain forms of expression may have on the readership.”

<sup>20</sup> “[...] to find the appropriate balance between new and old information.”

Uma vez que, na comunicação escrita, o emissor e o receptor estão geralmente separados no tempo e no espaço, temos que fazer uma distinção entre a situação da produção do texto e aquela da recepção do texto, seja na cultura fonte (CF) ou na cultura alvo (CA). (NORD, 2016, p. 26).

Para além da necessidade dessa distinção, Nord (2016) enfatiza que o público é uma questão extremamente importante, senão a mais importante, no processo tradutório. Todavia, ela afirma que “embora a importância do público seja comumente reconhecida na teoria da tradução, não há qualquer outro fator que seja tão frequentemente negligenciado na prática de tradução”. (2016, p. 98) Certamente, o tradutor se vê, muitas vezes, preso a questões de liberdade, fidelidade, criatividade, desconstrução, que pode deixar passar despercebida a importância de seus receptores, aos quais se destina a obra.

Por fim, mas não menos importante, Nord (2006) ressalta que, apoiada no viés funcionalista,

[...] especialmente no caso de textos traduzidos de uma cultura fonte que está distante em tempo e espaço do ambiente cultural alvo, a função (ou a hierarquia de funções) pretendida ou alcançada pelo texto alvo pode ser diferente daquela função pretendida ou alcançada pelo texto fonte.<sup>21</sup> (2006, p. 32, tradução nossa).

Com isso, Nord (2006) reafirma o princípio de que cada tradução há de respeitar determinado objetivo tendo em vista sua função particular, e a depender da finalidade do texto, a abordagem deverá se distinguir. É importante destacar que a modificação de funções não diz respeito somente ao texto alvo; o texto fonte também pode conter diferentes funções, pois a função nunca é inerente ao texto. Considerando que a função de um texto é estabelecida a partir da situação comunicativa na qual se encontra e é concretizada no momento da recepção, a opinião do tradutor sobre qual é a função de um texto em

---

<sup>21</sup> “Especially in the case of texts translated from a source culture that is distant in time and/or space from the target-cultural environment, the function (or hierarchy of functions) intended for, and/or achieved by, the target text may be different from that intended for, and/or achieved by, the source text.”

particular é só uma das muitas possibilidades existentes, não podendo ser considerada como definitiva.

Portanto, tendo como base os princípios desenvolvidos até aqui, tem-se mais alguns aspectos da teoria funcionalista a serem considerados. Um desses tópicos é o Modelo Circular que Nord (2016) desenvolve, distinguindo-o dos modelos de duas e de três fases. O modelo de duas fases propõe um esquema conciso e linear em que o tradutor trabalharia em duas etapas: 1º) a análise, na qual o tradutor lê o texto fonte e tenta compreender seus aspectos relevantes; 2º) a síntese, na qual o tradutor reverbaliza o sentido do texto fonte em sua língua alvo. Esse modelo leva em conta o conceito de equivalência, na qual o tradutor transporta sentidos supostamente equivalentes entre língua fonte e língua alvo. Como Nord (2016, p. 66) explica, “o modelo de duas etapas se baseia no pressuposto de que traduzir é uma operação de troca de códigos [...] e sugere indevidamente que competência receptiva no idioma fonte e competência produtiva na língua alvo são tudo o que um tradutor precisa”.

Por outro lado, o modelo de três fases apresenta uma fase intermediária não existente no modelo de duas fases, que se refere à transferência. Sendo dividida nas fases: 1º) análise, 2º) transferência e 3º) síntese, a primeira e a terceira fase se assemelham às do modelo anteriormente explanado, porém, a fase de transição entre as outras duas sugere um estágio de transcodificação. É neste momento em que a mensagem recebida e seu significado são atrelados à intenção do texto alvo, ou seja, “a competência para transferência vem à tona, pois é aqui que o tradutor precisa desenvolver uma espécie de plano ou estratégia tradutória.” (Nord, 2016, p. 67).

Repensando tais sistemas, a autora esboça o Modelo Circular – como o nome já sugere, propõe um movimento em círculos – no qual “o processo de tradução contém uma série de pequenos movimentos circulares que se mantêm recorrentes entre a situação do TF e o TF, entre a situação do TA e o TA, entre os passos da análise e entre a análise do TF e a síntese do TA.” (2016, p. 71 e 72).

Por mais que o movimento de três fases já indique uma metodologia e estratégias guiadas por um objetivo, ele não esboça um encargo de tradução e, de acordo com Nord (2016, p. 69), o encargo “é o único meio de verificação dos resultados da recepção do TF pelo tradutor e, assim, submete-os a um critério mais objetivo”.

Assim sendo, o primeiro passo seria a análise e interpretação do *skopos* da tradução; em seguida, o tradutor analisaria o texto fonte, primeiramente lendo de forma geral para verificar se o propósito traçado

no encargo é compatível com o texto fonte e, secundamente, lendo de forma mais atenta para recolher o máximo de informações e se atentar às categorias mais relevantes para a produção do texto alvo, tendo em vista o *skopos*. Depois disso, “o tradutor tem de decidir quais dos elementos potencialmente apropriados da LA serão adequados para a função do TA.” (Nord, 2016, p. 70). Somente após esses passos que o tradutor estruturaria o texto alvo e fecharia o círculo. Todavia, como a autora esboça, esse modelo permite e até aconselha que o tradutor olhe para trás a cada etapa, ou seja, por mais que esteja na fase de estruturação, por exemplo, ele pode visitar a análise do encargo ou repensar as escolhas de estratégias e metodologias. Dessa maneira, o tradutor não segue uma linha cronológica de ações até seu produto final; ele é possibilitado de voltar às fases anteriores a fim de aperfeiçoar seu trabalho. De fato, esse modelo é mais condizente com a realidade do ofício do tradutor que se ocupa dessa tarefa considerada inacabada, pois, a cada revisão, novas formulações são pensadas e, se possível, reeditadas e revisadas.

Por conseguinte, reafirmando que “a função comunicativa é o critério determinante para a textualidade” (2016, p. 73), Nord (2016) discute os fatores da situação comunicativa que são decisivos para a análise textual de uma tradução, bem como para o estabelecimento da função comunicativa em si. A autora distingue esses fatores entre extratextuais e intratextuais, os quais são expressos na Fórmula Q<sup>22</sup> – apresentada no quadro abaixo:

**Quadro 1:** Fórmula Q

Quem transmite	Sobre <b>qual</b> assunto ele diz
Para <b>quê</b>	O <b>quê</b>
Para <b>quem</b>	(o <b>que</b> não)
Por <b>qual</b> meio	Em <b>qual</b> ordem

<sup>22</sup> De acordo com Nord (2016, p. 74), esta metodologia foi “datada do século II a.C., quando o estoico Hermagoras de Temnos cunhou a fórmula ‘quis quid quando ubi cur quem ad modum quibus adminiculis’, a qual foi convertida em um hexâmetro por Mateus de Vendôme (Mathaeus Vindocinensis) em 1170 (‘Quis quid ubi quibus auxiliis cur quomodo quando?’), essa fórmula foi introduzida na Nova Retórica Americana por Harold Dwight Lasswell em 1948: ‘Who says what in which channel to whom with what effect?’ [‘Quem diz o quê, em que canal, a quem, com que efeito?’].” A fórmula foi ampliada, de acordo com Nord (2016), como uma “cadeia pragmática universal [...] para os estudos lexicológicos e de tipologia textual.” Posteriormente, seriam inseridos no contexto dos Estudos da Tradução.

Em qual lugar Quando Por quê Com qual função	Usando quais elementos não verbais Com quais palavras Em quais orações Com qual tom
Com qual efeito?	

**Fonte:** Nord (2016, p. 74).

As questões descritas do lado esquerdo da tabela estão relacionadas aos fatores extratextuais, enquanto que as questões do lado direito dizem respeito aos fatores intratextuais. Como os nomes dos fatores e as perguntas relacionadas a eles sugerem, os fatores extratextuais remetem ao que está externo ao texto, à medida que os intratextuais condizem com os componentes presentes no texto – e estes podem ser elementos verbais e não verbais.

Conforme Nord (2016), os fatores extratextuais correspondem a quem é o autor ou o emissor do texto (quem?), qual a intenção desse emissor (para quê?), para qual público o texto é direcionado (para quem?), qual é o canal ou o meio em que o texto será publicado/comunicado (em qual meio?), o lugar – e aqui se refere a um espaço geográfico, cidade, país etc (em qual lugar?), qual o tempo em que o texto foi primeiramente produzido e quando será a recepção (quando?) e qual é a razão desta comunicação (para quê?). Todos esses fatores juntos podem trazer a resposta da última pergunta que diz respeito à função pretendida (com qual função?).

Os fatores intratextuais dizem respeito ao tema do qual o texto trata (sobre qual assunto?), as informações ou conteúdos contidos no texto (o quê?), os pressupostos feitos pelo autor (o que não?), a estrutura formal do texto (em qual ordem?), os elementos não linguísticos que existem no texto (utilizando quais elementos não verbais?), o léxico utilizado (com quais palavras?), a organização sintática (em/com quais orações?) e as características de entonação e prosódia (com qual tom?). Por fim, a última pergunta tem relação com a interdependência dos fatores extratextuais e intratextuais (com qual efeito?).

A tabela abaixo demonstra os correspondentes das perguntas da Fórmula Q.

**Quadro 2:** Tabela de análise textual para tradução com elementos extra e intratextuais

Autor ou emissor do texto A intenção do emissor	O tema que o texto trata A informação ou conteúdo do texto
--	---

<p>O público para qual o texto se direciona          Meio ou canal onde o texto é publicado          Lugar (geográfico: país, cidade)          Tempo de produção e de recepção do texto          Motivo da comunicação          Todas as informações acima podem fornecer uma resposta para a última pergunta</p>	<p>Pressuposições de conhecimento feitas pelo autor          A estruturação do texto          Elementos não linguísticos ou paralinguísticos que compõem o texto          Estrutura lexical          Estruturas sintáticas          Características de entonação e prosódia</p>
<p><b>Interdependência dos fatores extra e intratextuais</b></p>	

**Fonte:** Nord (2016).

Todos esses fatores combinados possibilitam a análise textual de uma tradução e, como explica Nord (2016), somente com um encargo de tradução bem definido é possível verificar os resultados da recepção do texto na língua fonte e na língua alvo, possibilitando também a comparação entre diferentes traduções do mesmo texto fonte.

Em suma, a proposta do Funcionalismo se apresentou como um “xeque-mate” para os tradutores, que agora poderiam justificar seu trabalho de forma satisfatória e convincente, apoiando-se no fato de que eram fiéis a um objetivo anteriormente traçado e, dessa maneira, não caberiam juízos de valor referentes à fidelidade ou infidelidade linguística. Entretanto, a concepção de Nord não conseguiu evitar duras críticas que colocariam em dúvida a credibilidade suas bases fundamentais.

Pym (1996) foi um dos teóricos que traçou umas das críticas que levariam Nord a esboçar novas perspectivas para corrigir as “falhas” do Funcionalismo.

Embora a insistência no objetivo torne possível descrever a responsabilidade do tradutor como sendo atingir determinadas metas, isso não pode fornecer a base para uma ética profissional em qualquer sentido da palavra. Tal teoria pode gerar uma maneira de discernir entre bons e maus propósitos, entre boas e más estratégias de tradução? Ou o seu objetivo é meramente produzir especialistas mercenários, capazes de lutar sob a

bandeira de qualquer propósito capaz de pagá-los?<sup>23</sup> (PYM, 1996, p. 338, tradução nossa).

O ponto chave de Pym (1996) foi a ética, pois, com a justificativa de qualquer objetivo poder determinar os procedimentos de uma tradução, o tradutor poderia traduzir qualquer texto fonte da forma que lhe fosse conveniente. Ou seja, os propósitos de tradução justificariam os procedimentos de tradução, o que é bastante semelhante à expressão “os fins justificam os meios” (PYM, 1996). Assim, o Funcionalismo abriria um leque muito grande de possibilidades – ou de escopos – que comprometeriam a ética dessa atividade.

A partir disso, Nord (2007, p. 9) apresenta o conceito de *Lealdade*, que torna a Teoria do Escopo ou o Funcionalismo um modelo anti-universalista e reduz a prescritividade do Funcionalismo “radical”.

#### 2.4.1 O conceito de lealdade

O conceito de Lealdade surge a partir do ano de 1989 com a função de reavaliar alguns princípios do Funcionalismo e responder às críticas que afirmavam que na Teoria do Escopo, “o texto é tão intimamente ligado com o seu propósito que parece não existir nenhum outro tipo de responsabilidade e, sim, uma liberdade absoluta no que diz respeito ao texto fonte.” (NORD, 2016, p. 61).

Novamente, a discussão se volta para a dicotomia liberdade *versus* fidelidade, pois tais questionamentos relativos ao grande leque de possibilidades do Funcionalismo trazem consigo o pressuposto de que a tradução não pode ser um “vale-tudo” em que o tradutor é livre para atuar a seu bel-prazer. Todavia, o conceito de fidelidade – que é tipicamente relacionado a questões linguísticas – também já se mostra ultrapassado e incompatível com a realidade do tradutor. Dessa forma, há a busca incessante por um equilíbrio saudável, que tire o pesado fardo de fidelidade linguística das costas do tradutor – que supõe que a língua é composta de sentidos puros e que é possível encontrar equivalentes igualmente puros entre as línguas da tradução –, mas que também

---

<sup>23</sup> “[...] although the insistence on purpose makes it possible to describe the translator’s responsibility as being to attain given goals, this cannot provide the basis for a professional ethics in any strong sense of the word. Can such a theory generate a way of discerning between good and bad purposes, between good and bad translation strategies? Or is its aim merely to produce mercenary experts, able to fight under the flag of any purpose able to pay them?”

estabeleça um limite ético para que a prática tradutória demonstre seriedade e conquiste o respeito e a confiança de seu público que possui expectativas quanto à leitura de uma tradução.

Neste sentido, a Lealdade surge como “uma limitação ética para a ilimitada variedade de objetivos (*skopoi*) possíveis para a tradução de um texto fonte em particular”<sup>24</sup> (Nord, 2007, p. 9, tradução nossa), pois, sem ela, o tradutor seria “unilateralmente comprometido com a situação alvo.” (2016, p. 61). Pym (1996, p. 139, tradução nossa) também critica essa plena serventia à cultura alvo afirmando que “geralmente, estas abordagens [funcionalistas – baseadas no objetivo] são marcadas por um relativismo cultural muito forte, e completadas com a preocupação correspondente sobre o seu próprio centrismo cultural.”<sup>25</sup> Isto é, o que era anteriormente hierarquizado a partir do texto fonte e da cultura fonte, simplesmente resulta na inversão da pirâmide e na criação de uma nova hierarquia – agora totalmente centrada na cultura alvo. De acordo com a crítica de Pym (1996), isso denota um aspecto negativo no processo tradutório, pois continua a repercutir as antigas tradições da tradução, apenas invertendo a pirâmide de hierarquias.

A partir do princípio de Lealdade o tradutor passa e se comprometer bilateralmente com emissor e autor do texto fonte e com seus receptores na língua alvo. É como se ambos os lados envolvidos no processo tradutório fossem colocados em uma balança de dois pratos que deveria estar completamente nivelada, não pendendo nem para um lado, nem para outro. De fato, por mais que esta seja uma realidade idealizada que nem sempre pode ser alcançada, de acordo com Nord (2016), a busca por esse resultado garantirá maior confiabilidade para o tradutor.

Além disso, o conceito de Lealdade é importante, pois, se for considerado o fato de que o tradutor – supostamente – é o único sujeito entre as partes que conhece ambas as línguas e culturas envolvidas no processo tradutório, ele poderia manipular os textos de acordo com suas próprias vontades. Por mais que a subjetividade do sujeito tradutor como indivíduo único com suas características ideológicas, culturais, históricas etc, seja permeada nas entrelinhas de seu produto, isso não se configura em manipulação, como discute o professor israelense Aslanov (2015). A manipulação, por mais que possa acontecer, em alguns

---

<sup>24</sup> “[...] an ethical limitation to the otherwise unlimited range of possible *skopoi* for the translation of one particular source text.”

<sup>25</sup> “[...] these approaches are generally marked by a strong cultural relativism, complete with corresponding concern about their own cultural centrism.”

contextos, de forma inconsciente, em grande parte de suas ocorrências sucede de forma intencional com apropriações fraudulentas e desonestas, o que implica em um processo desleal por parte do tradutor tanto para com seu cliente quanto para com seus receptores. É neste momento que o tradutor deve assumir uma posição leal tendo certeza de que no percurso da interação entre todas as partes (autor, cliente, tradutor e leitor), nenhuma dessas será prejudicada.

Por conseguinte, Nord (2007) entende que é necessário fazer a distinção entre Lealdade e Fidelidade afirmando que

[...] a Lealdade *não* é a velha Fidelidade em nova roupagem. A Fidelidade se refere a uma relação entre texto fonte e texto alvo como entidades linguísticas. [...] A Lealdade, no entanto, é uma categoria interpessoal que se refere a uma relação social entre indivíduos. Pode ser definida como a responsabilidade que os tradutores têm com as partes envolvidas na interação tradutória.<sup>26</sup> (2007, p. 18, tradução nossa).

Com isso em mente é possível perceber que o conceito de Lealdade diz respeito a uma relação interpessoal que leva em conta as intenções comunicativas do emissor e do produtor, bem como as expectativas de seus receptores, enquanto o conceito de Fidelidade estaria mais relacionado com a similaridade linguística e estilística entre texto fonte e texto alvo.

Quanto à parte do emissor ou do produtor do texto, o tradutor se compromete em desenvolver e respeitar o objetivo proposto e tentar alcançar a função pretendida. Porém, é importante enfatizar que respeitar não quer dizer fazer o que os outros mandam. Nord (2006) argumenta que o respeito pelo encargo proposto denota consideração com as *teorias subjetivas* – expectativas – das partes envolvidas no processo tradutório. Além disso, ao ter um comportamento leal, o tradutor é livre para analisar o encargo de tradução juntamente com o texto e explicar para o cliente se estes são ou não compatíveis, sendo

---

<sup>26</sup> “Loyalty is *not* the old faithfulness or fidelity in new clothes. Faithfulness and fidelity referred to a relationship holding between the source and the target *texts* as linguistic entities. [...] Loyalty, however, is an interpersonal category referring to a social relationship between individuals. It can be defined as the responsibility translators have toward their partners in the translational interaction.”

necessária uma reformulação do encargo. Caso o cliente não aceite e o tradutor entenda que aquele encargo implicará em deslealdade ou para com o autor ou para com o receptor da obra, o tradutor tem a obrigação moral de recusar tal trabalho.

Ademais, isto não significa fazer o que os outros esperam que o tradutor faça, pois as partes envolvidas podem ter diferentes expectativas – teorias subjetivas – que podem conflitar entre si e cabe somente ao tradutor definir qual é a mais adequada. Isso também pelo fato de o tradutor ser o profissional competente nesta relação que é capaz de descobrir possíveis conflitos, resolvê-los ou evitá-los, o que também implica em uma relação de confiança entre todas as partes envolvidas, pois creditarão ao tradutor a responsabilidade de tal tarefa.

Quanto à parte dos receptores, o tradutor deve ser leal às expectativas desse público. É fato que essas teorias subjetivas são variadas e díspares, todavia, cabe ao tradutor adequar o texto fonte de acordo com o novo contexto de recepção e, além disso, tendo obrigação moral de justificar seus métodos e estratégias.

Quanto à justificativa de métodos, estratégias e escolhas de tradução e já tendo a tradução da Bíblia como exemplo, Nord (2007) explica que

[...] se os tradutores optam por utilizar palavras estilisticamente marcadas como “modernas” [...] em uma tradução de um texto considerado “antigo” de acordo com o conhecimento de mundo dos receptores e suas experiências prévias de tradução, eles têm a obrigação moral de justificar suas estratégias de tradução dizendo aos leitores o que eles fizeram e porque fizeram.<sup>27</sup> (NORD, 2007, p. 18 e 19, tradução nossa).

Essas justificativas têm sido comuns nas traduções dos textos bíblicos principalmente nos espaços dedicados aos paratextos. Nos prefácios e posfácios, os tradutores têm inserido informações a respeito da metodologia que orientou a tradução, algumas explicações quanto a termos específicos bem como o público que pretendem alcançar. Isso

---

<sup>27</sup> “If the translators decide to use words stylistically marked as ‘modern’ [...] in the translation of a text classified as ‘old’ according to the receivers’ world knowledge and experience of previous translations, they have a moral obligation to justify their translation strategies telling the readers what they did and why they did it.”

denota o caráter leal no perfil desses tradutores. Assim, pode-se afirmar que a Lealdade não é uma característica do produto final da tradução, mas, sim, um comportamento que guia o processo como um todo.

Por fim, cabe enaltecer que Nord (2016) se utiliza desse conceito também na prática de formação de tradutores. A Lealdade entra como um critério complementar para alguns aspectos do Funcionalismo e leva os prospectivos tradutores a refletirem sobre todas as partes envolvidas no processo tradutório – que são indivíduos e não textos.

Enfim, caberia o questionamento se essa perspectiva ética evita a manipulação e se ela realmente limita os objetivos propostos no processo tradutório. Nord (2002) explica que

[...] de fato, a “lealdade” não previne os tradutores de cometerem erros ou de tomarem decisões erradas. Mas uma consideração cuidadosa das possíveis consequências de suas ações, que levam em conta os interesses e expectativas de todas as pessoas envolvidas, pode levar os tradutores a uma atitude mais responsável em relação ao seu papel como mediadores culturais. E esse comportamento, por sua vez, pode contribuir para uma melhor imagem social da profissão.<sup>28</sup> (2002, p. 42, tradução nossa).

Assim, ao assumir um posicionamento leal, o tradutor não tentará manipular o texto, enganando assim, as partes envolvidas nesta interação. Além disso, ao ser leal, a gama de variedades de escopos se reduz, pois o tradutor terá o cuidado de interpretar o encargo à luz das intenções do emissor e do produtor do texto.

Dessa maneira, tem-se um princípio ético que corrige possíveis equívocos da teoria funcionalista e que pode se inserir na discussão da tradução de textos bíblicos, pois estes, por possuírem caráter sensível, devem levar em conta as expectativas e crenças do público leitor no momento de sua tradução bem como a busca por informações na história e nas pesquisas teológicas sobre os sentidos contidos no texto. Com isto

---

<sup>28</sup> “Of course, ‘loyalty’ does not prevent translators from being mistaken, or from taking the wrong decision. But a careful consideration of the possible consequences of their actions, which takes into account the interests and expectations of all the other persons involved, may lead translators to a more responsible attitude towards their role as cultural mediators. And this behavior may, in turn, contribute to a better social image of the profession.”

em mente, Nord, como tradutora e teórica, se propôs a traduzir o Novo Testamento da Bíblia protestante juntamente com alguns livros apócrifos em alemão contemporâneo (DNT 1999) e discutiu tal processo à luz da Lealdade incluída no viés funcionalista. Juntamente com seu marido, Klaus Berger – teólogo alemão, especialista no Novo Testamento e professor de Teologia em Heidelberg –, fizeram um trabalho que envolveu competências divididas; ela como tradutora e teórica da tradução e ele como teólogo.

A partir desta tradução, Nord apresentou diversas análises que sempre levavam em conta o viés funcionalista juntamente com um comportamento leal – o que se configurou em uma proposta satisfatória para a tradução de um texto sensível como a Bíblia. Dessa maneira, a sessão a seguir discute ambos os conceitos atrelados para embasar, também, a análise dos trechos da Bíblia em linguagem contemporânea *A Mensagem*.

#### **2.4.2 Funcionalismo e lealdade: uma proposta de Nord para a tradução do texto bíblico**

Conforme explanado previamente, “a *Skopostheorie* radical foi criticada por permitir que os fins justifiquem os meios no processo tradutório, o que torna essa teoria inapropriada para a tradução de textos – literários e bíblicos – que são fortemente determinados pela intenção pessoal do autor.”<sup>29</sup> (NORD, 2002, p. 32, tradução nossa). Dessa maneira, não somente pensando em textos sagrados e literários, mas sim em todo e qualquer processo tradutório, Nord complementou a abordagem funcionalista com o conceito de Lealdade que, como argumenta a autora, “pode ser um corretor não apenas nos processos de tradução orientados pela função, mas também naqueles baseados em equivalência.”<sup>30</sup> (2002, p. 32, tradução nossa).

Esse corretor se dá pelo fato de o conceito não se configurar em um caráter inerente ao produto da tradução, mas, sim, como um princípio ético que deve conduzir o comportamento do tradutor. Assim, tendo o tradutor uma conduta ética de lealdade para com seu trabalho,

---

<sup>29</sup> “Radical *Skopos-theory* has been criticised for allowing the end to justify the means in the translation process, which would make this theory inappropriate to the translation of texts – such as literary or biblical – that are largely determined by the author’s personal intention.”

<sup>30</sup> “[...] can be a corrective not only in function-oriented, but also in equivalence-based translation processes.”

ele não tentará manipular o processo e nem ludibriar nenhuma das partes envolvidas – autor, cliente ou receptores.

Portanto, ao compreender o princípio da Lealdade atrelado ao Funcionalismo, tem-se uma abordagem pertinente para a tradução de textos sagrados, pois, como já afirmado por Nord (2002), estes são textos fortemente estabelecidos, tendo em vista a intenção de seu autor. De fato, ao prezar pela expectativa do povo cristão, é impossível guiar um projeto de tradução da Bíblia sem levar em conta o que se considera ser as intenções dos autores dos livros ali contidos e do autor que se entende ter inspirado tal obra – Deus. Dessa maneira, o tradutor tem de se valer de pesquisas no campo da Teologia, da Hermenêutica, da Arqueologia dentre outras áreas do conhecimento ou, como conduzido por Nord (1999), considerar a importância de um trabalho feito em conjunto, entre tradutores profissionais e teólogos. Certamente, a competência teológica e a competência tradutória são dois fatores indispensáveis em uma iniciativa de tradução bíblica, pois ambas as competências se complementarão e serão condizentes com as expectativas gerais dos receptores desta obra.

Neste momento, todos os conceitos abordados nesta pesquisa ficam evidentes, pois, por ser tratar de um material considerado sensível, a Bíblia carrega necessidades especiais no que tange o contexto de produção de texto em uma língua alvo. Assim, por possuir essa característica para a comunidade cristã, sua tradução vindica questões principalmente relacionadas à função pretendida pelos autores dos textos originais. E, por mais que a função possa se modificar de texto fonte para texto alvo, como explica Nord (2016), as teorias subjetivas dos leitores cristãos, em sua maioria, dizem respeito à busca pelas funções estabelecidas e pretendidas pelos autores dos livros da Bíblia e pelas intenções do ser supremo. Todavia, para além da questão da função – como efeito e objetivo proposto –, Simms (1997) afirma que os tradutores sempre estiveram cientes da questão da funcionalidade ao traduzir o texto bíblico mesmo antes que esse conceito fosse esboçado; porém, aqui, a funcionalidade diz respeito também ao fato de “funcionar” para determinado público e, isto posto, pensa-se nos níveis de linguagem propostos para uma tradução da Bíblia.

Assim, quando as traduções modernas da Bíblia começam a ser propostas, infere-se um objetivo bastante específico de atualizar sua linguagem para um público muito bem delimitado – o que traz à luz uma concepção baseada no Funcionalismo ou, como mais indicam os

paratextos dessas traduções, projetos guiados pela Equivalência Dinâmica (ou Funcional) de Nida (1964)<sup>31</sup>.

Todavia, o esboço de ilimitados objetivos de tradução pode acarretar em incredulidade por certa fatia de receptores do texto bíblico e, a partir disso, o conceito de Lealdade se torna um corretor satisfatório que garante que as funções pretendidas pelo autor sejam buscadas na tradução e que, ao mesmo tempo, se apresente algo inteligível e funcional para seus receptores.

Assim, tem-se uma proposta de tradução para a Bíblia que garantiria a confiança de todas as partes envolvidas no processo tradutório.

É importante ressaltar que segundo Nord (2007), o princípio de Lealdade também serve para reduzir ambiguidades e desfazer trechos que causem estranhamento no receptor, mesmo que para isso o tradutor tenha que acrescentar frases explicativas ou valer-se de outras estratégias. No entanto, a autora enfatiza que isso deve ser feito “sob a condição de que a decisão seja exposta e justificada, por exemplo, em uma nota de rodapé.”<sup>32</sup> (NORD, 2007, p. 15, tradução nossa). Esta foi a proposta executada em sua tradução do Novo Testamento para o alemão (DNT 1999) que a autora discute em diversos artigos e nos quais aborda os conceitos de Funcionalidade e Lealdade como interdependentes e como base para a tradução do texto bíblico.

Dessa maneira, tendo em vista a proposta de Nord para a tradução da Bíblia e para análise de tradução, a próxima seção discute, brevemente, a legitimidade do surgimento e do estabelecimento de diferentes versões da Bíblia. Posteriormente é apresentada uma breve análise dos paratextos das Bíblias utilizadas como contraste à Bíblia *A Mensagem* – NVI, NTLH e ARA – e, em seguida, discorre-se sobre as características da Bíblia em linguagem contemporânea *A Mensagem*,

---

<sup>31</sup> Os conceitos de Equivalência Formal e Equivalência Dinâmica ou Funcional foram esboçados por Nida (1964, pp. 165-171) e se referem, respectivamente, a uma tradução orientada pelo texto fonte e uma tradução orientada no leitor alvo. Enquanto a Equivalência Formal tentaria reproduzir diversos elementos formais como unidades gramaticais, uso de palavras, sentidos do texto fonte, mantendo parágrafos, pontuações, e estrutura das frases, a Equivalência Dinâmica ou Funcional teria seu foco no sentido do texto para o novo leitor ao invés de primar pelo nível estrutural. Dessa maneira, a Equivalência Dinâmica ou Funcional tentaria formular uma tradução natural, que diz respeito à cultura e língua alvo, ao contexto específico da mensagem e ao público da língua alvo.

<sup>32</sup> “[...] under the condition of the decision is laid open and justified, e.g. in a footnote.”

tendo em vista seus paratextos, também esboçando seu encargo de tradução em uma tabela baseada na Fórmula Q, para servir de aparato às análises que serão feitas posteriormente.

Antes das análises dos trechos poéticos e proféticos, ainda é feita uma breve discussão sobre a divisão dos livros da Bíblia em categorias – livros jurídicos (Pentateuco), históricos, poéticos, proféticos, evangelhos e cartas, a fim de contextualizar a natureza dos trechos selecionados para análise e porque eles se diferenciam em graus de sensibilidade.



### 3 BÍBLIAS MODERNAS

Como já mencionado anteriormente, o surgimento de novas traduções da Bíblia sempre foi um fator causador de inquietações no público leitor cristão. Mesmo quando apareceram as primeiras traduções, olhares desconfiados sempre estiveram sob os tradutores responsáveis e sob o processo como um todo. Assim, com o passar dos séculos, e especialmente no final do século XIX e durante todo o século XX, a emergência de novas versões da Bíblia que se propunham em atualizar o conteúdo anteriormente publicado causou divergência e, até mesmo, a segmentação entre grupos de cristãos.

Sayão (2003, p. 21), ao apresentar a tradução da NVI, discute brevemente este desconforto por parte do público cristão ao narrar uma situação na qual um senhor relatou: “não sei por que tantas Bíblias diferentes; gostaria que existisse uma única versão da Bíblia, ainda que estivesse errada; pelo menos todos leriam juntos a mesma coisa na igreja.”

É interessante perceber que estes leitores se valem da premissa que a Bíblia deve ser única e, assim, atribuem esse caráter também às traduções. Todavia, a existência de diversas versões do texto bíblico não configura em desconstrução do texto sagrado, mas sim em projetos que visam objetivos distintos. Este aspecto, amplamente discutido nesta pesquisa até aqui, leva em conta também diferentes tipos de leitores, o que pode modificar em graus elevados a definição de estratégias e métodos de tradução que resultarão em produtos bastante peculiares e que podem diferenciar em forma e estilo. Como afirma o Comitê da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (1954, p. 54, tradução nossa), “para que seja feito uso inteligente das diferentes versões, é necessário estar familiarizado com os objetivos e os princípios metodológicos dos tradutores. Nem todos seguiram métodos idênticos ou buscaram o mesmo resultado.”<sup>33</sup>

Ademais, um quesito importante a ressaltar neste momento é o descobrimento de novos manuscritos. Como afirma Sayão (2003, p. 23 e 24), “nos últimos 150 anos o mundo acompanhou desenvolvimentos na área da arqueologia que contribuiriam para a compreensão e tradução dos manuscritos antigos do texto bíblico e essa compreensão é muito maior do que a que se tinha há 150 anos.” Ou seja, os recursos que

---

<sup>33</sup> ‘In order to make an intelligent use of the different versions, it is necessary to be familiar with the objectives and working principles of the translators. Not all followed identical methods or sought the same results.’”

foram se tornando disponíveis são muito maiores do que em épocas passadas, o que justificaria a necessidade de revisitações às traduções já publicadas.

Geisler e Nix (1997) afirmam que o número de manuscritos antigos da Bíblia disponíveis hoje é bastante considerável, tendo o Novo Testamento mais de 5 mil cópias que possuem um grau de compatibilidade e fidedignidade muito grande e os manuscritos do Antigo Testamento, mesmo que em número menor, se apresentam com variações mínimas que mais dizem respeito a alterações acidentais ou intencionais feitas por escribas mas que não comprometem a autenticidade dos textos antigos visto a possibilidade de comparação com diversas outras cópias. Assim, Geisler e Nix (1997) explicam que

[...] diferentemente do Novo Testamento, que baseia sua fidelidade textual na multiplicidade de cópias de manuscritos, o texto do Antigo Testamento deve sua exatidão à habilidade e à confiabilidade dos escribas que o transmitiram. [...] A integridade do Antigo Testamento foi confirmada em primeiro lugar pela fidelidade do processo de transmissão, posteriormente confirmada pelos rolos do mar Morto. (1997, p. 142 e 145).

Assim sendo, considera-se que os novos achados de manuscritos referentes ao cânon bíblico foram fator circunstancial para a comprovação da autenticidade das redações consideradas autógrafas pela Crítica Textual. Até a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, explicam Geisler e Nix (1997, p. 140), “só uns poucos manuscritos hebraicos do Antigo Testamento eram conhecidos. Aliás, antes da descoberta dos manuscritos *Cairo Certeza*, em 1890, só 731 manuscritos hebraicos haviam sido publicados.” A descoberta dos Manuscritos do Mar Morto que ocorreu, como narram Geisler e Nix (1997, p. 143), “em março de 1947, quando um juvenzinho árabe (Muhammad adh-Dhib) estava perseguindo uma cabra perdida nas grutas, a doze quilômetros ao sul de Jericó e um e meio quilômetro a oeste do mar Morto”, auxiliaria as áreas da Crítica Textual – campo responsável pela investigação do texto bíblico e que desenvolveu critérios científicos e objetivos para a análise da Bíblia – e da Teologia em geral no que tange a hermenêutica bíblica assim como também faria com que grupos de tradutores enxergassem a necessidade de revisões das traduções já existentes e da formulação de novas traduções.

Com estas novas descobertas, outras inquietações poderiam surgir e estas dizem respeito também à autenticidade desses manuscritos e a sua relação com os anteriores. Todavia, Sayão (2003) explica que

[...] é extremamente importante ressaltar que essas descobertas [arqueológicas] confirmaram a preservação das Escrituras. Os textos descobertos coincidem em mais de 90% com aquilo que conhecíamos antes. Todavia, nos detalhes menores, em textos específicos, essas descobertas foram muito importantes para que chegássemos a um texto ainda mais próximo do original. O leitor informado terá consciência de que só as descobertas dos manuscritos e o avanço da crítica textual já são suficientes para justificar novas traduções bíblicas. (2003, p. 25).

Assim sendo, há grandes razões para se confiar no trabalho das novas versões da Bíblia que consideram tanto o avanço dos estudos no âmbito teológico e da Crítica Textual, quanto as novas descobertas do campo da Arqueologia.

Para além do exame dos novos achados arqueológicos, o desenvolvimento dos estudos da linguagem e da tradução, bem como a constante evolução e atualização das línguas naturais realizada na prática dos falantes levou à necessidade de revisões nos níveis formais do texto bíblico, considerando as mais diversas expectativas e os diferentes tipos de leitores e situações, como, por exemplo, leitores menos escolarizados, crianças, eruditos, versões para serem lidas no púlpito, versões destinadas à disseminação do Cristianismo – evangelização – e, também, versões designadas à simples leitura do texto sagrado.

Os avanços na linguística quanto à compreensão de signo linguístico contribuíram, em grande parte, para esta nova concepção.

Talvez um dos fatores determinantes para que se buscasse um aperfeiçoamento na tradução das Escrituras foi o desenvolvimento da ciência linguística nos últimos séculos. Pouca gente sabe, mas há quinhentos anos a maioria dos estudiosos acreditava que as palavras equivaliam exatamente aos objetos que representavam. No caso do termo cavalo, por exemplo, acreditava-se que havia alguma coisa no próprio animal que nos levava a

dar-lhe o nome de “cavalo”. Cria-se que podíamos captar “a cavalice” do cavalo e expressá-la foneticamente. Além disso, línguas como o latim e o hebraico eram vistas como sagradas. Não se imaginava que outras línguas “profanas” pudessem transmitir ideias bíblicas cristãs de forma adequada. A verdade é que pouca gente poderia imaginar que o hebraico era uma língua comum, parente das línguas faladas pelos cananeus e pelos demais povos semitas. (SAYÃO, 2013, p. 27).

Simms (1997) também discute a temática abordada por Sayão (2003) ao afirmar que as línguas não são puras no que tange a correspondência exata e fixa entre significantes e seus respectivos significados. A compreensão deste fator leva a novos posicionamentos durante o processo tradutório e, no caso das revisões da Bíblia, tratam de modificar a forma do texto bíblico.

Além disso, cabe também ressaltar a emergência do esclarecimento quanto à sacralidade das línguas em que foi escrita a Bíblia. Nos dias atuais, sabe-se que se tratava de línguas populares, comuns, faladas por públicos muito diversos, o que leva os tradutores a terem um posicionamento diferente diante destas que, como quaisquer outras línguas, existiram para servir de meio de comunicação entre indivíduos, e não possuem nada de especial e intrinsecamente sacro.

A Bíblia não nos é dada em uma linguagem sobre-humana. Jesus, para alcançar o homem onde está se tornou humano. A Bíblia deve ser dada na linguagem dos homens. Tudo o que é humano é imperfeito. Diferentes significados são expressos pela mesma palavra; não há uma palavra para cada ideia distinta. A Bíblia foi dada para propósitos práticos. [...] “A Bíblia é escrita por homens inspirados, mas não é o modo de pensamento e expressão de Deus. É a da humanidade. Deus, como escritor, não é representado. Os homens frequentemente dizem que tal expressão não é como Deus, mas Deus não se colocou em palavras, em lógica, em retórica, em julgamento na Bíblia. Os escritores da Bíblia eram os homens de Deus, não a sua pena. Veja os diferentes

escritores.”<sup>34</sup> (COMITÊ DA CONFERÊNCIA GERAL DOS ADVENTISTAS, 1954, p. 67 e 68, tradução nossa).

É significativo perceber que dentro do meio cristão já existe, há algum tempo, o esclarecimento de que a Bíblia representa, antes de tudo, um trabalho de seres humanos, ou seja, por mais que seus fiéis acreditem que os escritos bíblicos são textos inspirados por Deus, o que consta ali é linguagem puramente humana. Desta maneira, não há necessidade de priorizar uma linguagem altamente rebuscada que tente inferir o caráter divino ali descrito, pois estes escritos tiveram origem na realidade terrena.

Haja vista os argumentos apresentados nesta seção – que dizem respeito a achados arqueológicos e às novas compreensões no âmbito da linguagem – cabe destacar que a existência de diversas versões da Bíblia não infere na necessidade de substituição de traduções anteriores ou no estabelecimento de uma versão superior. Como afirma Kirschner (2003) no prefácio ao livro de Sayão (2003),

[...] as revisões mais recentes, bem como as traduções modernas, contribuem no trabalho continuado de verificação e de aprimoramento na comunicação do sentido do texto bíblico original em nossa língua, procurando atender à necessidade de atualização permanente do texto em português. (2003, p. 7).

O Comitê da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (1954) corrobora a mesma opinião e afirma:

Não existirá uma versão exclusivamente perfeita ou final. Os manuscritos da Bíblia ainda estão

---

<sup>34</sup> “The Bible is not given to us in grand superhuman language. Jesus, in order to reach man where he is, took humanity. The Bible must be given in the language of men. Everything that is human is imperfect. Different meanings are expressed by the same word; there is not one word for each distinct idea. The Bible was given for practical purposes. [...] ‘The Bible is written by inspired men, but it is not God’s mode of thought and expression. It is that of humanity. God, as a writer, is not represented. Men will often say such an expression is not like God. But God has not put Himself in words, in logic, in rhetoric, on trial in the Bible. The writers of the Bible were God’s penmen, not His pen. Look at the different writers.’”

sendo encontrados, e esses documentos, certamente, farão com que sejam necessárias novas revisões. [...] Deveria ser nosso intuito utilizar o melhor das versões, nos beneficiar no estudo e no ministério da Palavra da luz da verdade, que a Providência permitiu brilhar nas mentes e nos corações de diferentes homens em épocas distintas. Em cada versão, temos o privilégio de ouvir a voz de Deus falando de formas distintas à alma, mas se quisermos ouvir. [...] Cada uma das grandes traduções possui pontos fortes e pontos fracos, e sua contribuição a fazer para o estudo da Palavra Sagrada. É importante familiarizar-se com o valor relativo de cada uma e usá-las, ponderando cada uma de acordo com seu valor intrínseco.<sup>35</sup> (1954, p. 77, 100 e 101, tradução nossa).

Considerar o fenômeno das diversas versões da Bíblia como um fator positivo auxilia não somente o meio cristão ao levar a compreensão de que o vasto número de traduções existentes se apresenta como um recurso colaborador na compreensão do texto sagrado, como também se mostra favorável dentro dos Estudos da Tradução por trazer a possibilidade de estudos contrastivos que levem em conta públicos distintos, diferentes metodologias e estratégias adotadas.

Bakken (1985) reafirma a validade das diversas traduções existentes e de todos os recursos disponíveis no que diz respeito à Bíblia.

Do primeiro século até agora não existiu uma geração melhor informada do que a nossa sobre as realidades dentro e em torno das escrituras. Temos

---

<sup>35</sup> “There will be no final or exclusively perfect version. Manuscripts of the Bible are still being found, and these finds will undoubtedly call for further revision. [...] It should be our purpose to make use of the best in the versions, to avail ourselves in study and in the ministry of the Word of the light of truth, that Providence has permitted to shine into the hearts and minds of different men at different times. In every version it is our privilege to hear the voice of God speaking distinctly to the soul, if we will but listen. [...] Each of the major translations has its advantages and weaknesses, and its contribution to make to the study of the Sacred Word. It is desirable to *be* familiar with the relative value of each and to use them all, giving weight to each according to its intrinsic value.”

métodos de comparação linguística, filosófica, religiosa e de fatores sócio-econômicos. Temos medidas para avaliar e aprofundar situações históricas, para conhecer as fontes, usadas pelos autores dos documentos no processo de composição; e nós reconhecemos variações não somente da forma mas, também, do conteúdo dos escritos que trouxeram as perspectivas da fé nos anos antigos. Através desses estudos nós apreciamos muito, muito mais, o caráter, as riquezas, as variações e as intenções deste depósito do testemunho da fé. Estudos histórico-críticos são de muito valor para uma compreensão de nossa identidade e raízes numa época científica. (BAKKEN, 1985, p. 67).

A Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), grande difusora e detentora dos direitos de algumas traduções prestigiadas em solo brasileiro como *Almeida Revista e Corrigida*, *Almeida Revista e Atualizada*, *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, ratifica os posicionamentos supracitados e afirma que ela

[...] não assumiu o compromisso de publicar uma só e sempre a mesma tradução da Bíblia, embora, na maioria das passagens, o significado do texto seja essencialmente o mesmo nas diferentes traduções (ARC, ARA, NTLH). Embora se possa discutir um ou outro detalhe, nesta ou naquela passagem, fato é que a mensagem central da Bíblia fica clara em todas as traduções. Portanto, leitura paralela ou lado a lado de diferentes traduções pode enriquecer o estudo da Bíblia. (SBB, 2013)<sup>36</sup>.

Assim sendo, esta pesquisa compreende as diferentes versões da Bíblia – e isto inclui as traduções modernas – como materiais legítimos, que não se excluem, mas se complementam e servem também como instrumentos de análise para pesquisadores dos Estudos da Tradução a fim de que se enriqueça a disciplina que, possuindo caráter inter e multidisciplinar, também pode estabelecer relações com o campo da Teologia e da Crítica Textual.

---

<sup>36</sup> <http://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/compare-as-traducoes/>

### 3.1 A Nova Tradução na Linguagem de Hoje e a Nova Versão Internacional: alguns contrastes

As Bíblias NTLH e NVI são traduções que surgiram no meio cristão no final do século passado e têm sido bem aceitas e utilizadas em escalas consideráveis por leitores de diferentes denominações cristãs.

Em primeiro lugar, considerando-se a versão NTLH, tem-se uma revisão de um projeto mais antigo. A Sociedade Bíblica Brasileira (SBB) é detentora dos direitos desta tradução e em 1973, este projeto teria sua primeira parte publicada, o Novo Testamento, com o nome de *Tradução na Linguagem de Hoje* (TLH). Então, em 1988, a SBB lançaria a Bíblia completa deste projeto com o nome de *Bíblia na Linguagem de Hoje* (BLH). De acordo com o Prefácio à NTLH, esta foi a primeira tradução propriamente dita realizada pela SBB; antes disso, apenas haviam sido feitas revisões de traduções já existentes.

Por conseguinte, o prefácio aborda o objetivo central desta tradução:

A consulta junto às igrejas havia demonstrado um reconhecimento generalizado de que se fazia necessária uma tradução bíblica apropriada ao desafio evangelístico que a realidade espiritual brasileira impunha. Tendo como objetivo principal a evangelização do povo brasileiro, esta tradução deveria ser adequada ao nível educacional médio da população. Por isso, após anos de dedicado trabalho de especialistas nas línguas originais e na Língua Portuguesa, produziu-se uma tradução com linguagem de fácil compreensão, a Tradução na Linguagem de Hoje. (2008, p. vii).

Assim, entende-se que o objetivo principal deste projeto era alcançar o maior número de pessoas via evangelização e, ao considerar que os falares da população brasileira de um modo geral se distanciam muito desse português de registro erudito, além de anacrônico das traduções existentes até então, viu-se a necessidade de elaboração desta tradução.

A tradução foi bem aceita, mas também recebeu críticas e foi alvo de desconfiança – bem como muitos outros projetos de tradução bíblica. Assim, devido o seu rápido alcance, a SBB começou a receber sugestões de reformulações para diversos excertos de sua tradução. A partir disso, a comissão de tradução entendeu que era necessária uma revisão,

também considerando as mudanças ocorridas na língua portuguesa e, assim, 12 anos depois (2000), lançariam a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*.

De acordo com o Prefácio, essa nova tradução foi bastante profunda e reformulou cerca de sete mil trechos do Antigo Testamento; o Novo Testamento foi revisado em sua totalidade, notas explicativas que apareciam em rodapés foram inseridas no texto, dentre outras modificações. Além disso, cabe destacar que a NTLH valeu-se da perspectiva de Equivalência funcional, a qual pretendia “reproduzir também e efetivamente o sentido dos textos originais hebraico, aramaico e grego, [expressando] esse sentido de maneira simples e natural, assim como a maioria da população brasileira fala.” (2012, p. vii).

A partir destas informações, apresenta-se o quadro de análise textual de Nord (2016), o qual compreende os fatores extra e intratextuais da tradução da Bíblia NTLH:

**Quadro 3:** Fatores extra e intratextuais da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*

<b>Bíblia Nova Tradução na Linguagem de Hoje</b>	
<b>Fatores extratextuais</b>	
<b>Emissor</b>	Vários tradutores, Sociedade Bíblica do Brasil.
<b>Intenção do emissor (intenção referencial)</b>	Apresentar o texto bíblico com linguagem simples, natural e adequada ao nível educacional médio da população brasileira a fim de auxiliar a evangelização no país.
<b>Público/Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.
<b>Meio</b>	Impresso
<b>Lugar</b>	Brasil
<b>Tempo</b>	2012
<b>Propósito/Motivo</b>	Auxiliar o processo de evangelização do público brasileiro através de uma linguagem mais próxima de seu falar.
<b>Função textual</b>	Função referencial e expressiva.
<b>Fatores intratextuais</b>	
<b>Assunto/Tema</b>	A história da humanidade e a atuação de Deus no curso da história através de Cristo e do Espírito Santo.

<b>Conteúdo</b>	Histórias/narrativas, poemas, canções, leis e profecias.
<b>Pressuposições</b>	Interesse pela temática bíblica, conhecimento prévio de quem é Deus e da conduta moral cristã.
<b>Estruturação</b>	66 livros divididos em capítulos e versículos. Versículos divididos em parágrafos.
<b>Elementos não verbais</b>	Espaços para o título dos capítulos, espaços entre parágrafos, mapas, ilustração da linha do tempo da história do mundo, ilustração da divisão dos livros da Bíblia.
<b>Léxico</b>	Palavras simples e contemporâneas.
<b>Sintaxe</b>	Verbos em todos os tempos e modos. Frases e parágrafos comuns. Diálogos, narrações, monólogos. Uso de interrogações, interjeições etc.
<b>Elementos suprasegmentais</b>	Títulos dos livros e capítulos em negrito. Interrogações e exclamações.
<b>Efeito</b>	
<b>Efeito do texto</b>	Aproximar o leitor ao texto bíblico através de uma linguagem que lhe é familiar.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

Partindo para a versão da NVI, constata-se que esta tradução apresenta um projeto que tentou por uma linguagem mais simples, porém que não perdesse a elegância em seu estilo. Sayão (2003), teórico e tradutor que participou da tradução da NVI, discute as particularidades e as motivações da produção desta versão da Bíblia e explica que

[...] a NVI não é uma versão de terminologia erudita, que apresenta vocábulos difíceis de entender e frases de leitura complicada. No entanto, sua proposta também não é ser uma versão popular demais. A NVI foi preparada para que uma pessoa de nível médio compreenda a sua linguagem sem dificuldades. Ao mesmo tempo, a leitura do texto da NVI preza por um estilo agradável e digno da Palavra de Deus. Toda versão bíblica tem um leitor em mente. A NVI não é uma versão bíblica destinada apenas a cristãos, nem apenas a pessoas cultas, nem ainda a quem não detém nenhuma cultura. Trata-se de um texto

capaz de comunicar a todos. É uma versão para a igreja evangélica brasileira realizar sua tarefa de ensino e evangelização. Para tanto, a NVI evitou arcaísmos, linguagem ofensiva, regionalismos e terminologia muito erudita. (p. 44 e 45).

Como é explicado no Prefácio à NVI,

[...] o propósito dos estudiosos que traduziram a NVI foi somar à lista das várias traduções existentes em português um texto novo que se definisse por quatro elementos fundamentais: precisão, beleza de estilo, clareza e dignidade. (2000).

Dessa maneira, entende-se que este projeto de tradução teve como objetivo principal uma tradução do texto bíblico que atualizasse a linguagem da Bíblia, mas que também se encarregasse de mantê-la bem polida. Como afirma Sayão (2003, p. 72), “mesmo sendo uma versão contemporânea e preocupada com a comunicação, a NVI evita um linguajar muito chão. O texto bíblico deve ser lido do púlpito e não pode ser motivo de riso nem de desprezo.”

Este projeto, que levou cerca de 10 anos para se concretizar, visava um objetivo bastante específico de “comunicar a Palavra de Deus ao leitor moderno com tanta clareza e impacto quanto os exercidos pelo texto bíblico original entre os primeiros leitores.” (2000). Assim, como explicado em seu prefácio, o grupo de especialistas envolvidos neste trabalho se atentou para aspectos específicos, os quais são apontados no Prefácio à NVI: fluência de linguagem – com versículos organizados em períodos menores e mais fluentes para leitura; nível de linguagem – primando pela dignidade e compreensão, variando os níveis de acordo com os contextos narrados; imparcialidade teológica – não intentando por priorizar nenhuma doutrina particular; atenção aos diferentes gêneros de composição – organizando o texto bíblico em parágrafos e mantendo estruturas específicas em diferentes gêneros textuais (poesia, epístola, histórias, etc); honestidade científica – se propondo a seguir o sentido original; riqueza exegética – apresentando uma estrutura linguística que facilita o trabalho de exegese; notas de rodapé – as quais foram inseridas a fim de tratar de questões de crítica textual, traduções alternativas, explicações e opções literais de tradução; pesos e medidas – adequando-se ao contexto atual do leitor.

Sayão (2003) explica que outro objetivo buscado pelo projeto de tradução da NVI foi o fato de se tratar de uma tradução que não servisse somente aos falantes de língua portuguesa no Brasil, mas também de outros países, visto o caráter intercontinental da língua. Isto explica o nome da tradução – Nova Versão Internacional, e ressalta a importância de se ter o foco do processo tradutório no leitor, pois “quando pensamos em uma tradução da Bíblia, é absolutamente necessário levar em conta para quem estamos fazendo essa tradução.” (2003, p. 43).

Este foi um aspecto norteador também no projeto de tradução em língua inglesa – *New International Version* – que é semelhante ao projeto brasileiro. Todavia, como explicado em seu Prefácio (2000), a NVI de fato seguiu uma filosofia semelhante à NIV, tendo-a como referência, porém, não sendo a única e não havendo “dependência obrigatória da NVI em relação à NIV [...] em qualquer âmbito: teológico, exegético ou hermenêutico.”

Ademais, um aspecto que diferencia a NVI das demais versões é a quantidade de notas de rodapé inseridas em seu texto. A este respeito, Sayão (2003, p. 80) explica que a utilização destas contribui para a confiança que o leitor poderá ter na tradução, visto que as notas pretendem “informá-lo corretamente e com honestidade”. Além disso, o autor afirma que “tais notas são enriquecedoras e atendem a várias necessidades do texto bíblico e também do leitor.” (2003, p. 78). No entanto, dentro dos Estudos da Tradução, há também o viés que acredita que as notas de rodapé implicam certo tipo de empecilho para o leitor, pois elas o levariam a desviar-se do texto, interrompendo sua leitura para buscar possíveis informações adicionais ali contidas.

Assim sendo, apresenta-se a tabela de Nord (2016) para análise textual de tradução contendo os elementos extra e intratextuais da Bíblia NVI:

**Quadro 4:** Fatores extra e intratextuais da *Nova Versão Internacional*

<b>Bíblia Nova Versão Internacional</b>	
<b>Fatores extratextuais</b>	
<b>Emissor</b>	Vários tradutores, Editora Geográfica, Bíblica Brasil.
<b>Intenção do emissor (intenção referencial)</b>	Apresentar o texto bíblico de forma menos rebuscada e erudita, no entanto mantendo a beleza de estilo, clareza, precisão e dignidade.
<b>Público/Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis

	intelectuais; igreja evangélica.
<b>Meio</b>	Impresso
<b>Lugar</b>	Brasil
<b>Tempo</b>	2000
<b>Propósito/Motivo</b>	Comunicar a palavra de Deus aos leitores modernos com uma linguagem descomplicada, clara e impactante.
<b>Função textual</b>	Função referencial e expressiva.
<b>Fatores intratextuais</b>	
<b>Assunto/Tema</b>	A história da humanidade e a atuação de Deus no curso da história através de Cristo e do Espírito Santo.
<b>Conteúdo</b>	Histórias/narrativas, poemas, canções, leis e profecias.
<b>Pressuposições</b>	Interesse pela temática bíblica, conhecimento prévio de quem é Deus e da conduta moral cristã.
<b>Estruturação</b>	66 livros divididos em capítulos e versículos. Versículos divididos em parágrafos.
<b>Elementos não verbais</b>	Espaços para o título dos capítulos, espaços entre parágrafos, mapas, ilustração da linha do tempo da história do mundo, ilustração da divisão dos livros da Bíblia.
<b>Léxico</b>	Palavras simples e contemporâneas.
<b>Sintaxe</b>	Verbos em todos os tempos e modos. Frases e parágrafos comuns. Diálogos, narrações, monólogos. Uso de interrogações, interjeições etc.
<b>Elementos suprasegmentais</b>	Títulos dos livros e capítulos em negrito, interrogações, exclamações e notas de rodapé.
<b>Efeito</b>	
<b>Efeito do texto</b>	Impactar o leitor com a leitura do texto bíblico apresentado de forma clara, precisa e bela.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

Em suma, pode-se dizer que a tradução da NVI se assemelha à NTLH devido ao objetivo de comunicar e evangelizar a partir de uma linguagem moderna, focando-se no receptor atual da Bíblia. Todavia, elas se distinguem, pois a NVI preza por um nível de linguagem menos

popular e pela inserção de muitas notas de rodapé a fim de auxiliar o processo de compreensão do texto bíblico.

Sendo assim, a próxima seção esclarece as particularidades da Bíblia foco desta pesquisa – *A Mensagem* – para que se tenha em mente em quais aspectos ela se assemelha e se diferencia destas outras duas versões – NVI e NTLH – já visando as análises desta pesquisa.

### 3.2 A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea

A Bíblia *The Message: Bible in Contemporary Language* foi um projeto de língua inglesa idealizado pelo teólogo, professor e pastor presbiteriano Eugene H. Peterson. O trabalho de tradução que resultou nesta versão da Bíblia durou 10 anos e, desde então, teve várias publicações em solo estadunidense, nos anos de 1993, 1994, 1995, 1996, 2000, 2001 e 2002.

Depois de ser professor de línguas antigas – hebraico e grego – em um seminário de teologia, Peterson foi para o campo pastoral e acreditava que passaria o resto de sua vida nessa função. Todavia, no ano de 1990 recebeu um convite de um editor que propunha que ele fizesse uma nova tradução da Bíblia. Dessa maneira, nos dez anos seguintes, Peterson trabalhou de forma intensa na realização deste projeto, o qual, posteriormente, viria a ser traduzido no Brasil, partindo-se da versão em inglês de Peterson para a língua portuguesa, tendo sua primeira e ainda única publicação no ano de 2011 como *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea*.

Tendo isto em mente, é importante destacar que o objeto desta pesquisa é a Bíblia *A Mensagem* – em português –, e não pretende discutir a tradução que ocorreu entre língua inglesa e língua portuguesa, mas sim, discutir questões de linguagem contemporânea e sensibilidade desta tradução levando em conta os objetivos e funções traçados por Peterson, os quais também foram seguidos no projeto em língua portuguesa, como afirmam os tradutores brasileiros desta Bíblia. Assim sendo, quando se trata das afirmações de Peterson – tradutor principal e idealizador deste projeto –, aplicam-se suas concepções esboçadas para a tradução de *The Message* também para a tradução brasileira de *A Mensagem*.

No prefácio que antecede a Bíblia *A Mensagem*, Peterson discute os dois mundos nos quais estava inserido antes de realizar a tradução e como tentava associá-los de uma forma apropriada. Assim, ele percebeu que deveria aproximar, de fato, o que compreendia ser a linguagem e o propósito divino à existência humana, e afirmou:

Mesmo vivendo em mundos de duas línguas diferentes, o mundo da Bíblia e o mundo moderno, sempre entendi que se trata do mesmo mundo. Mas essas pessoas não enxergavam a situação assim. Por isso, foi necessário que eu me tornasse um “tradutor” (ainda que não fosse chamado assim naquela época), permanecendo diariamente na fronteira entre dois mundos, tornando a linguagem da Bíblia que Deus usa para nos criar e salvar, curar e abençoar, julgar e governar na linguagem moderna que usamos para comentar sobre a vida e contar histórias, das instruções, fazer negócios e cantar músicas para os nossos filhos. (2011, p. 9 e 10).

A permanência na fronteira desses dois mundos motivou diretamente esse posicionamento do teólogo que futuramente seria o fator determinante para a formulação de estratégias e métodos adotados em sua tradução da Bíblia. Assim, com um objetivo muito bem delimitado, que envolvia retratar a Bíblia na linguagem mais próxima possível do contexto real de vivência do ser humano e visando que esta tradução chegasse a um público receptor específico – pessoas que já não tinham mais o interesse de aprender sobre a Bíblia ou, ao menos, o interesse de lê-la –, Peterson (2011) traduziu a Bíblia e publicou sua primeira versão completa no ano de 2002.

É interessante perceber como o público alvo deste projeto tem características bastante específicas.

Muitas das pessoas [...] não sabiam praticamente nada a respeito da Bíblia, nunca a tinham lido e não estavam interessadas em aprender. Muitos outros passaram anos lendo-a, mas, para eles, a Bíblia se perdeu em meia à familiaridade e foi reduzida a clichês. Entediados, eles a abandonaram. [...] Poucos estavam interessados no que eu considerava ser minha tarefa principal: apresentar as palavras da Bíblia à mente e ao coração das pessoas, tornando a mensagem viva. Eles achavam jornais e revistas, vídeos e filmes mais palatáveis. (PETERSON, 2011, p. 9).

Dessa forma, nota-se que o foco deste projeto estava em sujeitos já desabituaados à leitura do texto bíblico, por mais que, de fato, esta tradução tenha chamado a atenção de outros tipos de leitores e tenha ganhado a consideração de muitos cristãos. E com este foco em mente, Peterson criou a Bíblia *The Message* que viria a ser traduzida no Brasil como *A Mensagem*.

Para além do foco atento no receptor da tradução, Peterson ainda esboça minuciosamente a função pretendida de seu encargo de tradução:

*A Mensagem* é uma Bíblia de leitura. Não tem intenção de substituir as excelentes Bíblias de estudo que estão disponíveis. Meu propósito aqui (tal como foi antes em minha igreja e comunidade) é simplesmente fazer que as pessoas a leiam, pessoas que não sabem que a Bíblia é um livro para ser lido, pelo menos por elas, e fazer que as pessoas que perderam, há muito, o interesse pela Bíblia a leiam novamente. Mas eu não tentei fazer disso uma tarefa fácil – há muita coisa na Bíblia difícil de entender, por isso, em algum momento durante o caminho, cedo ou tarde, vai ser importante tomar uma Bíblia padrão de estudos, para facilitar estudos posteriores. [...] Mas, primeiro, é importante simplesmente ler, descansada e pensativamente. (2011, p. 10 e 11).

Como é possível perceber a partir desta declaração, a função pretendida com este projeto de tradução era iniciar o leitor a uma prática – um hábito – de leitura da Bíblia e, de acordo com as vivências do tradutor, isto só ocorreria se a obra se tornasse familiar ao receptor que, estando inserido na pós-modernidade, poderia ter novas expectativas quanto à linguagem do texto bíblico.

Ainda nas páginas que antecedem o texto bíblico, sua introdução traz conceitos relevantes que também foram fundamentais para a determinação do objetivo central do processo tradutório. Peterson (2011) discorre sobre o fato de alguns leitores julgarem a linguagem moderna dentro da Bíblia como sendo “não espiritual”. Todavia, ele argumenta que o Deus ali retratado precisou viver no meio de seres humanos simples, precisou falar a língua deles para que pudesse concretizar seu plano de redenção. Essa imersão no mundo humano denota a simplicidade de Jesus – também considerado Deus no meio cristão – ao “calçar os sapatos de outro”. Assim, ele confirma o fato de que “Deus

não havia tomado a forma de um intelectual sofisticado para nos ensinar a respeito de uma cultura celestial esnobe para que, então, pudéssemos apreciar as coisas requintadas de Deus” (2011, p. 12), mas pelo contrário, havia se aproximado fisicamente do popular, do simples e do corriqueiro. Este é o cerne da proposta de *A Mensagem* e, como percorrido ao longo desse trabalho, essa perspectiva não é de aceitação unânime – como tantas outras também não o são.

Assim, como tratado até o presente momento, tem-se, a partir dos paratextos da tradução de *A Mensagem*, elementos necessários para se compreender os fatores extratextuais e intratextuais do encargo de tradução traçado neste processo. Com fins de visualizá-lo de forma mais prática, apresenta-se a tabela abaixo que responde às questões da Fórmula Q de Nord (2016):

**Quadro 5:** Fatores extra e intratextuais de *A Mensagem*

<b>Bíblia em Linguagem Contemporânea <i>A Mensagem</i></b>	
<b>Fatores extratextuais</b>	
<b>Emissor</b>	Eugene Peterson (ao qual é atribuída a autoria também na versão em Português)/outros tradutores, Editora Vida.
<b>Intenção do emissor (intenção referencial)</b>	Apresentar o texto bíblico de forma moderna, diferenciada e simplificada a fim de criar o hábito de leitura do texto bíblico.
<b>Público/Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia e que preferem o texto bíblico com linguagem menos rebuscada.
<b>Meio</b>	Impresso
<b>Lugar</b>	Brasil
<b>Tempo</b>	2011
<b>Propósito/Motivo</b>	Apresentar uma versão moderna da Bíblia que atraia leitores desinteressados.
<b>Função textual</b>	Função referencial e expressiva.
<b>Fatores intratextuais</b>	
<b>Assunto/Tema</b>	A história da humanidade e a atuação de Deus no curso da história através de Cristo e do Espírito Santo.
<b>Conteúdo</b>	Histórias/narrativas, poemas, canções, leis e profecias.
<b>Pressuposições</b>	Interesse pela temática bíblica, conhecimento

	prévio de quem é Deus e da conduta moral cristã.
<b>Estruturação</b>	66 livros divididos em capítulos e versículos. Versículos divididos em parágrafos.
<b>Elementos não verbais</b>	Espaços para o título dos capítulos, espaços entre parágrafos, mapas, ilustração da linha do tempo da história do mundo, ilustração da divisão dos livros da Bíblia.
<b>Léxico</b>	Palavras simples e contemporâneas. Utilização de gírias e expressões idiomáticas.
<b>Sintaxe</b>	Verbos em todos os tempos e modos. Frases e parágrafos comuns. Diálogos, narrações, monólogos. Uso de interrogações, interjeições etc.
<b>Elementos suprassegmentais</b>	Uso de palavras em itálico dentro do texto. Títulos dos livros e capítulos em negrito e caixa alta. Interrogações e exclamações.
<b>Efeito</b>	
<b>Efeito do texto</b>	Despertar o interesse na leitura do texto bíblico.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

Ao analisar este encargo, percebe-se um escopo que foca principalmente em seu receptor, e tal objetivo adaptará as escolhas e os métodos do processo tradutório tendo em vista este enfoque. Todavia, existem outras versões da Bíblia que apresentam propostas semelhantes; então, cabe considerar em que *A Mensagem* se diferencia.

As versões da NVI e NTLH são utilizadas para contrastar a tradução de *A Mensagem* neste trabalho, pois apresentam objetivos semelhantes à tradução de Peterson. Entretanto, as análises mostrarão que, para além de propor uma linguagem menos formal, *A Mensagem* vai além, por contar com gírias, expressões idiomáticas e coloquialismos que trazem para um texto uma natureza bastante informal.

A seção a seguir apresenta e discute a divisão dos livros da Bíblia a fim de elucidar os pressupostos de análise desta pesquisa que pretendem averiguar os níveis de sensibilidade distintos entre livros poéticos e proféticos. Dessa maneira, cabe a breve análise de como são divididas as categorias textuais dos livros que compõem o cânon bíblico protestante.

### 3.3 Divisão dos livros da Bíblia

O estabelecimento do cânon bíblico foi um fato que ocorreu gradualmente. Nos dias de hoje, o cânon utilizado pelo público

protestante é composto por 66 livros, sendo 39 pertencentes ao Antigo Testamento e 27 ao Novo Testamento.

Quanto ao termo “cânon”, Klingbeil (2007) explica:

Um cânon é um corpo de textos que ‘foi medido’ e considerado digno de ser incluído em uma coleção de textos com autoridade obrigatória para uma comunidade religiosa. Desta forma, o cânon deve estar ligado ao conceito de Escritura, bem como o de inspiração. Um texto canônico é aquele ao qual se concede autoridade em uma determinada comunidade religiosa e se considera como sendo ‘inspirado’ por Deus. (2007, p. 92).

A discussão sobre como foram determinados quais livros eram de fato inspirados e dignos de comporem o cânon bíblico é extensa, assim como a descrição deste período, já que o estabelecimento tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento ocorreram gradativamente. Assim, apresenta-se brevemente a formação de ambas as partes da Bíblia.

Como discutem Klingbeil (2007) e Geisler e Nix (1997), a formação do cânon do Antigo Testamento se deu, em grande parte, por volta de 400 a.C. Como explicam Geisler e Nix (1997, p. 75 e 76), existiram três grandes fatores para a determinação dos livros canônicos do Antigo Testamento: inspiração de Deus, reconhecimento por parte do povo de Deus e a coleção e a preservação feita pelo povo de Deus. Esses três critérios trazem a mente os livros do Antigo Testamento que, assim como eram citados no Novo Testamento, se tratavam basicamente de “lei e profetas”.

Todavia, como já citado neste trabalho, o cânon bíblico diverge entre protestante e católico. De acordo com Klingbeil (2007, p. 99), os textos e livros inseridos no cânon bíblico católico foram classificados como “apócrifos” pelos protestantes, pois não possuem origens claras. Dentro do Catolicismo, tais livros são denominados deuterocanônicos e também são vistos como escritura sagrada.

Outra razão apresentada pelo autor para que estes livros não sejam reconhecidos como inspirados é o fato de nenhum autor do Novo Testamento citar nenhum dos livros apócrifos em seus escritos, assim como fazem com outros livros do cânon hebraico, eu utilizam a expressão: “pois está escrito...”. Klingbeil (2007) explica que este foi um dos fatores para o estabelecimento de certos livros como canônicos,

principalmente levando em conta as referências que Jesus faz aos livros do Antigo Testamento, às leis judaicas e as profecias escritas anteriormente a sua época.

Além disso, o autor explica que os livros apócrifos inseridos ao cânon bíblico católico apresentam contradições com o restante da Bíblia, nos quais, cita Klingbeil (2007, p. 100), são inseridas orações aos mortos, a preexistência da alma e a dicotomia platônica entre corpo e alma. Conforme explica o teórico – através de referências bíblicas –, tais doutrinas destoam do conjunto geral do cânon bíblico e o torna contraditório. E é exatamente neste o ponto que o protestantismo tem se apoiado: o cânon por eles seguido não se contradiz e não foi estabelecido a partir da tradição individual ou institucionalizada.

Essa autoridade [dos textos bíblicos] não é o resultado de decisões individuais ou organizacionais, mas repousa sobre a autoridade da própria Palavra escrita (ou falada), que foi inspirada por Deus. (KLINGBEIL, 2007, p. 93).

Partindo para o Novo Testamento, encontra-se outro processo de canonicidade. De acordo com Klingbeil (2007, p. 96), “a história do cânon do Novo Testamento não é tão complexa como sua correlata do Antigo Testamento, parcialmente devido à existência de códices, que representavam uma tremenda inovação sob o aspecto prático.”

Assim, pelo fato de os evangelhos documentarem a história de Jesus, o qual ratificava os ensinamentos do Antigo Testamento; pelo fato de Paulo escrever a diversas igrejas incluindo ensinamentos contidos no cânon do Antigo Testamento; e, progressivamente, pela constante relação entre os livros e autores da época do estabelecimento da religião cristã, Klingbeil (2007, p. 96) explica que “evidência nos antigos pais da igreja sugere que pelo final do primeiro e início do segundo século d.C., existia uma coleção de documentos cristãos escritos que desfrutava a condição de autorizada.”

Ambos processos de canonicidade dos livros do Antigo e Velho Testamento reúnem informações e detalhes precisos e minuciosos os quais não serão abordados nesta pesquisa por razões objetivas.

Neste momento importa discutir a natureza dos livros contidos na Bíblia, enfatizando, como já descrito no início desta pesquisa, que o foco deste trabalho é o cânon bíblico protestante. Como explica Sayão (2003),

[...] um estudo aprofundado das Escrituras comprovará que não podemos considerar o texto bíblico homogêneo do ponto de vista literário. Cada autor usa certos termos de maneira característica. [...] Cada autor bíblico escreve com tendências teológicas específicas, a um público determinado, dentro de um panorama histórico particular. (SAYÃO, 2003, p. 16).

Sayão (2003) ainda se propõe a dividir os livros da Bíblia nas seguintes categorias literárias:

- 1) Textos narrativos, legais e epístolas;
- 2) Poesia;
- 3) Genealogias e listas;
- 4) Carta específica (At 15.23-29). (2003, p. 60).

De modo semelhante, o Comitê da Conferência Geral dos Adventistas (1954) disserta que

[...] escritos em diferentes épocas, por homens que se diferenciavam amplamente em posição e ocupação, e em dotações mentais e espirituais, os livros da Bíblia apresentam grande contraste estilístico, bem como uma diversidade na natureza dos assuntos revelados. Diferentes formas de expressão são empregadas por diferentes escritores; muitas vezes, a mesma verdade é apresentada de forma mais impressionante por um do que por outro.<sup>37</sup> (1954, p. 68).

Paulien (2017) corrobora da mesma opinião:

Deus considera útil em cada estágio da produção das Escrituras oferecer sua revelação em linguagem apropriada ao tempo, local e circunstância do escritor original. Deus não ignora

---

<sup>37</sup> “Written in different ages, by men who differed widely in rank and occupation, and in mental and spiritual endowments, the books of the Bible present a wide contrast in style, as well as a diversity in the nature of the subjects unfolded. Different forms of expression are employed by different writers; often the same truth is more strikingly presented by one than by another.”

a cultura, formação, estilo literário ou maneiras de pensar dos indivíduos a quem Ele se revela. Em vez disso, Ele procura diligentemente encontrá-los onde estão, a fim de que possam compreender, o máximo possível, suas revelações por intermédio deles. (2017, p. 88).

Estas afirmações dos autores elucidam de forma significativa o caráter heterogêneo da Bíblia, a qual, mesmo possuindo um objetivo geral em sua completude, apresenta pequenos objetivos específicos em cada livro bem como foco em diferentes públicos. Esta compreensão já infere na necessidade de abordagens distintas no exame do texto bíblico, tanto no que diz respeito a uma análise hermenêutica, quanto no âmbito de análise textual com fins de produzir uma tradução. Desta maneira, a igreja cristã se propôs a dividir os livros da Bíblia em determinadas categorias, tendo em vista a compreensão dos livros de forma contextualizada e a organização do cânon a partir de livros que se correlacionam entre si, levando em conta suas formas e conteúdos. Essas categorias se modificaram com o passar nos séculos e, atualmente, no meio cristão, a seguinte divisão é aceita:

**Quadro 6:** Categorias dos livros do Antigo Testamento

<b>Antigo Testamento</b>	
<b>Pentateuco (livros da lei/livros jurídicos)</b>	Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.
<b>Históricos</b>	Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis, II Reis, I Crônicas, II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.
<b>Poéticos</b>	Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos.
<b>Proféticos (Profetas maiores e menores)</b>	<b>Maiores:</b> Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel. <b>Menores:</b> Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 7:** Categorias dos livros do Novo Testamento

<b>Novo Testamento</b>	
<b>Evangelhos</b>	Mateus, Marcos, Lucas e João.
<b>Histórico</b>	Atos dos Apóstolos.
<b>Epístolas/Cartas</b>	Romanos, I Coríntios, II Coríntios, Gálatas, Efésios,

	Filipenses, Colossenses, I Tessalonicenses, II Tessalonicenses, I Timóteo, II Timóteo, Tito, Filemon, Hebreus, Tiago, I Pedro, II Pedro, I João, II João, III João e Judas.
<b>Profético</b>	Apocalipse.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

Assim sendo, pode-se notar que os livros reunidos em suas respectivas categorias possuem muitos aspectos em comum e estes aspectos foram considerados desde as primeiras propostas de estabelecimento do cânon bíblico.

Além disso, antes do fechamento desta seção que tem por objetivo discutir brevemente a divisão das categorias dos livros da Bíblia, cabe citar como ocorreu a divisão do texto bíblico em capítulos e versículos. Geisler e Nix (1997) informam que

[...] as Bíblias mais antigas não eram divididas em capítulos e versículos. Essas divisões foram feitas para facilitar a tarefa de citar as Escrituras. Stephen Langton, professor da Universidade de Paris e mais tarde arcebispo da Cantuária, dividiu a Bíblia em capítulos em 1227. Robert Stephanus, impressor parisiense, acrescentou a divisão em versículos em 1551 e em 1955. Felizmente, estudiosos judeus, desde aquela época, adotaram essa divisão de capítulos e versículos para o Antigo Testamento. (GEISLER E NIX, 1997, p. 10).

Dessa maneira, pode-se notar que a divisão da Bíblia em capítulos e versículos hoje disponível não foi algo inserido pelos redatores autógrafos dos textos bíblicos. Este foi um processo que ocorreu em uma época bastante distante das narrativas bíblicas e que serviria de ferramenta tanto no momento de estudo da Bíblia quanto no processo de evangelização e difusão do cristianismo, tendo em vista pregações de líderes eclesiásticos.

Pressupõe-se ser relevante fazer tal esclarecimento neste momento, pois a Bíblia *A Mensagem* possui uma característica peculiar quanto à divisão de seus versos. A numeração de versículos não se distingue das demais versões, todavia, a organização dos versos em parágrafos é inovadora. Ela reúne os versículos de modo diferenciado,

de forma que nem todos são indicados em seu começo e fim, o que pode dificultar a tarefa de identificação de versículos isolados.

Quanto à divisão dos livros do Antigo Testamento, pode-se notar que suas a nomenclatura dada as suas categorias são bastante sugestivas. Os cinco primeiros livros da Bíblia – o Pentateuco – são também chamados de Livros da Lei por conterem centenas de leis estabelecidas naquele período para o povo judeu e que serviriam de conduta para aquele povo até o período em que Jesus Cristo viveria na Terra. Todavia, tais livros também possuem trechos históricos, os quais narram histórias que ocorreram desde o início do mundo – de acordo com a cronologia cristã –, as histórias da descendência de Abraão e sua libertação do Egito e chegada em Canã, dentre outras histórias.

Os doze livros seguintes são reunidos na categoria de livros históricos pelo fato de apresentarem histórias de diversos personagens bíblicos.

Por outro lado, os cinco livros que se seguem trazem poesias, canções e orações que fazem com que estes livros sejam denominados poéticos. No entanto, como é melhor explanado posteriormente nesta pesquisa, existem trechos poéticos em muitos outros livros de outras categorias bíblicas.

Os 17 livros finais do Antigo Testamento são livros proféticos, os quais tratam, principalmente, da vinda messiânica. Tais livros são divididos entre Profetas Menores e Maiores não pela importância maior ou menor de determinados profetas, mas sim, pela extensão de cada livro.

Já quanto ao Novo Testamento, tem-se que os quatro primeiros livros são chamados de Evangelhos por tratarem da trajetória de Cristo na Terra e também por se configurarem no conjunto de ensinamentos de Jesus.

O livro seguinte, de Atos dos Apóstolos, é denominado histórico por se tratar essencialmente das histórias dos apóstolos posteriormente à ressurreição e à ascensão de Cristo ao céu, tendo como principal objetivo a disseminação do evangelho. Desta forma, ao longo do livro, são narrados diversos episódios vivenciados pelos apóstolos nesta fase da igreja primitiva.

Os 21 livros que se seguem se constituem de cartas, epístolas, muitas delas escritas por Paulo e que se endereçavam a igrejas de localidades específicas e que tinham necessidades específicas no que dizia respeito à instrução espiritual e relativa às leis judaicas.

Enfim, o último livro do Novo Testamento, o Apocalipse, é um livro profético, pois aborda profecias posteriores ao tempo de seu

escritor, João, o qual utiliza, essencialmente, uma linguagem metafórica e simbólica, que tinha objetivo de ser preservada visto a perseguição que sofria na época.

Em suma, é pertinente elucidar que esta discussão se fez necessária, pois o objetivo central deste trabalho trata de distinguir níveis de sensibilidade entre os livros proféticos e poéticos da Bíblia no momento de sua tradução, mesmo tendo em vista um projeto contemporâneo que visava uma grande atualização linguística. Assim, compreender que os livros da Bíblia não são homogêneos, mas, sim, heterogêneos e díspares no que diz respeito ao estilo e funções específicas – mesmo possuindo uma mensagem em comum que traz o personagem de Jesus Cristo como central – auxilia no desenvolvimento das análises desta pesquisa e na compreensão de níveis de sensibilidade ou, como trata Simms (1997), da diferença no potencial de sensibilidade.



#### **4 ANÁLISE DOS NÍVEIS DE SENSIBILIDADE EM LIVROS PROFÉTICOS E POÉTICOS DA BÍBLIA A MENSAGEM**

As análises a seguir são feitas a partir de excertos bíblicos retirados da tradução de *A Mensagem* em contraste com as versões da *Nova Versão Internacional* e da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Estas Bíblias foram escolhidas para este trabalho, pois já se configuram em projetos de tradução que tinham objetivos de atualização da linguagem. Assim sendo, por já se configurarem em traduções contemporâneas, averigua-se de que maneira elas divergem de *A Mensagem*.

Além disso, justifica-se a utilização da versão *Almeida Revista e Atualizada* pelo fato de ela conter referentes que se cristalizaram na mente do público cristão e isso envolve tanto as traduções dos textos poéticos quanto os símbolos e a linguagem contida nos livros proféticos. Dessa maneira, a versão *Almeida Revista e Atualizada* entra como uma referência de tradução tradicional.

A versão de ARA (1993 - reimpressão), que foi revisada, corrigida e atualizada ao longo das últimas décadas, se configura como uma das versões mais populares no meio cristão – se não a mais popular – e seu estilo altamente formal e rebuscado traz à mente do leitor o que seria o sagrado e o celestial. Por estas razões, ela é tida, mesmo que inconscientemente, por parte do receptor, como um segundo original. Assim, como explanado em seu paratexto, tem-se que ARA pretendeu revisar erros de tradução e atualizar determinados excertos tendo em vista a constante transformação da língua. Entretanto, este projeto de revisão e atualização manteve seus princípios de conservar um tom clássico, o que preservou suas características enquanto modelo de tradução tradicional. Desta maneira, ao considerar tais princípios, os excertos de ARA foram trazidos aqui somente para servirem como contraste com as traduções modernas, não sendo o foco explanar exaustivamente os fatores extra e intratextuais desta tradução, como foi feito com as versões de NLTH, NVI e *A Mensagem*.

Este estudo é feito a partir do modelo Funcionalista de análise textual e, por esta razão, são utilizadas as tabelas formuladas por Nord (2016) para este tipo de investigação. Tais tabelas, como apresentadas na discussão sobre as bases do Funcionalismo, apresentam os fatores extra e intratextuais que devem ser levados em conta em um processo tradutório baseado no objetivo de tradução. Desta maneira, cada análise conta com uma tabela específica a fim de elucidar cada um dos aspectos

extra e intratextuais e averiguar em qual deles os trechos das versões da Bíblia em análise se diferenciam.

Ao analisar os fatores extratextuais dos trechos selecionados e das versões utilizadas para a análise, notam-se algumas diferenças. Tendo em vista o aspecto tempo, apesar de pertencerem à mesma época, estando separadas por poucos anos de publicação, *A Mensagem* é a mais recente, e isso pode ter sido circunstancial na produção desta tradução visto o objetivo de se publicar algo diferente de tudo que já existia em nível de traduções modernas da Bíblia. Assim, tem-se que *A Mensagem* foi publicada em 2011, a NVI publicada em 2000, a NTLH em 2000 e a ARA em 1993 respectivamente pelas Editoras Vida, Sociedade Bíblica Brasileira, Geográfica e Sociedade Bíblica Brasileira. Ademais, todas elas foram publicadas, no Brasil, em meio impresso tendo, assim, meio e lugar também como aspectos em comum.

Quanto ao público receptor, todas as versões buscam alcançar cristãos e pessoas interessadas na conduta cristã. Entretanto, *A Mensagem* enfatiza desde o princípio, e esta pesquisa ressalta este fato constantemente, que seu principal objetivo é atrair receptores que perderam a estima pelo texto bíblico por acharem ser este complexo demais para seu entendimento ou por pensarem que seus ensinamentos se reduziram a clichês. Por outro lado, a NVI, por apresentar uma proposta de linguagem moderna, mas que pretende manter certa beleza e estilo pode atrair outro tipo de receptor. Todavia, cabe destacar que no meio cristão estas versões e outras são usadas em grande escala por leitores de todos os níveis de instrução, classe social e, também, de diferentes denominações religiosas que podem preferir, posteriormente ao contato com a versão, esta ou aquela tradução por questões pessoais, ideológicas, sociais, culturais e intelectuais.

Além disso, considerando as intenções do emissor e os propósitos das traduções, é possível averiguar que elas se assemelham fortemente, contudo, NTLH e NVI possuem objetivos ligados à evangelização a qual necessita de uma linguagem adequada ao público que terá contato com o texto bíblico. Já *A Mensagem* visa somente criar o hábito de leitura do texto bíblico e, assim, apresenta um texto altamente popular e acessível.

O que é claramente díspar entre as versões NTLH, NVI e *A Mensagem* – as quais semelhantemente propõem traduções em linguagem moderna – é o fato de *A Mensagem* buscar este objetivo através de recursos lexicais mais ousados ao utilizar informalidades e coloquialismos em um texto que é envolto por um contexto sacro e espiritual. Assim, o que distingue a tradução bíblica *A Mensagem* é o fato de ela prezar pela linguagem extremamente informal a fim de

enaltecer seu encargo contemporâneo de tradução, pois, como afirma Nord (2016, p. 206), “a função textual (juntamente com o tipo textual) frequentemente se reflete na escolha dos itens lexicais”. Além disso, por se direcionar a um público receptor específico, apresenta uma construção lexical peculiar. Nord (2016, p. 203) explica que “um texto orientado ao público revela-se, principalmente, através das escolhas lexicais: emprego de palavras de registros específicos, dialetos e estilos que não são determinados pelo emissor ou pela inserção de explicações.” Dessa maneira, “a escolha do léxico é determinada conjuntamente pelos fatores internos e pelos externos, revelando-se, portanto, informações não apenas sobre os fatores extratextuais, mas também sobre outros aspectos intratextuais.” (NORD, 2016, p. 197) e, considerando a tradução de *A Mensagem*, nota-se que dentre os elementos intratextuais, a grande disparidade entre as traduções está no quesito lexical. É importante destacar que no nível estrutural, sintático, suprasegmental e não-verbal, poucas diferenças são perceptíveis. Dessa forma, os excertos selecionados para estas análises têm maior foco na esfera lexical.

O campo lexical, por outro lado, ilustra particularmente bem a interdependência de fatores extra e intratextuais. Em qualquer texto, as características estilísticas significativas do léxico refletem claramente os fatores extratextuais da situação na qual o texto é utilizado, incluindo os participantes que o fazem para fins comunicativos. Os fatores extratextuais não só conferem um critério de referência para a seleção de palavras como são também muitas vezes – direta ou indiretamente – mencionados no texto. (NORD, 2016, p. 198).

#### 4.1 Os livros proféticos: *Apocalipse* e *Daniel*

Como discutido na seção anterior das categorias dos livros do cânon bíblico, estes se diferenciam entre si em aspectos estruturais, temáticos, lexicais, sintáticos, de conteúdo dentre outros e, por essas dessemelhanças, estudiosos da Bíblia se encarregaram de subdividir o texto bíblico em categorias – textos jurídicos, históricos, poéticos, proféticos, cartas e evangelhos.

Neste momento da pesquisa, em que já se inicia o processo de análise, foca-se nos aspectos constitutivos dos livros proféticos e, em especial, nos livros de *Apocalipse* e *Daniel*. De fato, existem vários

livros proféticos inseridos no cânon bíblico. Aqueles contidos no Antigo Testamento, chamados de Profetas Maiores – Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel – e Profetas Menores – Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias – também são incluídos na categoria de textos proféticos da Bíblia, pois muitos desses profetas tratavam da vinda messiânica – e outros acontecimentos futuros – que, posteriores ao seu tempo, se configuravam em profecias para o povo judeu.

Já no Novo Testamento existe apenas o livro de Apocalipse inserido na categoria profética. Este livro, que é o último da Bíblia, sempre foi responsável por causar inquietações no público cristão por seu conteúdo altamente simbólico, por suas diversas interpretações e até mesmo pela crença de que sua interpretação deve permanecer oculta e desconhecida. Este livro é o foco desta seção de análise; o livro de Daniel se insere nesta análise por conter referências diretas ao texto de autoria de João. Lehmann (2017) explica que, além de ambos os livros possuírem vínculos no que diz respeito ao seu gênero literário (apocalíptico) e quanto à sua temática, existem relações diretas do Novo Testamento aos capítulos 2, 7 e 9 de Daniel. Partindo-se do método historicista<sup>38</sup>, Lehmann (2017) explica que

---

<sup>38</sup> Se trata de “uma abordagem que compreende a apocalíptica histórica como profecia tencionada por seu autor antigo a revelar informação sobre eventos históricos reais que ocorreriam no intervalo entre seus dias e o escatón. [...] O historicismo, como método acadêmico, busca apenas uma reconstrução provável da *intenção original do autor*.” (Vetne, 2016, p. 88 e 90). Outro teórico que aborda tal método é Shea (2003, p. 22) “Ao longo dos tempos, vários métodos diferentes de interpretação de Daniel e Apocalipse têm sido propostos. O método *historicista* entende que essas profecias se cumprem ao longo do curso da história humana, a partir da época dos profetas que as registraram. O *preterismo* defende que Daniel focaliza o reinado de Antíoco IV Epífanês e que o Apocalipse focaliza especialmente o reinado do imperador Nero. Assim, a escola *preterista* está focalizada no passado. Em contraste, a escola *futurista* põe a maior parte do cumprimento desses dois livros no futuro, ainda por se realizarem. Uma importante vertente do futurismo é o *dispensacionalismo*, que limita esse cumprimento aos últimos sete anos da história da Terra.” No original: “Through the ages several different methods of interpreting Daniel and Revelation have been proposed. The historicist method sees these prophecies as being fulfilled through the course of human history beginning at the time of the prophets who wrote them. Preterism sees Daniel as focusing on the reign of Antiochus IV Epiphanes, and it sees the book of Revelation as focusing especially on the reign of the emperor Nero. Thus the preterist school focuses upon the past. In contrast to this, the futurist school places the major emphasis

os escritores do NT [...] reconheciam que as partes escatológicas de Daniel não tinham ainda se *cumprido* em seu tempo ou antes do seu tempo, mas se destinavam a ter cumprimento em algum ponto do tempo que era futuro para eles. Consequentemente, é legítimo relacionar Daniel e Apocalipse em seus pontos de interesse comum na era cristã. (2017, p. 156).

Assim, de acordo com o autor, ambos os livros devem ser estudados em conjunto. Da mesma maneira, outros teólogos como Vetne (2016), Reynolds (2016), Paulien (2017), Shea (2017) e Strand (2017) compartilham da mesma teoria.

Além do livro de Daniel, que é considerado grande referência para interpretação do livro de Apocalipse, o Antigo Testamento em sua totalidade pode ser visto em alusões no livro do Apocalipse. A obra organizada por Reis, Festa e Follis (2016) trata especialmente deste fenômeno e, em um de seus artigos argumenta-se que

[...] nenhum outro livro se baseia tão fortemente no AT como o Apocalipse. Ele está imerso na teologia e na profecia do AT. [...] As visões de João estão enraizadas nas profecias do AT, especialmente as dos profetas maiores e apocalípticos. A teologia e a perspectiva da história da salvação sustentadas por João são uma extensão cristológica e eclesiológica do que é apresentado pelos profetas do AT. Tentar compreender o Apocalipse sem reconhecer as raízes do AT, às quais as profecias de João continuamente fazem alusão, significa impedir toda interpretação do livro. O apocalipse não pode ser compreendido à parte de sua constante referência ao AT [...] [ , pois] João não meramente *transfere* conceitos do AT para o Apocalipse; ele os *transforma* de acordo com seus propósitos. (REYNOLDS, 2016, p. 105).

---

of these two books in the future, yet to be fulfilled. A specially prominent branch of futurism is dispensationalism, which narrows this future fulfillment to the last seven years of earth's history.”

É a partir desta compreensão que se justifica a utilização de excertos bíblicos do Antigo Testamento para que sirvam de contraste para a análise da tradução do livro do Apocalipse, pois, como explanado por Reynolds (2016), esses contêm símbolos correlatos entre si que devem ser compreendidos em conjunto.

Além disso, é importante destacar que assim como todos os outros livros da Bíblia, o Apocalipse, “embora proveniente do trono de Deus, [...] foi comunicado em linguagem apropriada ao tempo, lugar e circunstância do autor humano.” (Paulien, 2017, p. 89). Dessa forma, Paulien (2017) explica que

[...] conquanto a Bíblia possa frequentemente descrever nosso futuro, é importante ter em mente que a linguagem por meio da qual tais profecias foram comunicadas era a linguagem de outro tempo e lugar que não são os nossos. É muito fácil impor ao texto significados mais apropriados ao nosso tempo e lugar do que à situação em que Deus originalmente falou. Descobrir o significado original da linguagem do texto nos guarda contra nossa tendência natural de recriar o texto bíblico à nossa própria imagem. De fato, quando falamos de “significado original” não devemos supor que o autor original ou a audiência original compreendia plenamente o propósito divino na revelação a eles comunicada. O que estamos afirmando é que o propósito divino foi plena e adequadamente representado na frágil e localizada expressão de um falível escritor humano. Portanto, o significado original da linguagem do texto é decisivo para uma compreensão correta das Escrituras. Aplicar à linguagem do texto significados mais apropriados ao nosso tempo e lugar é lançar-nos em uma jornada para todos os tipos de destinos fantásticos que, embora possam parecer bíblicos, são de fato contrários à intenção divina para essa passagem. (2017, p. 90).

Com esta afirmação, o teórico especialista no Apocalipse afirma que, no que tange a interpretação e a tradução desta categoria de texto, por mais que ele tenha sido escrito por autores humanos, ele possui caráter divino e natureza sensível para os cristãos e, por este motivo, um cuidado especial deve ser considerado, a fim de que não se insira

interpretações meramente pessoais. Desse modo, como também elucidado por Nord (2007), a tradução do texto bíblico deve se valer de pesquisas aprofundadas no campo da Teologia, bem como em outras áreas como a Arqueologia, a História e a Crítica Textual.

Tendo em vista a tradução dos livros proféticos e o maior cuidado quanto à tradução e à interpretação dos símbolos retratados, Nord (2016) salienta que

[...] a análise de vários itens lexicais pode demonstrar, muitas vezes, que certa marca estilística é característica do texto inteiro. Se o *skopos* da tradução exige a preservação dessas características, qualquer decisão tradutória pessoal (no campo do léxico e também do conteúdo, da estruturação, da sintaxe etc.) deve estar também subordinada a esse propósito. O tradutor deve, portanto, definir suas estratégias tradutórias com isso em mente, buscando recursos estilísticos para alcançar tal propósito na língua e na cultura alvo. (2016, p. 202).

Deste modo, se relembra, aqui, a hipótese inicial desde estudo de que os livros proféticos carregam maior grau de sensibilidade do que os poéticos, pois possuem um conteúdo específico e já cristalizado na mente do receptor cristão que possui expectativas particulares durante a recepção. Dessa forma, compreende-se que

a seleção dos itens lexicais é determinada, em grande parte, pelas dimensões de assunto e conteúdo. Dependendo do assunto, certos campos semânticos serão representados por mais itens do que outros, e a conexão textual de palavras-chave constituirá cadeias isotópicas por todo o texto. (NORD, 2016, p. 197 e 198).

Além das dimensões de assunto e conteúdo, Nord (2016) enfatiza que o aspecto intenção do emissor também é circunstancial na definição do léxico utilizado e deve ser levado em conta no momento da análise textual de uma tradução.

No que diz respeito ao impacto da intenção do emissor sobre o léxico, é preciso questionar se e como a intenção se reflete na seleção de palavras ou, caso não haja informação externa, qual

intenção se pode deduzir do uso das palavras no texto. Nesse contexto, é o aspecto pragmático da intencionalidade, no sentido de “interesse concreto” que determinou a produção textual, que deve ser analisado. (NORD, 2016, p. 200).

Assim sendo, as análises a seguir apresentam as distinções do léxico entre as versões da Bíblia selecionadas para esta pesquisa, levando em conta os demais aspectos da tabela funcionalista de Nord (2016).

#### **4.1.1 Testemunho de Jesus**

O conceito “testemunho de Jesus” ocorre oito vezes no Novo Testamento, sendo que seis delas são utilizadas por João no livro de Apocalipse. O termo pode parecer irrelevante, contudo, especialmente dentro do contexto profético de Apocalipse – que trata das visões que João recebeu e como as descreveu – e, também, tendo em vista características do povo santo, tal conceito pode trazer conotações díspares. De acordo com Read (2015, p. 105), “tanto no Antigo quanto no NT, um dos significados refere-se claramente às mensagens específicas dadas ao povo por meio dos servos de Deus, os profetas.”

O Comitê da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (1954) pontua que na discussão que cerceia tal conceito não se trata da origem dos manuscritos, de problemas de pontuação ou de diferentes versões da Bíblia, mas, sim, se essa construção lexical é reconhecida como objetiva ou subjetiva. Seguindo o mesmo enfoque, Read (2015) afirma que

[...] comentaristas e estudiosos da Bíblia geralmente reconhecem duas maneiras em que a expressão ‘testemunho de Jesus’ pode ser entendida. Muitos interpretam a definição dada pelo anjo como ‘o testemunho dado sobre Jesus Cristo’. Por isso, entendem que a frase se refira ao testemunho que nós como cristãos damos quando testemunhamos do Salvador perante o mundo e nossos amigos, por preceito, por exemplo. Outros entendem que a expressão represente o testemunho do próprio Cristo, o testemunho que Ele deu em sua própria vida enquanto esteve aqui na terra, e o testemunho que Ele continua dando

até hoje por meio de seus servos, os profetas. (2015, p. 106).

Além do mais, os autores explicam que, tendo em vista os manuscritos, não existem grandes variações lexicais na língua grega; o conceito se apresenta consistente em sua forma de expressão em todas as ocorrências.

**Quadro 8:** O testemunho de Jesus

<i>A Mensagem</i>	
<b>Passagens bíblicas</b>	
<b>Apocalipse 1:2</b>	“E João contou tudo que viu: a Palavra de Deus – o <b>testemunho de Jesus Cristo!</b> ”
<b>Apocalipse 1:9</b>	“[...] estava na ilha chamada Patmos, por causa da Palavra de Deus, o <b>testemunho de Jesus.</b> ”
<b>Apocalipse 12:17</b>	“[...] os que guardavam os mandamentos de Deus e se mantinham fiéis ao <b>testemunho de Jesus.</b> ”
<b>Apocalipse 19:10</b>	“[...] ‘Sou um servo igual a você e seus irmãos, que mantém o <b>testemunho de Jesus. O testemunho de Jesus é o espírito da profecia.</b> ’”
<b>Apocalipse 20:4</b>	“[...] Vi também as almas dos que haviam sido decapitados por causa <b>do testemunho que deram por Jesus</b> e pela Palavra de Deus, [...]”
<b>1 Coríntios 1:6</b>	“ <b>Cristo</b> pode ser visto claramente na vida de vocês.”
<b>2 Timóteo 1:8</b>	“Portanto, não tenha vergonha de <b>falar por nosso Senhor</b> ou por mim, seu prisioneiro. [...]”
<i>NTLH</i>	
<b>Passagens bíblicas</b>	
<b>Apocalipse 1:2</b>	“João contou tudo que viu, e aqui está o que ele contou a respeito da mensagem de Deus e da <b>verdade revelada por Jesus Cristo.</b> ”
<b>Apocalipse 1:9</b>	“[...] para onde havia sido levado por ter anunciado a mensagem de Deus e <b>a verdade que Jesus revelou.</b> ”
<b>Apocalipse 12:17</b>	“[...] aqueles que obedecem aos mandamentos de Deus e são fiéis à <b>verdade revelada por Jesus.</b> ”
<b>Apocalipse 19:10</b>	“[...] Pois eu sou servo de Deus, assim como são você e os seus irmãos que continuam fiéis à <b>verdade revelada por Jesus.</b> Adore a Deus! Pois a <b>verdade revelada por Jesus</b> é a mensagem que o Espírito entrega aos profetas.”
<b>Apocalipse 20:4</b>	“[...] Vi também as almas das pessoas que tinham

	sido degoladas porque haviam anunciado a mensagem de Deus e a <b>verdade que Jesus revelou.</b> [...]”
<b>1 Coríntios 1:6</b>	“ <b>A mensagem a respeito de Cristo</b> está tão firme em vocês,”
<b>2 Timóteo 1:8</b>	“Portanto, não se envergonhe de dar o seu <b>testemunho a favor do nosso Senhor</b> , nem se envergonhe de mim, que estou na cadeia porque sou servo dele.”
<i>NVI</i>	
<b>Apocalipse 1:2</b>	“que dá testemunho de tudo que viu, isto é, a palavra de Deus e o <b>testemunho de Jesus Cristo.</b> ”
<b>Apocalipse 1:9</b>	“[...] estava na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do <b>testemunho de Jesus.</b> ”
<b>Apocalipse 12:17</b>	“[...] os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao <b>testemunho de Jesus.</b> ”
<b>Apocalipse 19:10</b>	“[...] Sou servo como você e como os seus irmãos que se mantêm fiéis ao <b>testemunho de Jesus.</b> Adore a Deus! O <b>testemunho de Jesus</b> é o espírito de profecia.”
<b>Apocalipse 20:4</b>	“[...] Vi as almas dos que foram decapitados por causa do <b>testemunho de Jesus</b> e da palavra de Deus. [...]”
<b>1 Coríntios 1:6</b>	“porque o <b>testemunho de Cristo</b> foi confirmado entre vocês,”
<b>2 Timóteo 1:8</b>	“Portanto, não se envergonhe de <b>testemunhar do Senhor</b> , nem de mim, que sou prisioneiro [...]”
<i>ARA</i>	
<b>Passagens bíblicas</b>	
<b>Apocalipse 1:2</b>	“o qual atestou a palavra de Deus e o <b>testemunho de Jesus Cristo</b> , quanto a tudo o que viu.”
<b>Apocalipse 1:9</b>	“[...] achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do <b>testemunho de Jesus.</b> ”
<b>Apocalipse 12:17</b>	“[...] os que guardam os mandamentos de Deus e têm o <b>testemunho de Jesus;</b> [...]”
<b>Apocalipse 19:10</b>	“[...] sou servo teu e dos teus irmãos que mantêm o <b>testemunho de Jesus;</b> adora a Deus. Pois o <b>testemunho de Jesus</b> é o espírito de profecia.”
<b>Apocalipse 20:4</b>	“[...] Vi ainda as almas dos decapitados por causa do <b>testemunho de Jesus</b> , bem como por causa da palavra de

	Deus, [...]”
<b>1 Coríntios 1:6</b>	“assim como o <b>testemunho de Cristo</b> tem sido confirmado em vós,”
<b>2 Timóteo 1:8</b>	“Não te envergonhes, portanto, do <b>testemunho de nosso Senhor</b> , nem do seu encarcerado, que sou eu; [...]”

Fonte: Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 9:** Análise textual dos versículos que contém o termo "Testemunho de Jesus"

<b>Testemunho de Jesus</b>				
<b>Fatores extratextuais</b>				
	<i>A Mensagem</i>	NTLH	NVI	ARA
<b>Emissor</b>	Peterson, Editora Vida (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).	Editora Geográfica, Bíblica Brasil (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).
<b>Intenção do emissor</b>	Abordar uma característica do povo de Deus com linguagem acessível e contemporânea.	Abordar uma característica do povo de Deus com linguagem simples, natural e adequada ao nível educacional médio da população.	Abordar uma característica do povo de Deus com linguagem moderna que mantenha a beleza de estilo, clareza, precisão e dignidade.	Abordar uma característica do povo de Deus com linguagem mais rebuscada em registro formal.
<b>Público/Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia.	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis intelectuais; igreja	Leitores cristãos (ou não).

			evangélica	
<b>Meio</b>	Impresso.			
<b>Lugar</b>	Brasil.			
<b>Tempo</b>	2011	2012	2000	1993
<b>Propósito/ Motivo</b>	Informar e tratar a respeito de situações que envolvem o povo de Deus que tem a característica do “testemunho de Jesus” através de linguagem acessível e contemporânea.	Informar e tratar a respeito de situações que envolvem o povo de Deus que tem a característica do “testemunho de Jesus” através de uma linguagem mais próxima do dia a dia do falante.	Informar e tratar a respeito de situações que envolvem o povo de Deus que tem a característica do “testemunho de Jesus” através de uma linguagem descomplicada, clara e impactante.	Informar e tratar a respeito de situações que envolvem o povo de Deus que tem a característica do “testemunho de Jesus” através de uma linguagem em registro formal.
<b>Função textual</b>	Função referencial e expressiva.			
<b>Fatores intratextuais</b>				
<b>Assunto/ Tema</b>	Eventos futuros que envolvem o povo de Deus.			
<b>Conteúdo</b>	A experiência de exílio de João, as perseguições daqueles que tem a característica do “testemunho de Jesus”, eventos futuros e proféticos e a pregação do evangelho de Cristo.			
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento prévio do curso da história bíblica para que se compreendam os eventos escatológicos.			
<b>Estruturação</b>	Frases simples e curtas em pequenos parágrafos.			
<b>Elementos não verbais</b>	Não apresenta.			
<b>Léxico</b>	(As diferenças e semelhanças lexicais que ocorrem nos trechos selecionados para análise constam grifadas na tabela acima.)			
<b>Sintaxe</b>	Frases simples e curtas.			
<b>Elementos suprasseg.</b>	Não apresenta.			

<b>Efeito</b>				
<b>Efeito do texto</b>	Despertar o interesse e compreensão dos eventos apocalípticos e alertar sobre o papel do povo de Deus nesses eventos por meio de uma linguagem contemporânea e informal.	Despertar o interesse e compreensão dos eventos apocalípticos e alertar sobre o papel do povo de Deus nesses eventos aproximando o leitor ao texto bíblico através de uma linguagem que lhe é familiar.	Despertar o interesse e compreensão dos eventos apocalípticos e alertar sobre o papel do povo de Deus impactando o leitor com a leitura do texto bíblico apresentado de forma clara, precisa e bela.	Despertar o interesse e compreensão dos eventos apocalípticos e alertar sobre o papel do povo de Deus nesses eventos a partir de uma linguagem mais sofisticada e formal.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

Como é possível constatar nos quadros 8 e 9 formulados para esta análise, na dimensão lexical – que é onde se encontra o maior contraste da tradução de *A Mensagem* com as outras versões já contemporâneas da Bíblia –, mesmo que as intenções e propósitos dos emissores para as versões modernas, como um todo, fossem de apresentar produtos diferenciados, pouca modificação é notada na letra deste termo em específico.

Ao considerar as traduções apresentadas e tendo como foco a análise dos trechos da Bíblia *A Mensagem*, verifica-se a predominância lexical do caso genitivo subjetivo nas traduções. Todavia, em Apocalipse 20:4, não se faz o uso da preposição “de” e traduz-se “do testemunho que deram por Jesus”.

A Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (1954), ao discutir problemas de tradução bíblica, pontua que, quanto aos versículos que abordam o “testemunho de Jesus”:

A alegação de muitos é que esta expressão deve ser entendida em um sentido objetivo e, portanto, deve ser considerada como um testemunho sobre

Jesus Cristo; em outras palavras, não tanto o Seu testemunho, mas o nosso testemunho sobre ele.<sup>39</sup> (1954, p. 244, tradução nossa).

Pode-se entender que o testemunho de Jesus foi algo dado a João – e a outros profetas – e que, posteriormente, por ter testemunhado tais eventos, ele possui o testemunho de Jesus e o apresenta de forma objetiva. Todavia, os versículos que foram traduzidos como “o testemunho de Jesus” podem inferir que o testemunho diz respeito a algo de Jesus subjetivamente, ou seja, se refere a sua própria vida e ao seu ministério da Terra e este seria dado pelas pessoas que viveram ao seu redor ou que receberam o dom profético. Este é o posicionamento defendido pelo Comitê da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo dia (1954, p. 249, tradução nossa) que afirma que o testemunho de Jesus “refere-se principalmente ao testemunho do próprio Jesus, seja em sua própria vida e ministério, ou em e através de Seus servos, os profetas”<sup>40</sup>, o que também é defendido por Read (2015) que explica que

[...] o sentido objetivo pode ser considerado, mas apenas como significado secundário. Já demonstramos que o sentido primário dessa expressão é o subjetivo – o ‘testemunho de Jesus’ significa testemunho *dele* próprio ou o testemunho que Ele dá através de seus servos a quem concedeu dom profético. Depois dos profetas receberem a iluminação divina e levarem a mensagem às pessoas, no próprio ato de enunciarem a mensagem, estão, sem dúvida, dando testemunho a respeito de seu Senhor e Mestre. (2015, p. 110).

Assim sendo, o “testemunho de Jesus” estaria mais fortemente relacionado a uma situação subjetiva na qual se ressalta “o ‘seu testemunho’, ou o testemunho que Cristo dá por meio de seus servos, aos quais foi concedido o dom profético.” (Read, 2015, p. 108),

---

<sup>39</sup> “The contention of many is that this expression should be understood in an objective sense, and hence should be regarded as one’s testimony concerning Jesus Christ; in other words, not so much His testimony as our testimony about Him.”

<sup>40</sup> “Refers primarily to the testimony borne by Jesus Himself, either in His own life and ministry, or in and through His servants the prophets.”

enquanto que a opção de Apocalipse 20:4 – “o testemunho que deram por Jesus” – traria a conotação objetiva, que de acordo com os autores, só deve ser assumida em um momento secundário.

Ainda em relação à tradução desse conceito, como citado anteriormente, tem-se que os manuscritos em língua grega não apresentam grandes variações em nível lexical, todavia, as traduções do termo dentro da Bíblia *A Mensagem* variam. Ao passo que no livro do Apocalipse houve uma preocupação maior quanto à padronização do vocábulo – mesmo que em Apocalipse 20:4 tenha se traduzido de forma diferente – nos outros livros no Novo Testamento – I Coríntios e II Timóteo – nos quais existem ocorrências do termo, a tradução se apresentou de forma bastante peculiar. O “testemunho de Jesus”, em I Coríntios 1:6 é traduzido como “Cristo”, ou seja, de acordo com essa interpretação, o “testemunho de Jesus” é a pessoa de Cristo refletida na vida dos fiéis. De forma similar, em II Timóteo 1:8 no qual o autor aconselha para que não “te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor” (ARA), a tradução de *A Mensagem* expressa que não se deve envergonhar-se de falar sobre Jesus.

Através dessas diferentes traduções, pode-se inferir que o “testemunho de Jesus” é compreendido na tradução de *A Mensagem* como algo dado por Jesus de forma subjetiva aos profetas e que se transforma em uma característica inerente ao povo de Deus, e as escolhas lexicais feitas pelos tradutores desta versão da Bíblia denotam preocupação pela manutenção de um referente já cristalizado – dentro do livro de Apocalipse –, pois, por já se configurar em uma expressão fixa, denota um ponto de maior sensibilidade para a comunidade cristã, tendo em vista também a função de compreensão do texto profético.

#### 4.1.2 A chave de Davi

O termo “chave de Davi” ocorre de forma semelhante nos livros proféticos de Isaías e Apocalipse.

##### Quadro 10: A chave de Davi

<i>A Mensagem</i>	
<b>Passagens bíblicas</b>	
<b>Apocalipse 3:7</b>	“Escreva a Filadélfia, ao Anjo da igreja. Assim diz o Santo, o Verdadeiro – aquele que tem a <b>chave de Davi</b> em sua mão, que abre portas que ninguém fecha e fecha portas que ninguém abre.”
<b>Isaías 22:22</b>	“Vou dar a ele a <b>chave da herança davídica</b> . Ele vai

	governar o lugar – abrirá qualquer porta e a manterá aberta, fechará qualquer porta e a manterá fechada.”
<i>NTLH</i>	
<b>Apocalipse 3:7</b>	“ – Ao anjo da igreja de Filadélfia escreva o seguinte: ‘Esta é a mensagem daquele que é santo e verdadeiro. Ele tem a <b>chave que pertencencia ao rei Davi</b> ; quando ele abre, ninguém fecha, e quando ele fecha, ninguém abre.’”
<b>Isaías 22:22</b>	“Darei a ele as <b>chaves do cargo que ele ocupará como o homem mais poderoso do país, logo abaixo do rei</b> . O que ele abrir ninguém fechará, o que ele fechar ninguém abrirá.”
<i>NVI</i>	
<b>Apocalipse 3:7</b>	“Ao anjo da igreja em Filadélfia escreva: ‘Estas são as palavras daquele que é santo e verdadeiro, que em a <b>chave de Davi</b> . O que ele abre ninguém pode fechar, e o que ele fecha ninguém pode abrir.’”
<b>Isaías 22:22</b>	“Porei sobre os ombros dele a <b>chave do reino de Davi</b> ; o que ele abrir ninguém conseguirá fechar; e o que ele fechar ninguém conseguirá abrir.”
<i>ARA</i>	
<b>Apocalipse 3:7</b>	“Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a <b>chave de Davi</b> , que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá.”
<b>Isaías 22:22</b>	“Porei sobre o seu ombro a <b>chave da casa de Davi</b> ; ele abrirá, e ninguém fechará, fechará, e ninguém abrirá.”

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 11:** Análise textual dos versículos que contém o termo "Chave de Davi"

<b>Chave de Davi</b>				
<b>Fatores extratextuais</b>				
	<i>A Mensagem</i>	NTLH	NVI	ARA
<b>Emissor</b>	Peterson, Editora Vida (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).	Editores Geográficos, Bíblica Brasil (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).
<b>Intenção do emissor</b>	Acentuar a autoridade de Jesus através da expressão metafórica e com	Acentuar a autoridade de Jesus através da expressão metafórica	Acentuar a autoridade de Jesus através da expressão metafórica com	Acentuar a autoridade de Jesus através da expressão metafórica

	linguagem acessível e contemporânea .	com linguagem simples, natural e adequada ao nível educacional médio da população.	linguagem moderna que mantenha a beleza de estilo, clareza, precisão e dignidade.	com linguagem mais rebuscada em registro formal.
<b>Público/Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia.	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis intelectuais; igreja evangélica	Leitores cristãos (ou não).
<b>Meio</b>	Impresso			
<b>Lugar</b>	Brasil			
<b>Tempo</b>	2011	2012	2000	1993
<b>Propósito/Motivo</b>	Instruir a respeito da autoridade da autoridade máxima de Jesus através de linguagem acessível e contemporânea .	Instruir a respeito da autoridade da autoridade máxima de Jesus através de uma linguagem mais próxima do dia a dia do falante.	Instruir a respeito da autoridade da autoridade máxima de Jesus através de uma linguagem descomplicada , clara e impactante.	Instruir a respeito da autoridade da autoridade máxima de Jesus através de uma linguagem em registro formal.
<b>Função textual</b>	Função referencial e expressiva.			
<b>Fatores intratextuais</b>				
<b>Assunto/Tema</b>	O poder e autoridade de Jesus			
<b>Conteúdo</b>	Carta à igreja de Filadélfia tratando do poder e autoridade			

	daquele que possui a chave de Davi e daquele a quem foi dada a chave de Davi.			
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento prévio da história de Jesus e do Rei Davi.			
<b>Estruturação</b>	Frases simples e curtas em pequenos parágrafos.			
<b>Elementos não verbais</b>	Não apresenta.			
<b>Léxico</b>	(As diferenças e semelhanças lexicais que ocorrem nos trechos selecionados para análise constam grifadas na tabela acima.)			
<b>Sintaxe</b>	Frases simples e curtas.			
<b>Elementos supraseg.</b>	Não apresenta.			
<b>Efeito</b>				
<b>Efeito do texto</b>	Conferir maior peso ao poder e autoridade de Jesus através da metáfora e por meio de uma linguagem contemporânea e informal.	Conferir maior peso ao poder e autoridade de Jesus através da metáfora, aproximando o leitor ao texto bíblico através de uma linguagem que lhe é familiar.	Conferir maior peso ao poder e autoridade de Jesus através da metáfora, impactando o leitor com a leitura do texto bíblico apresentado de forma clara, precisa e bela.	Conferir maior peso ao poder e autoridade de Jesus através da metáfora e a partir de uma linguagem mais sofisticada e formal.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

Os capítulos 2 e 3 do livro de Apocalipse são pequenas cartas para diferentes igrejas da época de João que, de acordo com teólogos vinculados ao método historicista, se referem às diferentes fases que a igreja cristã passou ao longo da história, levando em conta o período que se iniciou a partir dos escritos do autor do livro apocalíptico.

O excerto referente a Apocalipse 3:7 consta na carta endereçada à igreja de Filadélfia e, ao fazer seus encaminhamentos, afirma que aquelas palavras são daquele que possui “a chave de Davi” – que se refere à figura de Jesus. Essa profecia já se encontrava no livro de Isaías – o qual também é um livro profético – que já tratava do ministério e da posição de Jesus perante seu povo e sua igreja.

Este versículo aplica a profecia de Isaías acerca de Eliaquim a Cristo [...]. Eliaquim foi designado para supervisionar a casa de Davi, conforme demonstra o fato de que receberia “a chave da casa de Davi”. Cristo possui a “chave”, o que indica Sua jurisdição sobre a igreja e sobre o propósito divino a ser alcançado por meio dela. (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2014, p. 838).

Quanto ao termo “chave”, o Dicionário Bíblico Adventista (2016) explica que

[...] a entrada das casas antigas nem sempre era fechada por portas. E nem todas as portas estavam equipadas com fechaduras. [...] As portas equipadas com fechaduras podiam ser destrancadas pelo lado de fora com uma chave. [...] As chaves antigas não eram giradas, mas funcionavam como alavancas para levantar os pinos da fechadura. [...] Aparentemente, certas chaves antigas eram tão grandes que deviam ser transportadas no ombro (Is 22:22). (2016, p. 1342).

Assim, ao utilizar tal analogia através deste léxico, o autor/emissor do Apocalipse faz referência à autoridade que Eliaquim tinha durante o reinado do rei Davi, pois, conforme o Dicionário Bíblico Adventista (2016, p. 1342), “as chaves eram símbolo de autoridade.” Dessa maneira, esse excerto denota a soberania de Jesus sobre a igreja.

Quanto à tradução de tal simbologia, pode-se notar que as opções lexicais de *A Mensagem*, NVI e ARA se assemelham enquanto que a tradução da NTLH se distingue por inserir no âmbito sintático elementos explicativos possivelmente em vias de elucidar a significação de tal símbolo, pois em seus versos consta exatamente o que foi explanado nos parágrafos acima, ao explicar a função de Eliaquim, que era quem possuía as “chaves do cargo que ele ocupará como o homem mais poderoso do país, logo abaixo do rei.” (NTLH, 2010).

Ao focar-se na tradução de *A Mensagem*, nota-se que no excerto de Apocalipse, os tradutores optaram por manter, lexicalmente, o símbolo da forma que se convencionou na tradução tradicional – ARA – e que também foi mantido na NVI. Entretanto, no livro profético de

Isaías, os tradutores de *A Mensagem* optaram por “chave da herança davidica”. A opção por tal tradução pode remeter ao fato de Jesus ser um descendente do rei Davi e, que, conseqüentemente, seria um herdeiro legítimo, podendo herdar suas chaves – que simbolicamente seria a herança de sua autoridade.

Por mais que o livro de Isaías também represente um livro profético, assim como Apocalipse, os tradutores entenderam que, ali, poderiam realizar uma escolha lexical distinta, a fim de esclarecer um aspecto interpretativo – de Jesus possuir a autoridade de Davi. Segundo Nord (2007), uma tradução funcional realiza interpretações de forma leal e baseia-se em pesquisas teológicas. Estas interpretações podem ser responsáveis por reduzir ambigüidades – a fim de auxiliar os leitores mais leigos – sem tomar posição por nenhuma vertente denominacional específica. Assim, pode-se entender que a opção por incluir o termo “herança” poderia ser uma ferramenta de auxílio na compreensão do símbolo da “chave de Davi”, fazendo uma ligação maior entre Jesus e o rei Davi ao afirmar, através do termo, seu vínculo genealógico e, assim, servindo ao seu propósito e função pretendida.

#### 4.1.3 A Besta que veio do mar

Quadro 12: A Besta que veio do mar

<i>A Mensagem</i>	
<b>Passagens bíblicas</b>	
<b>Apocalipse 13:1</b>	O Dragão ficou de pé à beira do <b>mar</b> , e vi uma Besta levantando-se do <b>mar</b> . Tinha dez chifres e sete cabeças [...].
<b>Apocalipse 17:15</b>	O Anjo continuou: As <b>águas</b> que você viu, onde está o trono da Prostituta, são pessoas, povos, nações e línguas.
<i>NTLH</i>	
<b>Apocalipse 13:1</b>	Depois vi um monstro que subia do <b>mar</b> . Ele tinha dez chifres e sete cabeças [...]
<b>Apocalipse 17:15</b>	Então o anjo também me disse: - As <b>águas</b> que você viu, onde a prostituta está sentada, são nações, povos, raças e línguas.
<i>NVI</i>	
<b>Apocalipse 13:1</b>	Vi uma besta que saía do <b>mar</b> . Tinha dez chifres e sete cabeças [...].
<b>Apocalipse 17:15</b>	Então o anjo me disse: “As <b>águas</b> que você viu, onde está sentada a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas. [...]”
<i>ARA</i>	

<b>Apocalipse 13:1</b>	Vi emergir do <b>mar</b> uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças [...]
<b>Apocalipse 17:15</b>	Falou-me ainda: As <b>águas</b> que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 13:** Análise textual dos versículos que contém o termo "a besta que veio do mar"

<b>A besta que veio do mar</b>				
<b>Fatores extratextuais</b>				
	<i>A Mensagem</i>	NTLH	NVI	ARA
<b>Emissor</b>	Peterson, Editora Vida (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).	Editora Geográfica, Bíblica Brasil (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).
<b>Intenção do emissor</b>	Tratar da profecia de uma das bestas do Apocalipse com linguagem acessível e contemporânea.	Tratar da profecia de uma das bestas do Apocalipse com linguagem simples, natural e adequada ao nível educacional médio da população.	Tratar da profecia de uma das bestas do Apocalipse com linguagem moderna que mantenha a beleza de estilo, clareza, precisão e dignidade.	Tratar da profecia de uma das bestas do Apocalipse com linguagem mais rebuscada em registro formal.
<b>Público/Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia.	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis intelectuais; igreja evangélica	Leitores cristãos (ou não).
<b>Meio</b>	Impresso			

<b>Lugar</b>	Brasil			
<b>Tempo</b>	2011	2012	2000	1993
<b>Propósito/ Motivo</b>	Informar seu leitor sobre as características de uma das bestas através de linguagem acessível e contemporânea.	Informar seu leitor sobre as características de uma das bestas através de uma linguagem mais próxima do dia a dia do falante.	Informar seu leitor sobre as características de uma das bestas através de uma linguagem descomplicada, clara e impactante.	Informar seu leitor sobre as características de uma das bestas através de uma linguagem em registro formal.
<b>Função textual</b>	Função referencial, expressiva, metalinguística.			
<b>Fatores intratextuais</b>				
<b>Assunto/Tema</b>	As bestas do tempo do fim.			
<b>Conteúdo</b>	A besta que surgiu do mar; um dos poderes do tempo do fim.			
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento prévio da história bíblica e do curso da humanidade até o tempo do fim.			
<b>Estruturação</b>	Frases simples e curtas em pequenos parágrafos.			
<b>Elementos não verbais</b>	Não apresenta.			
<b>Léxico</b>	(As diferenças e semelhanças lexicais que ocorrem nos trechos selecionados para análise constam grifadas na tabela acima.)			
<b>Sintaxe</b>	Frases simples e curtas.			
<b>Elementos supraseg.</b>	Não apresenta.			
<b>Efeito</b>				
<b>Efeito do texto</b>	Fazer com que o leitor reconheça uma das bestas do tempo do fim por meio de uma linguagem contemporânea e informal.	Fazer com que o leitor reconheça uma das bestas do tempo do fim, aproximando o leitor ao texto bíblico através de uma	Fazer com que o leitor reconheça uma das bestas do tempo do fim, impactando o leitor com a leitura do texto bíblico apresentado de forma	Fazer com que o leitor reconheça uma das bestas do tempo do fim a partir de uma linguagem mais sofisticada e formal.

		linguagem que lhe é familiar.	clara, precisa e bela.	
--	--	-------------------------------	------------------------	--

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

O capítulo 13 de Apocalipse traz para os receptores cristãos as figuras simbólicas de duas bestas com características distintas que, de acordo com as profecias, surgirão no tempo do fim. A interpretação relativa a essas figuras simbólicas diverge a depender do contexto denominacional que o emprega; todavia, como explica Shea (2017, p. 392 e 393), existe certo consenso entre teóricos e estudiosos vinculados aos movimentos e teorias preteristas, futuristas e historicistas de que a besta retratada em Apocalipse 13:1 refere-se ao poder de Roma Papal. Tal conclusão ocorre devido à característica deste ser como uma besta que emerge do “mar” – o que a distingue da outra besta apresentada posteriormente que seria a que emerge da “terra” –, pois como o próprio livro de Apocalipse elucida no capítulo 17 e verso 15, “mar” ou “águas” simbolizaria um local povoado, ou seja, em profecias simbólicas, “mar” significa povos e multidões. Assim, concluiu-se, tendo em vista as características apresentadas neste capítulo e levando em conta as pesquisas dos estudiosos da área, que este local geográfico seria onde se localiza a Itália e, mais especificamente, Roma. Os detalhes que esclarecem tal interpretação são vastos e exigem uma abordagem aprofundada que não se faz importante nesta análise. Todavia, cabe destacar que quanto a esta interpretação há alusões não somente neste trecho de Apocalipse 17:15 como também em Daniel 7:2-7 e 17, conforme explicitado pelo Dicionário Bíblico Adventista (2016, p. 856).

Assim sendo, já se reafirma a explanação de Reynolds (2016) na qual o autor de Apocalipse tenha empregado a linguagem e os símbolos já contidos em livros e escritos anteriores a ele, como é o caso do livro de Daniel.

Quanto à tradução dessa figura simbólica de apocalipse – mar – é possível constatar que a opção lexical entre as quatro versões da Bíblia selecionadas para a análise se mantém fixas e estáveis tanto no trecho que introduz o tema da besta – Apocalipse 13:1 – quanto no excerto que desvendaria o significado de tal figura de linguagem – Apocalipse 17:15 –, pois o termo “águas”, que se relaciona com o vocábulo “mar”, também segue traduzido da mesma forma em todas as versões. Além disso, é possível constatar um padrão sintático e estrutural semelhante em todas as traduções, assim como a ausência de elementos suprasegmentais. Isto pode inferir que há a preocupação pela

manutenção de uma forma específica já consolidada, mesmo que em suas intenções, propósitos e efeitos pretendidos, as diferentes versões – *A Mensagem*, NTLH e NVI – apresentassem propostas de atualização de linguagem, modernização a aproximação do contexto real dos falantes de língua portuguesa. A este respeito, Nord (2016) explica que

Em todos esses casos, o tradutor deve verificar se a escolha de palavras é comum – ou pelo menos padronizada para certos tipos de textos – ou se essas escolhas podem ser consideradas originais ou até mesmo extravagantes. (2016, p. 202).

Deste modo, nota-se que os emissores de *A Mensagem* bem como os emissores das outras versões modernas analisadas optaram pela manutenção do léxico comum metafórico, simbólico e já padronizado em oposição a novas escolhas tradutórias e estruturas lexicais.

#### 4.1.4 Alfa e ômega

**Quadro 14:** Alfa e ômega

<i>A Mensagem</i>	
<b>Passagens bíblicas</b>	
<b>Apocalipse 22:13</b>	Eu sou o <b>A</b> e o <b>Z</b> , o <b>Primeiro</b> e o <b>Derradeiro</b> , o <b>Princípio</b> e o <b>Fim</b> .
<i>NTLH</i>	
<b>Apocalipse 22:13</b>	Eu sou o <b>Alfa</b> e o <b>Ômega</b> , o <b>Primeiro</b> e o <b>Último</b> , o <b>Princípio</b> e o <b>Fim</b> .
<i>NVI</i>	
<b>Apocalipse 22:13</b>	Eu sou o <b>Alfa</b> e o <b>Ômega</b> , o <b>Primeiro</b> e o <b>Último</b> , o <b>Princípio</b> e o <b>Fim</b> .
<i>ARA</i>	
<b>Apocalipse 22:13</b>	Eu sou o <b>Alfa</b> e o <b>Ômega</b> , o <b>Primeiro</b> e o <b>Último</b> , o <b>Princípio</b> e o <b>Fim</b> .

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 15:** Análise textual dos versículos que contém o termo "Alfa e Ômega"

<b>Alfa e Ômega</b>				
<b>Fatores extratextuais</b>				
	<i>A Mensagem</i>	NTLH	NVI	ARA
<b>Emissor</b>	Peterson, Editora Vida (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).	Editora Geográfica, Bíblica Brasil (vários	SBB (vários tradutores)

			tradutores).	
<b>Intenção do emissor</b>	Retratar o caráter perpétuo de Deus com linguagem acessível e contemporânea .	Retratar o caráter perpétuo de Deus com linguagem simples, natural e adequada ao nível educacional médio da população.	Retratar o caráter perpétuo de Deus com linguagem moderna que mantenha a beleza de estilo, clareza, precisão e dignidade.	Retratar o caráter perpétuo de Deus com linguagem mais rebuscada em registro formal.
<b>Público/ Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia.	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis intelectuais; igreja evangélica	Leitores cristãos (ou não).
<b>Meio</b>	Impresso.			
<b>Lugar</b>	Brasil.			
<b>Tempo</b>	2011	2012	2000	1993
<b>Propósito/ Motivo</b>	Informar e ressaltar o caráter perpétuo de Deus através de linguagem acessível e contemporânea .	Informar e ressaltar o caráter perpétuo de Deus através de uma linguagem mais próxima do dia a dia do falante.	Informar e ressaltar o caráter perpétuo de Deus através de uma linguagem descomplicada , clara e impactante.	Informar e ressaltar o caráter perpétuo de Deus através de uma linguagem em registro formal.
<b>Função textual</b>	Função referencial e expressiva.			
<b>Fatores intratextuais</b>				
<b>Assunto/</b>	Perpetuidade de Deus.			

<b>Tema</b>				
<b>Conteúdo</b>	Ênfases na perpetuidade de Deus.			
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento prévio da constante atuação de Deus na vida humana atrelado ao seu caráter eterno.			
<b>Estruturação</b>	Frase simples e curta dentro de um pequeno parágrafo.			
<b>Elementos não verbais</b>	Não apresenta.			
<b>Léxico</b>	(As diferenças e semelhanças lexicais que ocorrem nos trechos selecionados para análise constam grifadas na tabela acima.)			
<b>Sintaxe</b>	Frase simples e curta.			
<b>Elementos suprasseg.</b>	Não apresenta.			
<b>Efeito</b>				
<b>Efeito do texto</b>	Trazer à mente do receptor a concepção da eternidade de Deus por meio de uma linguagem contemporânea e informal.	Trazer à mente do receptor a concepção da eternidade de Deus, aproximando o leitor ao texto bíblico através de uma linguagem que lhe é familiar.	Trazer à mente do receptor a concepção da eternidade de Deus, impactando o leitor com a leitura do texto bíblico apresentado de forma clara, precisa e bela.	Trazer à mente do receptor a concepção da eternidade de Deus a partir de uma linguagem mais sofisticada e formal.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

O trecho em análise de Apocalipse 22:13 se configura em um dos trechos mais populares do Apocalipse senão de toda a Bíblia. Em um contexto no qual Deus declara seu poderio sobre a humanidade, sua recompensa aos que forem fiéis e os castigos àqueles que não o forem, ele afirma, através de seu emissor, João, que ele é eterno. O autor do livro de Apocalipse utiliza determinadas estruturas lexicais que se cristalizaram em língua portuguesa na forma traduzida de ARA, que posteriormente foram reproduzidas de forma idêntica nas versões de NTLH e NVI.

Como explica Nord (2016, p. 206), “a função textual [...] frequentemente se reflete na escolha dos itens lexicais.” Assim, ao considerar que a função do texto de Apocalipse 22:13 é a função

referencial e expressiva, e considerando também que, assim como explana a teórica promotora do Funcionalismo alemão, os fatores extratextuais também exercem ampla influência sobre a tomada de decisão no aspecto lexical, tem-se que os emissores de *A Mensagem* optaram por trazer o texto até seu receptor, em um movimento de domesticação e que pode ser comprovado, principalmente, na tradução dos livros poéticos da Bíblia que são apresentados na seção de análise seguinte.

Diferente da tradução dos livros poéticos, dentro dos livros proféticos existe certa uniformidade de escolhas tradutórias dos emissores de *A Mensagem* e dos emissores das outras versões em análise; entretanto, neste trecho, há uma estratégia distinta.

Sabe-se que os vocábulos “alfa” e “ômega” dizem respeito, respectivamente, à primeira e à última letra do alfabeto grego e, tendo em vista que todo o Novo Testamento incluindo o Apocalipse foi escrito em língua grega, entende-se que esta estrutura sintática se manteve bastante aproximada entre língua fonte e língua alvo. Contudo, neste excerto, os tradutores de *A Mensagem* optaram por um referente de língua portuguesa para retratar o caráter perpétuo de Deus – as letras A e Z, respectivamente, a primeira e a última letra do alfabeto.

A opção lexical pelas letras inicial e final do alfabeto utilizado em muitos idiomas pode trazer um efeito semelhante àquele causado pelas outras versões em análise, pois retrata a ideia de primeiro e último. Todavia, para o receptor cristão familiarizado com o texto, sempre haverá vestígios em suas memórias de leitor da estrutura consolidada em ARA – “Eu sou o Alfa e o Ômega”.

Outra diferença notada na tradução de *A Mensagem* é a escolha lexical por “derradeiro” onde as outras versões empregaram “último”. Certamente, o termo “derradeiro” não se faz tão comum no dia a dia do falante quanto o vocábulo “último”; não obstante, também não se trata de um emprego lexical formal e incompreensível. Mesmo se tratando de uma escolha menos comum e menos simples, os emissores de *A Mensagem* seguem fiéis ao seu objetivo central para este projeto de tradução.

#### 4.1.5 Anjo poderoso

**Quadro 16:** Anjo Poderoso

<i>A Mensagem</i>	
<b>Passagens bíblicas</b>	
<b>Apocalipse 10:1</b>	Vi outro <b>Anjo poderoso</b> descendo do céu, envolto numa <b>nuvem</b> . Havia um <b>arco-íris</b> sobre a cabeça dele. Seu rosto brilhava como o <b>Sol</b> , e suas pernas eram como <b>pilares de fogo</b> .
<i>NTLH</i>	
<b>Apocalipse 10:1</b>	Então vi outro <b>anjo forte</b> , que estava descendo do céu. A sua roupa era uma <b>nuvem</b> , e ele tinha um <b>arco-íris</b> na cabeça. O seu rosto era como o <b>sol</b> , e as pernas eram como <b>colunas de fogo</b> .
<i>NVI</i>	
<b>Apocalipse 10:1</b>	Então vi outro <b>anjo poderoso</b> , que descia dos céus. Ele estava envolto numa <b>nuvem</b> , e havia um <b>arco-íris</b> acima de sua cabeça. Sua face era como o <b>sol</b> , e suas pernas eram como <b>colunas de fogo</b> .
<i>ARA</i>	
<b>Apocalipse 10:1</b>	Vi outro <b>anjo forte</b> descendo do céu, envolto em <b>nuvem</b> , com o <b>arco-íris</b> por cima de sua cabeça; o rosto era como o <b>sol</b> , e as pernas, como <b>colunas de fogo</b> .

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 17:** Análise textual de Apocalipse 10:1

<b>Apocalipse 10:1</b>				
<b>Fatores extratextuais</b>				
	<i>A Mensagem</i>	NTLH	NVI	ARA
<b>Emissor</b>	Peterson, Editora Vida (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).	Editora Geográfica, Bíblica Brasil (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).
<b>Intenção do emissor</b>	Apresentar o anjo que entregou o livrinho a João com linguagem acessível e contemporânea.	Apresentar o anjo que entregou o livrinho a João com linguagem simples, natural e adequada ao nível educacional médio da população.	Apresentar o anjo que entregou o livrinho a João com linguagem moderna que mantenha a beleza de estilo, clareza, precisão e dignidade.	Apresentar o anjo que entregou o livrinho a João com linguagem mais rebuscada em registro formal.

<b>Público/ Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia.	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis intelectuais; igreja evangélica.	Leitores cristãos (ou não).
<b>Meio</b>	Impresso			
<b>Lugar</b>	Brasil			
<b>Tempo</b>	2011	2012	2000	1993
<b>Propósito/ Motivo</b>	Descrever as características do anjo poderoso que surgiu e lhe entregou o livrinho através de linguagem acessível e contemporânea.	Descrever as características do anjo poderoso que surgiu e lhe entregou o livrinho através de uma linguagem mais próxima do dia a dia do falante.	Descrever as características do anjo poderoso que surgiu e lhe entregou o livrinho através de uma linguagem descomplicada, clara e impactante.	Descrever as características do anjo poderoso que surgiu e lhe entregou o livrinho através de uma linguagem em registro formal.
<b>Função textual</b>	Função referencial e expressiva.			
<b>Fatores intratextuais</b>				
<b>Assunto/ Tema</b>	Anjo e profecia.			
<b>Conteúdo</b>	O anjo poderoso que entregou o livrinho a João e suas características.			
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento prévio do caráter de Jesus e do curso das profecias.			
<b>Estruturação</b>	Frases simples e curtas em pequenos parágrafos.			
<b>Elementos não verbais</b>	Não apresenta.			
<b>Léxico</b>	(As diferenças e semelhanças lexicais que ocorrem nos trechos selecionados para análise constam grifadas na tabela acima.)			

<b>Sintaxe</b>	Frases simples e curtas.			
<b>Elementos suprasseg.</b>	Não apresenta.			
<b>Efeito</b>				
<b>Efeito do texto</b>	Levar o leitor a reconhecer a figura deste anjo e compreender a profecia de Apocalipse 10 por meio de uma linguagem contemporânea e informal.	Levar o leitor a reconhecer a figura deste anjo e compreender a profecia de Apocalipse 10, aproximando o leitor ao texto bíblico através de uma linguagem que lhe é familiar.	Levar o leitor a reconhecer a figura deste anjo e compreender a profecia de Apocalipse 10, impactando o leitor com a leitura do texto bíblico apresentado de forma clara, precisa e bela.	Levar o leitor a reconhecer a figura deste anjo e compreender a profecia de Apocalipse 10 a partir de uma linguagem mais sofisticada e formal.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

O capítulo 10 de Apocalipse traz a profecia da abertura de um livrinho que o próprio emissor do livro teria devorado. De acordo com a vertente historicista, a interpretação desta profecia é feita juntamente com Daniel 12.

Conforme explica o Comentário Bíblico Adventista (2014, p. 1084), o anjo descrito neste excerto “não era ninguém menos que Jesus Cristo.” As características utilizadas pelo autor do livro para descrever este anjo justificam tal interpretação e a descrição destas características é feita com um léxico semelhante entre as versões de *A Mensagem*, NTLH, NVI e ARA.

Quanto aos termos em destaque, é importante esclarecer que no Apocalipse, de acordo com o Comentário Bíblico Adventista (2014), “anjos” são “mensageiros” e estes aparecem em diversos excertos do livro profético; “nuvem” está relacionada com a aparição de Cristo nas nuvens do céu; “arco-íris” teria relação com “sol”, pois seria o que brilharia através das nuvens, enquanto que “sol” é uma característica constantemente atribuída a Cristo como o “Sol da Justiça” (Malaquias 2:4) e em outros trechos como Apocalipse 1:16, Salmos 84:11, João 8:12 e Mateus 17:2. E, por fim, as pernas como “colunas de fogo” ou

“pilares de fogo”, fariam estrita referência a Apocalipse 1:15, no qual se descreve “o filho do homem” – Jesus – com os pés em chamas ou como uma fornalha.

O que é relevante ressaltar deste verso que contém vários símbolos é o fato de estas figuras simbólicas se manterem estáveis nas escolhas lexicais de *A Mensagem*, bem como nas outras traduções modernas da Bíblia em análise – NTLH e NVI.

Tais símbolos ocorrem em outros excertos bíblicos, os quais também se apresentam de forma regular, e trazem conceitos fundamentais para a interpretação das profecias contidas no livro de Apocalipse. Dessa maneira, pode-se perceber que em vias de alcançar o efeito de levar o receptor à compreensão dos textos proféticos, os emissores se valem da estratégia de manter tais símbolos traduzidos como nas formas tradicionalmente cristalizadas, não somente no nível lexical, como também nos âmbitos sintáticos, estruturais e nos elementos suprasegmentais – pois como constatado, as construções frasais, a estrutura dos parágrafos e os elementos suprasegmentais pouco se diferenciam entre uma tradução e outra.

Inúmeros outros símbolos e metáforas são encontrados no livro do Apocalipse e, na tradução de *A Mensagem*, sua maioria se mantém traduzida da forma convencional e já empregada em outras versões da Bíblia. Servem como exemplo: a “Mulher” (Apocalipse 12, 17), o “Dragão” (Apocalipse 12), o “Leão” (Apocalipse 5), o “Cordeiro” (Apocalipse 5, 6, 7, 8, 12, 14, 19), os “anciãos” (Apocalipse 5, 7, 11, 14), os “cavaleiros” (Apocalipse 6, 19), os “selos” (Apocalipse 5, 6), as “trombetas” (Apocalipse 8, 9, 11), as “testemunhas” (Apocalipse 11) a “prostituta” (Apocalipse 17, 18), dentre outros.

Em suma, estes exemplos comprovam que os tradutores das versões modernas da Bíblia – *A Mensagem*, NTLH e NVI – se mantiveram muito próximos a versão de ARA, que já é cristalizada no meio cristão. Por mais que, em seus projetos de tradução, suas intenções, propósitos e efeitos pretendessem desenvolver uma linguagem mais moderna e próxima do nível médio do falar brasileiro, eles não ousaram inovar ou atualizar as metáforas e símbolos contidos no livro profético de Apocalipse. Isso leva à compreensão de que tais tradutores trataram este livro como sendo mais sensível para seu público receptor.

#### 4.2 Os livros poéticos: Salmos, Provérbios e Cântico dos Cânticos.

O gênero poético é bastante frequente no texto bíblico. Além de seu maior livro, Salmos, outros livros denominados poéticos e outros

livros de outras categorias da Bíblia possuem, em suas partes, excertos que se enquadram no gênero poesia.

Cerca de 40% do Antigo Testamento é composto por poesia. Para o leitor da Bíblia, em qualquer versão e em diferentes línguas, trata-se de uma descoberta surpreendente. De modo geral, as pessoas estão acostumadas a ler os poemas impressos em formas de versos métricos e estrofes, que costumam conter um ritmo pronunciado e regular, além de rima. A maioria das versões bíblicas, no entanto, faz pouca ou mesmo nenhuma distinção tipográfica entre prosa e poesia. Foi deixada para os revisores a tarefa de apresentar a poesia bíblica na forma tipográfica de verso. (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2012, p. 01).

Assim como explanado pelo Comentário Bíblico Adventista (2012), não são somente os livros ditos poéticos que contêm poesia, mas os livros históricos e proféticos também abrangem tal gênero. Como afirmado na citação acima, esse gênero pode, por muitas vezes, passar despercebido pelo fato de a poesia ocidental se distanciar em caráter estrutural daquela escrita nos tempos das narrativas bíblicas. Entretanto, ao ter em mente tal informação, pode-se compreender que quase metade da Bíblia consiste em textos poéticos e que, estes possuem funções específicas dentro do texto bíblico. Nos livros precisamente poéticos, essas funções dizem respeito, principalmente, à expressão de canções de agradecimento e felicidade, mas também de clamor e súplica em desespero assim como provérbios com filosofias práticas em forma de poesia que pretendem levar seus receptores à reflexão, ou seja, é possível considerar que há a predominância da função expressiva nos textos poéticos da Bíblia.

Além disso, o gênero poético é utilizado também para narrar histórias nos livros históricos e, nos livros proféticos tem-se uma estrutura que funde prosa e poesia e que, de acordo com o Comentário Bíblico Adventista (2012, p. 2), “proporcionam grande contribuição à literatura mundial.”

Tendo em vista as orações contidas em Salmos, Peterson (2011) corrobora a afirmação do Comentário Bíblico Adventista (2012, p. 3), quando este diz que “a poesia do Salmos se eleva sobre os maiores tesouros líricos do mundo.” No entanto, ao fazer uma afirmação

semelhante, o tradutor de *A Mensagem* também lança uma discussão a respeito do conteúdo desses Salmos que, por mais que contenham um material altamente lírico e de grande valor para a literatura mundial, se trata de orações de gente simples, que abrangem desde momentos de profunda alegria até episódios de extrema angústia. Dessa maneira, ele advoga por um léxico que preze pela linguagem simples do cotidiano neste momento de conexão entre ser humano e ser supremo.

Na linguagem escrita, os salmos sempre soam polidos, educados e sonoros. Como literatura, não têm comparação. Mas, como *oração*, como discursos de homens e mulheres apaixonados por Deus em momentos de ira, louvor ou lamento, essas traduções sempre perdem alguma coisa. *Gramaticalmente* são acurados. A erudição por trás das traduções é de primeira qualidade e reverente. Mas, como *orações*, elas não estão totalmente corretas. Os Salmos em hebraico são simples, não lapidados. Eles não são requintados. Eles não são orações de pessoas boas, expressas numa linguagem culta. Assim, no trabalho pastoral de ensinar o povo a orar, comecei a parafrasear o livro de Salmos no ritmo e no idioma contemporâneos. Eu queria proporcionar a homens e mulheres o acesso ao imenso alcance da oração e a seu impressionante poder numa linguagem que fosse mais parecida com a deles, que também é a linguagem na qual essas orações em forma de salmos foram primeiramente expressas e escritas por Davi e seus sucessores. (PETERSON, 2011, p. 694 e 695).

Esta declaração de Peterson (2011) ampara plenamente suas escolhas durante o processo tradutório dos versos de Salmos – estruturas lexicais mais simples e gerais do cotidiano do receptor (as quais se distinguem das escolhas da seção anterior que tratava de estruturas lexicais metafóricas e simbólicas) –, o que também serviria de aparato para a tradução dos demais livros poéticos que seguem estilos semelhantes. Assim, a seção a seguir discute excertos específicos traduzidos de maneira altamente contemporânea e quais as implicações que estas traduções podem trazer, tendo sempre à vista a função pretendida tanto pelo autor do texto quanto pelo tradutor. A saber, o foco principal é dado no aspecto lexical e os excertos que são analisados

a seguir dizem respeito aos livros de Salmos, Provérbios e Cântico dos Cânticos.

#### 4.2.1 Provérbios 15:16 e 17

**Quadro 18:** Provérbios 15:16 e 17

<i>Provérbios 15: 16 e 17</i>			
<i>A Mensagem</i>	<i>NTLH</i>	<i>NVI</i>	<i>ARA</i>
<b>É melhor uma vida simples no temor do Eterno que uma vida rica cheia de “pepinos” e “abacaxis”. É melhor comer pão amanhecido num ambiente de amor que uma picanha de primeira onde só há ódio.</b>	É melhor ser pobre e temer a Deus, o SENHOR, do que ser rico e infeliz. É melhor comer <b>verduras</b> na companhia de quem a gente ama do que comer <b>a melhor carne</b> onde existe o ódio.	É melhor ter pouco com o temor do Senhor do que <b>grande riqueza com inquietação</b> . É melhor ter <b>verduras</b> na refeição onde há amor do que um <b>boi gordo</b> acompanhado de ódio.	Melhor é o pouco, havendo o temor do SENHOR, do que <b>grande tesouro onde há inquietação</b> . Melhor é um <b>prato de hortaliças</b> onde há amor do que o <b>boi cevado</b> e, com ele, o ódio.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 19:** Análise textual de Provérbios 15:16 e 17

<b>Provérbios 15: 16 e 17</b>				
<b>Fatores extratextuais</b>				
	<i>A Mensagem</i>	<i>NTLH</i>	<i>NVI</i>	<i>ARA</i>
<b>Emissor</b>	Peterson, Editora Vida (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).	Editadora Geográfica, Bíblica Brasil (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).
<b>Intenção do emissor</b>	Expressar o conselho do sábio sobre a importância do bom relacionamento interpessoal em comparação com a posse	Expressar o conselho do sábio sobre a importância do bom relacionamento interpessoal em comparação com a posse	Expressar o conselho do sábio sobre a importância do bom relacionamento interpessoal em comparação com a posse	Expressar o conselho do sábio sobre a importância do bom relacionamento interpessoal em comparação com a posse

	de muitos bens com linguagem acessível e contemporânea.	de muitos bens com linguagem simples, natural e adequada ao nível educacional médio da população.	de muitos bens com linguagem moderna que mantenha a beleza de estilo, clareza, precisão e dignidade.	de muitos bens com linguagem mais rebuscada em registro formal.
<b>Público/Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia.	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis intelectuais; igreja evangélica.	Leitores cristãos (ou não).
<b>Meio</b>	Impresso			
<b>Lugar</b>	Brasil			
<b>Tempo</b>	2011	2012	2000	1993
<b>Propósito/Motivo</b>	Mostrar o argumento do sábio de que é mais importante ter paz e amor com o próximo do que muitos bens através de linguagem acessível e contemporânea	Mostrar o argumento do sábio de que é mais importante ter paz e amor com o próximo do que muitos bens através de uma linguagem mais próxima do dia a dia do falante.	Mostrar o argumento do sábio de que é mais importante ter paz e amor com o próximo do que muitos bens através de uma linguagem descomplicada, clara e impactante.	Mostrar o argumento do sábio de que é mais importante ter paz e amor com o próximo do que muitos bens através de uma linguagem em registro formal.
<b>Função textual</b>	Função expressiva ou emotiva.			
<b>Fatores intratextuais</b>				

<b>Assunto/ Tema</b>	Exaltação da sabedoria prática.			
<b>Conteúdo</b>	Provérbios de sabedoria sobre a vantagem de viver em paz e harmonia, se comparado a ter muitas posses.			
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento das bases da moral e conduta cristã.			
<b>Estruturação</b>	Pequeno parágrafo.			
<b>Elementos não verbais</b>	Não apresenta.			
<b>Léxico</b>	“Pepinos” e “abacaxis”, pão amanhecido, picanha de primeira, num.	Ser rico e infeliz, verduras, melhor carne.	Grande riqueza com inquietação, verduras, boi gordo.	Grande tesouro onde há inquietação, prato de hortaliças, boi cevado.
<b>Sintaxe</b>	Frases simples e curtas.			
<b>Elementos suprasseg.</b>	Aspas para enfatizar o coloquialismo.	Não apresenta.	Não apresenta.	Não apresenta.
<b>Efeito</b>				
<b>Efeito do texto</b>	Levar o leitor a refletir que ter paz e amor no lar é melhor do que ter riquezas por meio de uma linguagem contemporânea e informal.	Levar o leitor a refletir que ter paz e amor no lar é melhor do que ter riquezas, aproximando o leitor ao texto bíblico através de uma linguagem que lhe é familiar.	Levar o leitor a refletir que ter paz e amor no lar é melhor do que ter riquezas, impactando o leitor com a leitura do texto bíblico apresentado de forma clara, precisa e bela.	Levar o leitor a refletir que ter paz e amor no lar é melhor do que ter riquezas a partir de uma linguagem mais sofisticada e formal.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

No texto de Provérbios 15:16 e 17, o qual busca gerar a reflexão a respeito da importância da boa convivência, dos bons sentimentos e da união em detrimento das posses, a tradução de *A Mensagem* apresenta um léxico bastante informal ao utilizar a expressão idiomática “pepinos

e abacaxis”, referindo-se a problemas pelo fato do abacaxi ser difícil de se descascar e o pepino difícil para digerir. Logo em seguida, os emissores desta versão apresentam a dualidade entre “pão amanhecido” e “picanha de primeira” – referentes bastante comuns na cultura brasileira para tratar de poder aquisitivo. Ao utilizar “pão amanhecido” para denotar um contexto de menores posses e “picanha de primeira” para um ambiente onde há maiores recursos financeiros, os tradutores trazem até certo humor para o texto. As outras versões empregam os termos “verduras” e “hortaliças” para representar o ambiente familiar que possui menos dinheiro para refeições, enquanto que o contexto melhor afortunado teria “carne”, “boi gordo” ou um “boi cevado”.

Além disso, a opção lexical pelo pronome informal “num” em *A Mensagem*, reforça a natureza informal e mais próxima da realidade dos falantes de língua portuguesa que, em muitas publicações, não é aceita pelo corpo editorial, no entanto, nesta tradução, serve para um propósito específico.

Tais opções podem, ou não, influenciar a recepção do texto pelos leitores. Como afirma Nord (2016), a função só se concretiza no momento da recepção, e são os receptores os quais poderão confirmar se o efeito pretendido ocorreu ou não.

#### 4.2.2 Salmo 70: 2 e 3

**Quadro 20:** Salmo 70:2 e 3

<i>Salmos 70: 2 e 3</i>			
<i>A Mensagem</i>	<i>NTLH</i>	<i>NVI</i>	<i>ARA</i>
<p><b>Que caiam sobre si mesmos! Os que querem me pegar! Que os que desejam a minha queda, sejam enviados para um beco sem saída. Tu os fazes sentir o gosto do próprio veneno das fofocas que vivem cacarejando.</b></p>	<p>Que sejam completamente derrotados e humilhados aqueles que me querem matar! <b>Que fujam, envergonhados,</b> aqueles que se alegram com as minhas aflições! Que <b>caiam na desgraça</b> e fiquem cheios de confusão aqueles que <b>zombam de mim.</b></p>	<p>Sejam humilhados e frustrados os que procuram tirar-me a vida; <b>retrocedam desprezados</b> os que desejam a minha ruína. <b>Retrocedam em desgraça</b> os que <b>zombam de mim.</b></p>	<p>Sejam envergonhados e cobertos de vexame os que me demandam a vida; tornem-se <b>de ignomínia</b> atrás e <b>cubram-se</b> de ignomínia os que se comprazem no meu mal. <b>Retrocedam</b> por causa da sua ignomínia os que dizem: <b>Bem-feito! Bem-feito!</b></p>

Fonte: Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 21:** Análise textual da tradução do Salmo 70:2 e 3

<b>Salmo 70: 2 e 3</b>				
<b>Fatores extratextuais</b>				
	<i>A Mensagem</i>	NTLH	NVI	ARA
<b>Emissor</b>	Peterson, Editora Vida (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).	Editadora Geográfica, Bíblica Brasil (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).
<b>Intenção do emissor</b>	Expressar a indignação do Rei Davi para com seus inimigos com linguagem acessível e contemporânea.	Expressar a indignação do Rei Davi para com seus inimigos com linguagem simples, natural e adequada ao nível educacional médio da população.	Expressar a indignação do Rei Davi para com seus inimigos com linguagem moderna que mantenha a beleza de estilo, clareza, precisão e dignidade.	Expressar a indignação do Rei Davi para com seus inimigos com linguagem mais rebuscada em registro formal.
<b>Público/ Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia.	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis intelectuais; igreja evangélica.	Leitores cristãos (ou não).
<b>Meio</b>	Impresso			
<b>Lugar</b>	Brasil			
<b>Tempo</b>	2011	2012	2000	1993
<b>Propósito/</b>	Através da	Através da	Através da	Através da

<b>Motivo</b>	poesia e de linguagem acessível e contemporânea, registrar e expressar a indignação de Davi para com seus inimigos.	poesia e de uma linguagem mais próxima ao dia a dia do falante, registrar e expressar a indignação de Davi para com seus inimigos.	poesia e de uma linguagem descomplicada, clara e impactante, registrar e expressar a indignação de Davi para com seus inimigos.	poesia e de uma linguagem de registro formal, registrar e expressar a indignação de Davi para com seus inimigos.
<b>Função textual</b>	Função expressiva ou emotiva.			
<b>Fatores intratextuais</b>				
<b>Assunto/Tema</b>	Clamor pela ruína dos inimigos.			
<b>Conteúdo</b>	Expressão do desejo, em forma de clamor, pela ruína dos inimigos.			
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento prévio da história do rei Davi.			
<b>Estruturação</b>	Poema em versos, pequeno parágrafo.			
<b>Elementos não verbais</b>	Não apresenta.			
<b>Léxico</b>	Um beco sem saída, sentir o gosto do próprio veneno, cacarejando.	Fujam envergonhados, caiam na desgraça, zombam de mim.	Retrocedam desprezados, retrocedam em desgraça, zombam de mim.	Cubram-se de ignomínia, retrocedam, “bem feito!”.
<b>Sintaxe</b>	Frases simples e curtas.			
<b>Elementos suprasseg.</b>	Exclamação.	Exclamação.	Não apresenta.	Exclamação.
<b>Efeito</b>				
<b>Efeito do texto</b>	Levar o receptor à reflexão sobre o livramento de Deus na vida dos que o buscam por meio de uma	Levar o receptor à reflexão sobre o livramento de Deus na	Levar o receptor à reflexão sobre o livramento de Deus na vida dos que	Levar o receptor à reflexão sobre o livramento de Deus na

	linguagem contemporânea e informal.	vida dos que o buscam, aproximam do o leitor ao texto bíblico através de uma linguagem que lhe é familiar.	o buscam, impactando o leitor com a leitura do texto bíblico apresentado de forma clara, precisa e bela.	vida dos que o buscam, a partir de uma linguagem mais sofisticada e formal.
--	-------------------------------------	--	--	---

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

O Salmo 70, assim como muitos outros no livro de Salmos, possui sua autoria atribuída ao Rei Davi, o qual, de acordo com Thiele (1983), reinou em Israel no período aproximado de 1003 e 970 a.C. Davi, ao longo de sua vida, escreveu numerosos poemas e canções que posteriormente seriam compilados no livro de Salmos dentro da Bíblia. Tais Salmos, em grande parte, possuem teor de clamor em forma de oração. Por mais que muitas vezes o rei apresente agradecimentos e honras ao ser supremo, muitas de suas orações se configuram em queixa contra Deus, principalmente ao se referir ao medo que sentia de seus inimigos; o Salmo 70 é um exemplo deste tema e conteúdo. De acordo com o Comentário Bíblico Adventista (2012, p. 895), “é o clamor de uma alma em profunda angústia, talvez simbolizando a nação de Israel ao reconhecer sua enorme necessidade de Deus.”

Ao se atentar para as diferentes traduções deste Salmo, pode-se notar, a princípio, que os tradutores de *A Mensagem* não economizaram informalidades e expressões idiomáticas em suas escolhas lexicais. Ao passo que as traduções mais tradicionais – NVI e ARA – utilizam-se do verbo “retroceder”, e a NTLH opte por “fugir” e “cair em desgraça”, ao desejar que Deus afaste de si seus inimigos, o trecho atribuído a Davi é traduzido em *A Mensagem* como “sejam enviados para um beco sem saída”, que no português brasileiro possui conotações que podem ser compreendidas como um grande problema a se resolver, apuros, impasses ou uma enrascada. A expressão idiomática apresenta um pleonasma – pois já se infere que becos não possuem saída – que propõe reforçar a ideia de grande dificuldade.

Ao final do versículo, Davi deseja que Deus afaste e puna as pessoas que desejam seu mal. *A Mensagem* utiliza-se da expressão “sentir o gosto do próprio veneno” para se referir à punição exigida por

Davi. Este coloquialismo utilizado pelos falantes de língua portuguesa no Brasil é empregado na situação em que alguém que fez algo ruim para outrem e este experimenta deste mesmo mal posteriormente, como castigo pelo que provocou. Dessa maneira, esta opção lexical traz conotações aproximadas ao que é traduzido na NVI e ARA como “retrocedam”, e na NTLH como “caiam em desgraça”, porém distinguindo-se fortemente no aspecto lexical.

Além disso, o desejo que seus inimigos “provem do próprio veneno” provém das zombarias que atingiam o rei. As traduções de NTLH e NVI utilizam o termo “zombar”, enquanto que, de forma menos formal, a ARA emprega a expressão que designa alguém contente com o fato de outrem ser prejudicado: “Bem feito! Bem feito!”. Por outro lado, a tradução de *A Mensagem* ultrapassa as barreiras da linguagem coloquial ao utilizar o verbo “cacarejar” – que é o ato atribuído ao som feito pelas galinhas que, em sua forma conotativa, pode demonstrar desprezo pelo que o outro diz, inferindo se tratar de tolices, inverdades ou dizeres desnecessários. O emprego de tal termo atribui um caráter jocoso ao Salmo que, além de seu propósito de apresentar a angústia de Davi, pode levar o leitor ao riso, causando assim, possivelmente, um efeito não esperado quando se trata de recepção do texto bíblico.

Quanto a tais escolhas lexicais informais da língua, Peterson (2011) explica que “os Salmos em hebraico são simples, não lapidados. Eles não são requintados. Eles não são orações de pessoas boas, expressas numa linguagem culta” (p. 694 e 695), e se apoia em tal fato para argumentar a favor de sua proposta de tradução – em linguagem simples e popular – que, ao ser trazida para o Brasil, se propôs atingir o mesmo efeito em seu público receptor. Dessa maneira, o teólogo afirma que, por se tratar, muitas vezes, de orações e que estas não necessariamente precisam ter um caráter reverente e altamente formal, suas escolhas lexicais em sua tradução servem de inspiração para receptores cristãos que ainda não se veem capacitados a orar por não possuírem um vocabulário formal e requintado.

Na linguagem escrita, os salmos sempre soam polidos, educados e sonoros. Como literatura, não tem comparação. Mas como *oração*, como discursos de homens e mulheres apaixonados por Deus em momentos de ira, louvor ou lamento, essas traduções sempre perdem alguma coisa. *Gramaticalmente* são acurados. A erudição por trás das traduções é de primeira qualidade e

reverente. Mas, como orações, elas não estão totalmente corretas. (PETERSON, p. 694, 2011).

Com isso, Peterson (2011) enfatiza o fato de que as relações espirituais e sua linguagem não necessariamente devem ter um caráter refinado.

A seguir, apresenta-se mais um exemplo de Salmo em forma de oração que segue a teoria de Peterson (2011).

#### 4.2.3 Salmo 38: 3 e 7

**Quadro 22:** Salmo 38:3 e 7

<i>Salmos 38: 3 e 7</i>			
<i>A Mensagem</i>	<i>NTLH</i>	<i>NVI</i>	<i>ARA</i>
Perdi dez quilos em dois meses <b>por causa das acusações que pesam sobre mim.</b> Meus ossos estão quebradiços <b>como</b> gravetos secos <b>por causa do meu pecado.</b> [...] <b>Meu interior está em chamas,</b> meu corpo está um caco.	Por causa da tua ira, <b>estou muito doente.</b> <b>O meu corpo todo está enfermo</b> por causa das minhas maldades. [...] <b>Estou muito doente,</b> queimando de febre.	Por causa de tua ira todo o <b>meu corpo está doente; não há saúde nos meus ossos</b> por causa do meu pecado. [...] Estou ardendo em febre; <b>todo o meu corpo está doente.</b>	<b>Não há parte sã na minha carne,</b> por causa da tua indignação; <b>não há saúde nos meus ossos,</b> por causa do meu pecado. [...] Ardem-me os lombos, e <b>não há parte sã na minha carne.</b>

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 23:** Análise textual da tradução do Salmo 38:3 e 7

<b>Salmo 38: 3 e 7</b>				
<b>Fatores extratextuais</b>				
	<i>A Mensagem</i>	<i>NTLH</i>	<i>NVI</i>	<i>ARA</i>
<b>Emissor</b>	Peterson, Editora Vida (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).	Editora Geográfica, Bíblica Brasil (vários tradutores).	SBB (vários tradutores)
<b>Intenção do emissor</b>	Apresentar a queixa do Rei Davi a respeito da situação de	Apresentar a queixa do Rei Davi a respeito da	Apresentar a queixa do Rei Davi a respeito da	Apresentar a queixa do Rei Davi a

	sua saúde física com linguagem acessível e contemporânea.	situação de sua saúde física com linguagem simples, natural e adequada ao nível educacional médio da população.	situação de sua saúde física com linguagem moderna que mantenha a beleza de estilo, clareza, precisão e dignidade.	respeito da situação de sua saúde física com linguagem mais rebuscada em registro formal.
<b>Público/Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia.	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis intelectuais; igreja evangélica.	Leitores cristãos (ou não).
<b>Meio</b>	Impresso			
<b>Lugar</b>	Brasil			
<b>Tempo</b>	2011	2012	2000	1993
<b>Propósito/Motivo</b>	Expressar a oração do rei Davi quanto a sua insatisfação com sua condição física e falta de saúde através de linguagem acessível e contemporânea.	Expressar a oração do rei Davi quanto a sua insatisfação com sua condição física e falta de saúde através de uma linguagem mais próxima do dia a dia do falante.	Expressar a oração do rei Davi quanto a sua insatisfação com sua condição física e falta de saúde através de uma linguagem descomplicada, clara e impactante.	Expressar a oração do rei Davi quanto a sua insatisfação com sua condição física e falta de saúde através de uma linguagem em registro formal.
<b>Função textual</b>	Função expressiva ou emotiva.			

<b>Fatores intratextuais</b>				
<b>Assunto/Tema</b>	Sofrimento físico.			
<b>Conteúdo</b>	Expressão, em forma de oração, do sofrimento físico em virtude do pecado.			
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento prévio da história do rei Davi.			
<b>Estruturação</b>	Oração; poema em versos; pequeno parágrafo.			
<b>Elementos não verbais</b>	Não apresenta.			
<b>Léxico</b>	Perdi dez quilos em dois meses, meus ossos estão quebradiços, gravetos secos, meu corpo está um caco.	Estou muito doente, meu corpo todo está enfermo, estou muito doente.	Meu corpo está doente, não há saúde nos meus ossos, todo o meu corpo está doente.	Não há parte sã em minha carne, não há saúde nos meus ossos, e não há parte sã na minha carne.
<b>Sintaxe</b>	Frases simples e curtas.			
<b>Elementos supraseg.</b>	Não apresenta.			
<b>Efeito</b>				
<b>Efeito do texto</b>	Levar o leitor à reflexão sobre o sofrimento decorrente do pecado por meio de uma linguagem contemporânea e informal.	Levar o leitor à reflexão sobre o sofrimento decorrente do pecado, aproximando o leitor ao texto bíblico através de uma linguagem que lhe é familiar.	Levar o leitor à reflexão sobre o sofrimento decorrente do pecado, impactando o leitor com a leitura do texto bíblico apresentado de forma clara, precisa e bela.	Levar o leitor à reflexão sobre o sofrimento decorrente do pecado a partir de uma linguagem mais sofisticada e formal.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

Da mesma maneira que o Salmo analisado anteriormente, o Salmo 38 é uma oração do Rei Davi que também denota angústia e

clamor pela misericórdia do ser superior. Por sofrer pelas consequências de seus maus atos e pelo medo constante da atuação de seus inimigos, Davi profere a oração descrita no Salmo 38. De acordo com o Comentário Bíblico Adventista (2012, p. 816), “o Salmo 38 é uma oração de arrependimento.”

O pedido de socorro e as reclamações fazem parte não somente das orações de Davi, como também das orações da comunidade cristã. Peterson (2011) explica que

[...] o impulso de orar é profundo dentro de nós: está no centro do nosso ser. Assim, praticamente qualquer coisa nos levará à iniciação – “Socorro!” e “Obrigado!” são as nossas orações básicas. Mas a honestidade e a perfeição não acontecem tão espontaneamente. (2011, p. 694).

Isso quer dizer que por mais que o sujeito cristão tenha grande inclinação a sempre agradecer e reclamar em orações elevadas a Deus, o caráter desses discursos é, por vezes, informal. Tal natureza é explicitada por Peterson (2011) em seu encargo que, ao ser traduzido no Brasil, mantém-se nos mesmos critérios e funções.

O Salmo não descreve quanto tempo durou essa angústia de Davi, mas a tradução de *A Mensagem* opta por utilizar um tempo por ela determinado para evidenciar o sofrimento do rei. A opção por “perdi dez quilos em um mês” se apresenta bastante inovadora ao aproximar o sofrimento de Davi ao tempo moderno no qual se tem grande atenção aos números da balança; e aqui não se trata de padrões de beleza estipulados em pesos, mas, sim, do controle que se tem sobre quanto se pesa em virtude de doenças e sofrimento psicológico. Todavia, tal escolha lexical também pode causar estranhamento aos receptores que poderiam entender tal excerto como uma tradução incoerente, já que daquela época se tem apenas referências de balanças feitas para pesar objetos e mercadorias, e não balanças como são conhecidas hoje e utilizadas para conferir o peso do corpo humano. De acordo com o Dicionário Bíblico Adventista (2016, p. 162), as balanças são usadas desde a antiguidade, incluindo a Palestina e estas eram utilizadas para pesar produtos e dinheiro; a obra não cita balanças semelhantes às de hoje utilizadas para verificar o peso de um corpo, apenas as balanças utilizadas no comércio.

Quanto a tal escolha tradutória referente ao peso do rei, Ellingworth (1997, p. 202) afirma que tais alternativas podem gerar no

leitor a impressão de que o uso destes termos seria inapropriado para a tradução de um texto antigo. Este fenômeno é conhecido como “anacronismo” que, como explica Sayão (2003, p. 65), “é usar um termo de modo inadequado em referência a determinada época.” Entretanto, tendo em vista a função pretendida pelo tradutor, seu produto é coerente com seu encargo e propósito inicial. Conforme Nord (2007, p. 8, tradução nossa), “se uma tradução pretende ‘preencher a lacuna’ entre duas culturas, para tornar a alteridade compreensível, é possível buscar analogias.”<sup>41</sup>

Além disso, as traduções mais tradicionais apenas fazem menção ao fato do rei estar doente por causa do profundo sofrimento e isso tira a força de seus ossos e lhe causa febre. No entanto, para descrever essas ocorrências, os tradutores de *A Mensagem* utilizam-se da comparação “ossos quebradiços como gravetos secos”, que enfatiza a fraqueza do rei e, ao associar seus ossos a gravetos, também pode sugerir o quão magro ele estava devido ao sofrimento.

Ao final do trecho em *A Mensagem*, o rei diz: “meu corpo está um caco”. Esta expressão pode denotar exaustão extrema e, neste contexto, se apresenta como uma metáfora condizente com o estado do rei. Por mais que seja extremamente informal, a escolha por essa tradução remete ao que Peterson (2011) explica sobre a oração dos cristãos – como um meio de pedir socorro, os sujeitos o fazem de maneira pura e simples. O teólogo argumenta que

[...] por inexperiência, supomos que deve existir uma linguagem ‘secreta’ a ser aprendida, se quisermos que Deus leve nossa oração a sério. Não há. A oração é de linguagem elementar, não avançada. É o meio pelo qual nossa linguagem se torna honesta, verdadeira e pessoal em resposta a Deus. É o meio de pôr para fora, diante de Deus, tudo que há em nossa vida. (2011, p. 694).

Dessa forma, é pertinente ressaltar como seus princípios e posicionamentos a respeito da natureza da oração o fizeram moldar a forma de traduzir os livros poéticos da Bíblia e influenciaram suas escolhas lexicais, especialmente dos Salmos, tendo em vista alcançar o

---

<sup>41</sup> “But if a translation is intended to bridge the gap between the two cultures, to make otherness comprehensible, it might be in order to look for analogies.”

propósito de apresentar um texto simples de ser lido e alcançar determinada função e efeito.

#### 4.2.4 Salmo 127:1

**Quadro 24:** Salmo 127:1

<i>Salmo 127: 1</i>			
<i>A Mensagem</i>	<i>NTLH</i>	<i>NVI</i>	<i>ARA</i>
<b>Se o Eterno não construir a casa, a obra dos construtores não passará de frágeis cabanas. Se o Eterno não guardar a cidade, o vigia noturno não servirá pra nada.</b>	Se o <b>SENHOR</b> Deus não edificar a casa, <b>não adianta nada</b> trabalhar para construí-la. Se o <b>SENHOR</b> não proteger a cidade, não adianta nada os <b>guardas</b> ficarem vigiando.	Se não for o <b>Senhor</b> o construtor da casa, <b>será inútil</b> trabalhar na <b>construção</b> . Se não é o <b>Senhor</b> que vigia a cidade, será inútil a <b>sentinela</b> montar guarda.	Se o <b>SENHOR</b> não edificar a casa, <b>em vão</b> trabalham os que a edificam; se o <b>SENHOR</b> não guardar a cidade, em vão vigia a <b>sentinela</b> .

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 25:** Análise textual da tradução do Salmo 127:1

<b>Salmo 127:1</b>				
<b>Fatores extratextuais</b>				
	<i>A Mensagem</i>	<i>NTLH</i>	<i>NVI</i>	<i>ARA</i>
<b>Emissor</b>	Peterson, Editora Vida (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).	Editora Geográfica, Bíblica Brasil (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).
<b>Intenção do emissor</b>	Apresentar a certeza do salmista a respeito da soberania e do controle de Deus sobre todas as áreas da vida humana com linguagem acessível e contemporânea.	Apresentar a certeza do salmista a respeito da soberania e do controle de Deus sobre todas as áreas da vida humana com linguagem simples, natural e	Apresentar a certeza do salmista a respeito da soberania e do controle de Deus sobre todas as áreas da vida humana com linguagem moderna que mantenha a beleza de	Apresentar a certeza do salmista a respeito da soberania e do controle de Deus sobre todas as áreas da vida humana com

		adequada ao nível educacional médio da população.	estilo, clareza, precisão e dignidade.	linguagem mais rebuscada em registro formal.
<b>Público/ Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia.	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis intelectuais; igreja evangélica.	Leitores cristãos (ou não).
<b>Meio</b>	Impresso			
<b>Lugar</b>	Brasil			
<b>Tempo</b>	2011	2012	2000	1993
<b>Propósito/ Motivo</b>	Expressar para seus leitores o poder e a soberania de Deus através de linguagem acessível e contemporânea.	Expressar para seus leitores o poder e a soberania de Deus através de uma linguagem mais próxima do dia a dia do falante.	Expressar para seus leitores o poder e a soberania de Deus através de uma linguagem descomplicada, clara e impactante.	Expressar para seus leitores o poder e a soberania de Deus através de uma linguagem em registro formal.
<b>Função textual</b>	Função referencial e expressiva.			
<b>Fatores intratextuais</b>				
<b>Assunto/Tema</b>	A autoridade e o poder de Deus sobre todas as coisas.			
<b>Conteúdo</b>	Expressão e declaração da autoridade e do poder de Deus quanto ao cuidado e os bens do ser humano.			
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento prévio da atuação de Deus na vida humana.			
<b>Estruturação</b>	Poema em versos, pequeno parágrafo.			

<b>Elementos não verbais</b>	Não apresenta.			
<b>Léxico</b>	Eterno, frágeis cabanas, vigia noturno, pra.	SENHOR, não adianta nada, guardas.	Senhor, será inútil, construção, sentinela.	SENHOR, em vão, sentinela.
<b>Sintaxe</b>	Frases simples e curtas.			
<b>Elementos suprasseg.</b>	Não apresenta.			
<b>Efeito</b>				
<b>Efeito do texto</b>	Levar o leitor à reflexão quanto à importância de colocar Deus em primeiro lugar, por meio de uma linguagem contemporânea e informal.	Levar o leitor à reflexão quanto à importância de colocar Deus em primeiro lugar, aproximando-o do texto bíblico através de uma linguagem que lhe é familiar.	Levar o leitor à reflexão quanto à importância de colocar Deus em primeiro lugar, impactando-o com a leitura do texto bíblico apresentado de forma clara, precisa e bela.	Levar o leitor à reflexão quanto à importância de colocar Deus em primeiro lugar a partir de uma linguagem mais sofisticada e formal.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

O Salmo 127 contém um texto bastante conhecido e cristalizado em uma forma específica na comunidade cristã; esta forma específica diz respeito à tradução da ARA e sua construção lexical e sintática. Neste aspecto se faz pertinente discutir o estranhamento que grandes modificações podem causar aos olhos do receptor.

No entanto, antes de discutir a construção deste excerto, cabe abordar a opção lexical dos emissores de *A Mensagem* por traduzir o nome do Deus cristão por “Eterno”. À medida que boa parcela das versões bíblicas opta por traduzir o nome de Deus por “SENHOR”, – como é confirmado pelas versões da NTLH, NVI e ARA –, *A Mensagem* transforma o vocativo atribuído ao ser superior e enfatiza o caráter perpétuo de Deus para a comunidade cristã. Quanto à opção corrente por utilizar-se do termo “SENHOR”, o Dicionário Bíblico explica que

[...] vários termos hebraicos são assim [SENHOR] traduzidos no AT, a maioria deles como títulos de respeito ou posição aplicados a homens, mas alguns deles também a Deus. Alguns são usados exclusivamente para Deus. Por exemplo, *'Adon* é usado mais de 300 vezes com referência a senhores e donos de escravos, mas é também usado para Deus mais de 450 vezes (em geral, na forma de *'Adonay*; Gn 24:9; Êx 21:4; etc.). O termo que é de forma mais frequente traduzido como “SENHOR” é YHWH, o nome divino. Quando é traduzido a partir dessa expressão, o título é sempre escrito em letras maiúsculas, como na ARA. YHWH ocorre mais de 6.800 vezes no AT. A forma abreviada *Yah* também ocorre várias vezes e é traduzida como “SENHOR”. Na ARA, quando *'Adon*, e *Adonay* ou YHWH aparecem juntos, YHWH continua sendo traduzido como “SENHOR” e *'Adon* é traduzido como “Deus” (Gn 15:2; etc.). (2016, p. 1241 e 1242).

No entanto, a escolha de *A Mensagem* por “Eterno”, que se mantém em todos os livros do AT, é justificada no prefácio aos livros de Moisés, na introdução de *A Mensagem*, na qual os tradutores pontuam que

[...] no texto original hebraico do Antigo testamento, o nome genérico para a divindade usado tanto por Israel quanto por seus vizinhos é traduzido por “Deus” (ou “deus”). Mas o nome pessoal único e distinto para Deus, que foi revelado a Moisés na sarça ardente (Êxodo 3.13,14), foi aqui traduzido por “Eterno”. A comunidade judaica, bem no início, substituiu “Senhor” pelo único nome de extrema reverência (nossos lábios não são dignos de pronunciar o Nome), por cautela (para que não blasfememos inadvertidamente ao proferir o nome de Deus “em vão”). Muitos tradutores cristãos preservam essa prática. (2011, p. 19).

Assim, justifica-se a opção por denominar Deus como “Eterno” com o mesmo objetivo dos tradutores que o traduziram como

“SENHOR” – mantendo o nome do ser superior de certo modo subentendido e livre de usos que podem ser considerados desrespeitosos e desnecessários. Aqui, o conceito de Lealdade de Nord (2007, p. 13, tradução nossa) fica bem explícito, pois os tradutores fazem exatamente o que ela julga ser um comportamento leal, ou seja, eles desempenham sua “obrigação moral de justificar suas estratégias de tradução, dizendo aos leitores o que fizeram e porque fizeram.”<sup>42</sup> Cabe ressaltar que a tradução de *A Mensagem* contém diversos paratextos que se encontram antes de cada livro da Bíblia e antes de cada categoria de livro para explicitar seu conteúdo, tema e, também, questões envolvidas no processo tradutório bem como justificar determinadas escolhas e estratégias, como foi abordado na escolha por “Eterno”.

Ao longo do Salmo, o verbo “edificar”, bastante cristalizado no meio cristão no que diz respeito a este verso da Bíblia, é substituído em *A Mensagem*, NTLH e NVI por “construir”. Para explicar que o trabalho de construção de uma casa seria “em vão” sem a atuação de Deus, *A Mensagem* opta por retratar tal produto como “frágeis cabanas”, remetendo-se a construções pouco resistentes. A NTLH e NVI também empregam expressões bastante corriqueiras ao optar, respectivamente, por “não adianta nada trabalhar para construí-la” e “é inútil trabalhar na construção”.

Em seguida, a escolha lexical de *A Mensagem* por “vigia noturno” também traz uma conotação bastante moderna, já que no tempo atual tal termo é bastante utilizado para definir a função de alguém que vigia determinado patrimônio. A opção tradicional de ARA e da NVI por “sentinela”, pode trazer uma maior relação aos tempos antigos das narrativas bíblicas, pois, como explica o Dicionário Bíblico Adventista (2016, p. 1243), os sentinelas, “vigias ou ‘atalaias’ ficavam posicionados nos muros da cidade [...], nas torres de vigia do deserto, nos topos das colinas [...] e agiam também como vigias de ruas ou patrulheiros.”

A analogia ao tempo do receptor moderno “ajuda os leitores tanto no acesso a outra cultura, quanto na visualização mais clara das analogias em seu próprio contexto.”<sup>43</sup> (NORD, 2007, p. 12).

Por fim, cabe destacar a opção lexical da preposição informal “pra” utilizada por *A Mensagem*. O termo que é corriqueiramente usado

---

<sup>42</sup> “[...] moral obligation to justify their translation strategies telling the readers what they did and why they did it.”

<sup>43</sup> “[...] to help the audience both to gain access to the other culture and to see the analogies with their own situation more clearly.”

pelos falantes da língua portuguesa abrevia a preposição “para” e contribui para a construção da linguagem simplificada do texto. Este uso, muitas vezes, não é aceito para publicações em língua portuguesa por não seguir a norma padrão culta, todavia, em *A Mensagem*, foi utilizado em grande escala a fim de servir ao seu propósito central e seu encargo de tradução.

#### 4.2.5 Provérbios 20:19

**Quadro 26:** Provérbios 20:19

<i>Provérbios 20:19</i>			
<i>A Mensagem</i>	<i>NTLH</i>	<i>NVI</i>	<i>ARA</i>
<b>O</b> fofoqueiro <b>não consegue guardar segredo; portanto, jamais confie no</b> linguarudo.	<b>O mexeriqueiro</b> espalha segredos; por isso fique longe de <b>quem fala demais.</b>	<b>Quem vive contando casos</b> não guarda segredo; por isso, evite <b>quem fala demais.</b>	<b>O mexeriqueiro</b> revela o segredo; portanto, não te metas com <b>quem muito abre os lábios.</b>

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 27: Análise textual da tradução de Provérbios 20:19**

<i>Provérbios 20:19</i>				
<b>Fatores extratextuais</b>				
	<i>A Mensagem</i>	<i>NTLH</i>	<i>NVI</i>	<i>ARA</i>
<b>Emissor</b>	Peterson, Editora Vida (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).	Editadora Geográfica, Bíblica Brasil (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).
<b>Intenção do emissor</b>	Apresentar o alerta do sábio sobre o risco de se envolver com pessoas que fazem fofoca com linguagem acessível e contemporânea.	Apresentar o alerta do sábio sobre o risco de se envolver com pessoas que fazem fofoca com linguagem simples, natural e adequada ao nível	Apresentar o alerta do sábio sobre o risco de se envolver com pessoas que fazem fofoca com linguagem moderna que mantenha a beleza de estilo,	Apresentar o alerta do sábio sobre o risco de se envolver com pessoas que fazem fofoca com linguagem mais rebuscada em registro formal.

		educacional médio da população.	clareza, precisão e dignidade.	
<b>Público/Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia.	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis intelectuais; igreja evangélica.	Leitores cristãos (ou não).
<b>Meio</b>	Impresso.			
<b>Lugar</b>	Brasil.			
<b>Tempo</b>	2011	2012	2000	1993
<b>Propósito/Motivo</b>	Através de provérbio de sabedoria, de linguagem contemporânea e acessível, expressar o alerta sobre pessoas que fazem fofoca.	Através de provérbio de sabedoria, e com linguagem mais próxima do dia a dia do falante, expressar o alerta sobre pessoas que fazem fofoca.	Através de provérbio de sabedoria, de linguagem descomplicada, clara e impactante, expressar o alerta sobre pessoas que fazem fofoca.	Através de provérbio de sabedoria e de linguagem em registro formal, expressar o alerta sobre pessoas que fazem fofoca.
<b>Função textual</b>	Função referencial e apelativa.			
<b>Fatores intratextuais</b>				
<b>Assunto/Tema</b>	Exaltação da sabedoria prática.			
<b>Conteúdo</b>	Provérbios de sabedoria referente ao falar e a pessoas fofoqueiras.			
<b>Pressuposições</b>	Conhecimento das bases da moral e conduta cristã.			
<b>Estruturação</b>	Pequeno parágrafo.			
<b>Elementos</b>	Não apresenta.			

<b>não verbais</b>				
<b>Léxico</b>	Foqueiro, linguarudo.	Mexeriqueiro, quem fala demais.	Quem vive contando casos, quem fala demais.	Mexeriqueiro, quem abre muito os lábios.
<b>Sintaxe</b>	Frases simples e curtas.			
<b>Elementos suprasseg.</b>	Não apresenta.			
<b>Efeito</b>				
<b>Efeito do texto</b>	Levar o leitor a refletir sobre o perigo de confiar em pessoas que fazem fofocas por meio de uma linguagem contemporânea e informal.	Levar o leitor a refletir sobre o perigo de confiar em pessoas que fazem fofocas, aproximando-o do texto bíblico através de uma linguagem que lhe é familiar.	Levar o leitor a refletir sobre o perigo de confiar em pessoas que fazem fofocas, impactando-o com a leitura do texto bíblico apresentado de forma clara, precisa e bela.	Levar o leitor a refletir sobre o perigo de confiar em pessoas que fazem fofocas a partir de uma linguagem mais sofisticada e formal.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

Um conteúdo bastante frequente nos provérbios de Salomão é a sabedoria no falar e o escritor alerta seus leitores sobre essa temática em diversos pontos do livro de Provérbios.

O trecho de Provérbios 20:19 pretende advertir seus receptores quanto ao perigo de se relacionar com pessoas fofoqueiras. Assim como nos excertos apresentados nesta seção de análise, a tradução de *A Mensagem* distingue-se no ponto lexical e suas escolhas, mais uma vez, apresentam vocábulos populares, informais e que, também, podem gerar riso. A opção por “fofoqueiro” denota a preferência por termos mais familiares possíveis, ao passo que a NTLH e a ARA optam por “mexeriqueiro” – palavra que possui sentido semelhante a “fofoqueiro” que, todavia, carrega um teor um pouco mais formal.

A possibilidade do efeito jocoso ocorre com o uso do termo “linguarudo” que, ao ser inserido em um texto bíblico, pode causar estranhamento, mas também humor, visto que é uma palavra extremamente informal utilizada no contexto brasileiro de fala da língua

portuguesa. As escolhas dos tradutores de NTLH, NVI e ARA por “quem fala demais” e “quem muito abre os lábios”, denotam a natureza de uma pessoa fofqueira, mexeriqueira ou, até mesmo, “linguareta”. O Comentário Bíblico Adventista (2012, p. 1145) explica que a palavra utilizada neste versículo no hebraico é “*potheh*, do verbo *pathah*, que significa ‘ser aberto’ ou ‘ser simples’; portanto, ‘quem muito abre os lábios’, fala demais ou é tolo naquilo que diz.” Dessa maneira, pode-se notar que todas as escolhas lexicais para a tradução deste versículo pretendem trazer este conceito, no entanto, *A Mensagem*, ao primar por seu encargo de tradução, se distingue com um teor mais irreverente.

#### 4.2.6 Cântico dos Cânticos 7:1

**Quadro 28:** Cântico dos cânticos 7:1

<i>Cântico dos cânticos 7:1</i>			
<i>A Mensagem</i>	<i>NTLH</i>	<i>NVI</i>	<i>Almeida Rev. E At.</i>
<b>Como são lindos os seus pés em suas sandálias.</b> Que coisa mais linda, mais cheia de graça é o seu andar. <b>Suas pernas são pura elegância, obra de um artista de primeira.</b>	Ó filha de um príncipe, como são bonitos os seus pés calçados de sandálias! As curvas dos seus quadris são como joias, são trabalho de um artista.	Como são lindos os seus pés calçados com sandálias, ó filha do príncipe! As curvas das suas coxas são como joias, obra das mãos de um <b>artífice</b> .	Que formosos são os teus passos dados de sandálias, ó filha do príncipe! Os meneios dos teus quadris são como colares trabalhados por mãos de <b>artista</b> .

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

**Quadro 29:** Análise textual da tradução de Cântico dos Cânticos 7:1

<i>Cântico dos cânticos 7:1</i>				
<b>Fatores extratextuais</b>				
	<i>A Mensagem</i>	<i>NTLH</i>	<i>NVI</i>	<i>ARA</i>
<b>Emissor</b>	Peterson, Editora Vida (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).	Editora Geográfica, Bíblia Brasil (vários tradutores).	SBB (vários tradutores).
<b>Intenção do emissor</b>	Apresentar o cântico sobre o amor e a admiração	Apresentar o cântico sobre o amor e a	Apresentar o cântico sobre o amor e a admiração	Apresentar o cântico sobre o amor e a

	entre um casal com linguagem acessível e contemporânea.	admiração entre um casal com linguagem simples, natural e adequada ao nível educacional médio da população.	entre um casal com linguagem moderna que mantenha a beleza de estilo, clareza, precisão e dignidade.	admiração entre um casal com linguagem mais rebuscada em registro formal.
<b>Público/Receptor</b>	Leitores cristãos (ou não) que perderam o interesse na leitura da Bíblia.	Leitores cristãos (ou não); igrejas, uso individual, familiar e inclusive para crianças.	Leitores cristãos (ou não), brasileiros e de outros países de língua portuguesa, de todos os níveis intelectuais; igreja evangélica	Leitores cristãos (ou não).
<b>Meio</b>	Impresso.			
<b>Lugar</b>	Brasil.			
<b>Tempo</b>	2011	2012	2000	1993
<b>Propósito/Motivo</b>	Através de linguagem acessível e contemporânea, expor o diálogo de um casal que se ama e se elogia.	Através de uma linguagem mais próxima do dia a dia do falante, expor o diálogo de um casal que se ama e se elogia.	Através de uma linguagem descomplicada, clara e impactante, expor o diálogo de um casal que se ama e se elogia.	Através de uma linguagem em registro formal, expor o diálogo de um casal que se ama e se elogia.
<b>Função textual</b>	Função expressiva ou emotiva.			
<b>Fatores intratextuais</b>				
<b>Assunto/Tema</b>	Amor ideal no antigo Oriente.			

<b>Conteúdo</b>	Poema sobre admiração à esposa.			
<b>Pressuposições</b>	Familiaridade com as histórias bíblicas.			
<b>Estruturação</b>	Poema em forma de diálogo.			
<b>Elementos não verbais</b>	Não apresenta.			
<b>Léxico</b>	“Que coisa mais linda, mais cheia de graça”; artista de primeira.	Artista.	Artífice.	Artista.
<b>Sintaxe</b>	Frases simples e curtas.			
<b>Elementos suprasseg.</b>	Não apresenta.	Exclamação.	Exclamação.	Exclamação.
<b>Efeito</b>				
<b>Efeito do texto</b>	Levar o leitor a visualizar as características do amor ideal e refletir sobre o amor de Cristo para com sua igreja por meio de uma linguagem contemporânea e informal.	Levar o leitor a visualizar as características do amor ideal e refletir sobre o amor de Cristo para com sua igreja, aproximando o leitor ao texto bíblico através de uma linguagem que lhe é familiar.	Levar o leitor a visualizar as características do amor ideal e refletir sobre o amor de Cristo para com sua igreja, impactando o leitor com a leitura do texto bíblico apresentado de forma clara, precisa e bela.	Levar o leitor a visualizar as características do amor ideal e refletir sobre o amor de Cristo para com sua igreja a partir de uma linguagem mais sofisticada e formal.

**Fonte:** Caetano, Mariane (2018).

O livro de Cântico dos Cânticos, Cantares ou somente Cânticos é bastante distinto dos outros livros do cânon bíblico no quesito temática. Através de figuras de linguagem do povo oriental da época, o autor retrata seu amor e sua admiração por sua parceira, a qual também demonstra seus sentimentos, tudo estruturado em um diálogo poético. Como explica o Comentário Bíblico Adventista (2012):

O livro dos Cânticos é o único da Bíblia formado totalmente por poesia em forma de diálogo. É um ótimo exemplo de écloga oriental. As imagens vívidas em rápida sucessão são características desse tipo de poesia. A mente ocidental tem dificuldade para compreender e apreciar a franqueza das imagens. A percepção da natureza figurada da linguagem deste tipo de poesia ajuda na compreensão da mensagem do livro. (v. 3, 2012, p. 4).

Ao passo que para muitos este livro contenha um conteúdo um tanto atípico e destoante do restante da Bíblia por tratar de um relacionamento amoroso e por abordar aspectos da intimidade sexual do casal, comentaristas afirmam que este livro

serve como uma linda ilustração do amor de Cristo pela igreja e pelos seus membros individualmente. As Escrituras do Antigo e do Novo testamento ilustram a terna união entre Deus e Seu povo por meio do relacionamento entre marido e mulher. (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, p. 1256).

Isto quer dizer que existe a possibilidade hermenêutica de se associar o livro de Cântico dos Cânticos e suas inúmeras figuras de linguagem referentes ao amor entre um casal, ao relacionamento de Cristo com sua igreja, seu povo.

Para alcançar tal efeito, estas versões da Bíblia em língua portuguesa trataram de elencar diferentes estratégias e métodos de tradução, considerando suas intenções, propósitos e funções pretendidas. A versão de Peterson (2011), desta vez, se encarrega de inserir um referente cultural brasileiro muito popular e mundialmente conhecido. Ao incorporar ao versículo a frase “que coisa mais linda, mais cheia de graça”, os tradutores evocam quase que instantânea e unanimemente nos receptores a familiaridade com a música “Garota de Ipanema”, escrita por Tom Jobim e Vinícius de Moraes em 1962. Tal canção marcou gerações e, dificilmente, passa despercebida ou é desconhecida pela mente brasileira. Assim sendo, inserir tal referente em uma tradução da Bíblia denota fidelidade para com o objetivo proposto no início do encargo tradutório – de elaborar uma tradução com linguagem simples,

contemporânea e familiar ao seu novo receptor. Novamente, o quesito lexical é o grande diferencial entre as versões.

A este respeito, Nord (2016) salienta a influência do entorno cultural e geográfico na produção de uma tradução e disserta que

[...] a influência do aspecto do espaço no léxico é evidente não só nos elementos dêiticos e nas referências a situações internas, mas também nos itens lexicais que se referem ao entorno cultural, tais como nomes próprios e termos institucionais e culturais. (NORD, 2016, p. 205).

É importante destacar também que em *A Mensagem* tal excerto está inserido em um único verso, produzindo um alongamento não contido nas outras versões. Ou seja, os tradutores utilizaram tal referente cultural – presente no entorno sócio-cultural brasileiro – para enfatizar a beleza dos pés e do andar da mulher amada.

Além disso, ao final do trecho, os tradutores de *A Mensagem* optam pelos termos “artista de primeira”, enquanto que NTLH, NVI e ARA usam, respectivamente, “artista”, “artífice” e “artista”. É possível perceber que a NVI utiliza um léxico menos comum e que se encaixa dentro dos padrões estabelecidos em seu propósito de tradução, que era produzir um texto bíblico compreensível, moderno, porém que prezasse pela beleza e estilo. Por outro lado, *A Mensagem* emprega “artista de primeira”, o que remete a um profissional habilidoso e diferenciado dos demais. Tal expressão – “de primeira” – também foi aplicada no excerto acima analisado de Provérbios 15: 16 e 17 e traz para o receptor uma linguagem bastante corriqueira do dia a dia dos falantes e, também, de veras compreensível.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bíblia se configura em material sensível para seu público receptor. Por esta razão o processo tradutório desta obra sempre gerou questionamentos, polêmicas e divergências entre os mais diversos grupos de cristãos. Ao longo da história, diferentes traduções surgiram e, desde o último século, um novo fenômeno pôde ser observado: o de atualização da linguagem da Bíblia. Como discutido nesta pesquisa, se os processos de tradução da Bíblia já resultavam em controvérsias, a opção por modernizar o que os cristãos concebem como a palavra de Deus causou desconforto entre muitos fieis. Assim como explana Nida (1997), os receptores do texto bíblico aceitaram determinadas traduções como segundos originais, o que resultou na rejeição para com as novas traduções que surgiram.

Entretanto, nenhum destes fatores pode ser generalizado, visto que, assim como na sociedade em geral os sujeitos se distinguem por sua formação cultural, social, histórica, ideológica etc, os grupos de cristãos são compostos por indivíduos das mais distintas características, o que os faz mais ou menos propensos a aceitarem o novo no que diz respeito ao que acreditam ser a palavra de Deus

Assim, considerando o surgimento de traduções modernas da Bíblia e a relevância deste *corpus* para o campo de Estudos da Tradução, ao longo desta pesquisa buscou-se contrastar os níveis de sensibilidade presentes em um texto já considerado sensível – a Bíblia – tendo em vista as diferentes categorias de texto presentes nesta obra e levando em consideração o objetivo central de tradução do *corpus* foco de análise deste trabalho – a Bíblia *A Mensagem*. Além disso, cabe destacar a relevância, nos Estudos da Tradução, de uma pesquisa baseada em um *corpus* paralelo, seguindo a vertente descritivista da área que não prioriza os textos de partida – por muito tempo exaltados por sua originalidade – mas, sim, que valoriza a análise de textos de chegada, considerando a realidade de seu público alvo em seu contexto social e linguístico. Desta maneira, esta pesquisa optou por fazer um recorte de traduções modernas da Bíblia em língua portuguesa, com fins de contrastá-las com *A Mensagem*, não se fazendo necessário o retorno aos manuscritos em línguas vernáculas.

Assim, retoma-se a hipótese inicial desta dissertação, cuja proposição é que, sendo a Bíblia um livro considerado sensível em sua totalidade, suas frações possuem níveis de sensibilidade distintos. Levando em conta as análises baseadas na teoria dos textos sensíveis de Simms (1997) e na abordagem funcionalista alemã de Nord (2016),

verifica-se que a hipótese inicial deste trabalho se confirmou, visto os diferentes graus de liberdade interpretativa e tradutória retratados nos exemplos discutidos. Os textos bíblicos apresentados e analisados mostram que os livros poéticos, de fato, são traduzidos com maior liberdade na tradução de *A Mensagem*. Pelo fato de o objetivo desta versão ser o de apresentar uma linguagem altamente informal e corriqueira, os textos poéticos se mostram passíveis de maiores inserções de gírias e expressões coloquiais. Isto ocorre, principalmente, pelo fato de os livros poéticos serem compostos, em sua maioria, por canções, orações e poemas, os quais levam o tradutor a um trabalho de recriação e ressignificação maior do que em outras categorias de texto.

No entanto, os livros proféticos se mostram mais estáveis ao comparar-se, inclusive, com traduções mais tradicionais como a ARA, pois pode-se notar que ao longo da elaboração e da publicação de *A Mensagem*, bem como das outras traduções modernas da Bíblia, a postura quanto à tradução das figuras simbólicas dos livros proféticos se manteve deveras regular.

A maior regularidade na tradução do livro profético de Apocalipse se deve principalmente ao fato de este trazer conceitos chave cristalizados no meio cristão que dizem respeito a acontecimentos futuros e de extrema relevância para seus receptores. Assim, nota-se a tendência de os tradutores arriscarem menos no que diz respeito à inserção de novas metáforas, símbolos ou expressões.

Este aspecto da especificidade de conteúdos e da sensibilidade teológica de diferentes tipos de texto dentro da Bíblia fica ainda mais evidente em uma tradução contemporânea que pretende atualizar a linguagem e deixá-la o mais próximo do falar cotidiano dos receptores, como é o caso de *A Mensagem*, pois fica nítido que em livros como o Apocalipse, outras estratégias foram seguidas devido ao maior grau de sensibilidade contido naquele contexto. Isto quer dizer que, mesmo tendo um objetivo de tradução geral, os tradutores seguiram objetivos específicos menores em diferentes categorias textuais dentro do texto bíblico.

Dessa maneira, o objetivo principal desta pesquisa de analisar descritivamente e também criticamente excertos de livros proféticos e poéticos da Bíblia *A Mensagem* em contraste com outras Bíblias em linguagem contemporânea, a fim de averiguar os níveis de sensibilidade contidos nesta obra, foi alcançado através das análises realizadas e amparadas principalmente nas teorias de Simms (1997) e Nord (2016). O resultado foi atingido através da análise funcionalista de tradução, pois, amparando-se na tabela de análise textual de Nord (2016), foi

possível identificar que o aspecto distintivo de *A Mensagem* para com as outras versões era, majoritariamente, o lexical e este está intimamente ligado com a intenção dos emissores, com os propósitos, funções e efeitos pretendidos no encargo de tradução. Como explica Nord (2016), a definição preliminar de determinado objetivo consequentemente influenciará na tomada de decisões durante o processo tradutório. Assim, inúmeras gírias e expressões informais podem ser encontradas na Bíblia *A Mensagem*, pois seu objetivo central visava a leitura facilitada, moderna e próxima do dia a dia do leitor.

Além disso, o objetivo secundário de discutir, ao longo da pesquisa, a aceitação das versões modernas da Bíblia no meio cristão foi alcançado a partir das obras de Sayão (2003), Nida (1997), do Comitê da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (1954), que retratam a desconfiança ainda existente sobre tais traduções, dada a crença popular de que a linguagem extremamente formal e rebuscada denotaria melhor o caráter divino do ser que inspirou a Bíblia. No entanto, tais autores advogam a favor das traduções modernas da Bíblia, afirmando que tais obras são legítimas e visam objetivos distintos, e que elas também somam como ferramentas de auxílio para os que desejam compreender melhor o texto bíblico.

Ademais, considera-se o Funcionalismo Alemão um aporte satisfatório tanto para a análise textual de tradução de textos sensíveis e, mais especificamente, da Bíblia quanto para o processo de tradução propriamente dito; este deve ser vinculado ao conceito ético de lealdade, pois, ao estar comprometido bilateralmente com iniciador e público receptor, o tradutor tem maiores chances de garantir a confiabilidade de seus leitores para com o processo de tradução e para com ele mesmo. Além disso, cabe enaltecer a legitimidade das traduções modernas da Bíblia que visam objetivos específicos e públicos receptores particulares que requerem abordagens distintas.

A tradução de Peterson (2011), *A Mensagem*, se configura em um projeto funcionalista, pois visa um objetivo e um público muito bem delimitados. Desta maneira, analisá-la a partir do viés funcionalista alemão denota uma opção coerente e satisfatória, pois permite um exame aprofundado de suas particularidades. Assim, como retratada neste trabalho, nota-se que *A Mensagem* representa um produto inovador e provocativo; todavia, de acordo com as análises realizadas, revela-se um objeto que segue uma conduta leal para com seus receptores e fiel para com seu encargo inicial de tradução. Desta maneira, julgamentos de valor que considerem conceitos de equivalência entre referentes linguísticos e de fidelidade textual não se justificam nesta pesquisa.

Para estudos futuros, sugere-se pesquisas de campo que envolvam diferentes leitores da Bíblia, como leitores leigos e clericais, pessoas de diferentes graus de escolaridade, de diferentes idades e classes sociais e/ou também, de diferentes denominações cristãs, a fim de averiguar a aceitação de traduções modernas do texto bíblico. Caberia, por exemplo, a análise da interpretação feita pelo leitor a depender da tradução a que é exposto, bem como verificar em quais níveis a compreensão é facilitada a partir da inclusão de referentes informais e mais próximos do dia a dia do falante.

Por fim, esta pesquisa atesta a legitimidade da Bíblia em Linguagem Contemporânea *A Mensagem* tanto para o uso geral dos receptores interessados na obra quanto como objeto de estudo para o campo de Estudos da Tradução, pois além de ser um produto inovador e moderno, compreende a pluralidade da recepção do texto bíblico e apresenta uma abordagem satisfatória – funcionalista – para seu processo tradutório.

## REFERÊNCIAS

ASLANOV, C. **A tradução como manipulação**. São Paulo: Perspectiva: Casa Guilherme de Almeida. 2015, 112 p.

BAKKEN, N. K. De que tipo é a linguagem bíblica? **Revista Estudos Teológicos**. V. 25, n. 1. 1985. pp. 64-76. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/viewFile/1241/1196](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/1241/1196) Acesso em 07/03/2018 Acesso em 10/03/2018 às 14:06.

BERGER, K.; NORD, C. **DNT Das neue Testament und frühchristliche Schriften**, neu übersetzt und kommentiert von Kalus Berger und Christiane Nord. Frankfurt a.M.: Insel Verlag, 1999.

**BÍBLIA Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Vários tradutores. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

**BÍBLIA Sagrada: Edição Almeida Revista e Atualizada no Brasil**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

**BÍBLIA Sagrada, Nova Versão Internacional**. Vários tradutores. Santo André, SP: Editora Geográfica, 2000. 1ª ed, 7ª imp.

**COMENTÁRIO bíblico Adventista do Sétimo Dia/ editor da versão em inglês Francis D. Nichol, editor da versão em português Vanderlei Dorneles**. 1ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012. Título original: The Seventh-Day Adventist Bible Comentary. Vários tradutores. (Série Logos, v. 3).

**COMENTÁRIO bíblico Adventista do Sétimo Dia/ editor da versão em inglês Francis D. Nichol, editor da versão em português Vanderlei Dorneles**. 1ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014. Título original: The Seventh-Day Adventist Bible Comentary. Vários tradutores. (Série Logos, v. 7).

**DICIONÁRIO bíblico Adventista do Sétimo Dia/ coordenador versão em inglês Don F. Neufeld ; coordenador edição em português Vanderlei Dorneles**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016. Título original: Seventh-Day Adventist Bibli dictionary. Vários tradutores. (Série Logos, v. 8).

ELLINGWORTH, P. Text and Translation: Model and Reality. In.: SIMMS, K. (Org.) **Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects**. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, 1997. pp. 197 – 205.

GEISLER, N. L.; NIX, W. **Introdução Bíblica: Como a Bíblia chegou até nós**. Tradução: Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1997. Tradução de: **From God to us: how we go our Bible**.

GENERAL Conference of Seventh-Day Adventists. **Problems in Bible Translation**. Washington, DC: The Review and Herald Publishing Association, 1954.

HOLMES, J. S. **The Name and Nature of Translation Studies**. IN: HOLMES, J. LS., 1988.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In.: **Selected Writing II: Word and Language**. The Hague and Paris: Mouton, 1971. pp. 260 – 266.

KLINGBEIL, G. A. O texto e o cânon das Escrituras. In.: REID, G. W. (editor). **Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista**. 1ª edição. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007. pp. 91 -101.

KIRSCHNER, E. Prefácio. In.: SAYÃO, L. **NVI: A Bíblia do século 21**. São Paulo: Vida, 2003. pp. 7 – 8.

LEHMANN, R. Relações entre Daniel e Apocalipse. In.: HOLBROOK, F. B. (editor). **Estudos sobre Apocalipse: Temas introdutórios**. Tradução de Francisco Alves de Pontes. 1ª edição. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017. (Série Santuário e Profecias Apocalípticas; v. 6). Título original: **Symposium on Revelation – Book I**. pp 155 – 169.

LUTERO, M. Carta aberta sobre a Tradução. Trad. de Mauri Furlan. In: **Clássicos da Teoria da Tradução**. Antologia bilíngue, vol. 4, Renascimento. Florianópolis: NUPLITT, 2006. pp. 95 – 115.

MEGRAB, R. A. Standards of Textuality and the Translation of Hadith. In.: SIMMS, K. (Org.) **Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects**. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, 1997. pp. 231 – 238.

NIDA, E. A. **Toward a Science of Translation**. Leiden, Netherlands: E. J. Brill, 1964. 331 pp.

\_\_\_\_\_. Translating a Text with a Long and Sensitive Tradition. In.: SIMMS, K. (Org.) **Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects**. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, 1997. pp. 189 – 196.

NORD, C. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**/ Christiane Nord; coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser – São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016. (Coleção Transtextos; v.1).

\_\_\_\_\_. Function and Loyalty in Bible Translation. In.: **Apropos of Ideology: Translation Studies on Ideology – Ideologies in Translation Studies**. Ed. Maria Calzada Pérez. Mancheste, UK: St. Jerome Publishing, 2003, pp. 89 – 112.

\_\_\_\_\_. Function plus Loyalty: Ethics in Professional Translation. Génesis. **Revista Científica do ISAG**, 2007, n. 6, pp. 7 – 20.

\_\_\_\_\_. Loyalty and fidelity in specialized translation. **Confluências** – Revista de tradução científica e técnica. v. 4, Maio de 2006, pp. 29 – 41.

\_\_\_\_\_. Loyalty Revisited: Bible translation as a Case in Point. **The translator**. v. 7, n. 2, 2002, pp. 185 -202.

\_\_\_\_\_. Manipulation and Loyalty in Functional Translation. **Current writing**. V. 14, n. 2, 2002, pp. 32 – 42.

PAULIEN, J. Interpretando o simbolismo do Apocalipse. In.: HOLBROOK, F. B. (editor). **Estudos sobre Apocalipse: Temas introdutórios**. Tradução de Francisco Alves de Pontes. 1ª edição. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017. (Série Santuário e Profecias Apocalípticas; v. 6). Título original: Symposium on Revelation – Book I. pp. 87 – 117.

PETERSON, E. H. **A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea**. Tradução: Robinson Malkomes et al. São Paulo, Editora Vida, 2011. Título original: **The Message: The Bible in Contemporary Language**.

PYM, A. Material Text Transfer as a Key to the Purposes of Translation. In.: Neubert. A.; Shreve. G.; Gommlich, K. (eds.). **Basic Issues in Translation Studies**. Proceedings of the Fifth international Conference Kent Forum on Translation Studies II. Kent/Ohio: Institute of Applied Linguistics, 1996. pp. 337- 346.

RAUPP, Marcelo. **A história da transmissão e da tradução da Bíblia em nível mundial e no Brasil e as marcas ideológicas nas primeiras traduções brasileiras completas dessa obra** (tese) Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução/ Marcelo Raupp; Orientador: Mauri Furlan – Florianópolis, SC, 2015. 230 p.

READ, W. E. **A Bíblia, o Espírito de Profecia e a Igreja**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2015.

REISS E VERMEER. **Esboço de uma teoria da tradução**. Lisboa: ASA Edições, 1986.

REYNOLDS, E. Dez chaves para interpretar o livro de Apocalipse. IN.: REIS, E.; FESTA, S.; FOLLIS, R. (orgs.) **Princípios do Fim: O Apocalipse à luz do Antigo Testamento**. 1ª edição. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2016. (Parousia; v. 4) pp. 99 – 120.

SAYÃO, L. **NVI: A Bíblia do século 21**. São Paulo: Vida, 2003.

SHEA, W. H. **Historicism: the best way to interpret prophecy**. *Journal Adventist Affirm* 17/1 (2003), pp. 22-34. Disponível em: <http://oscarsmendoza.blogspot.com.br/2012/07/historicism-best-way-to-interpret.html> Acesso em: 23/04/2018 às 16:05.

\_\_\_\_\_. Profecias de tempo de Daniel 12 e Apocalipse 12-13. In.: HOLBROOK, F. B. (editor). **Estudos sobre Apocalipse: Temas introdutórios**. Tradução de Francisco Alves de Pontes. 1ª edição. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017. (Série Santuário e Profecias Apocalípticas; v. 6). Título original: Symposium on Revelation – Book I. pp. 367 – 402.

SIMMS, K. (Org.) **Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects**. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, 1997.

SIMON, S. et al. Os tradutores e a difusão das religiões. In.: DESLILE, J.; WOODSWORTH, J. (orgs). **Os tradutores na história**. Tradução: Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 2003. pp. 169 – 197.

SOCIEDADE Bíblica Brasileira (SBB). **Compare as traduções**. Disponível em: <http://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/compare-as-traducoes/> Acesso em 12/04/18 às 16:30.

STEINER. G. **Depois de Babel**: questões de linguagem e tradução /George Steiner; traduzido da 3ª edição (1998) por Carlos Alberto Faraco – [Curitiba]: Editora da UFPR, 2005. 534p. (Clássicos, n. 8).

STRAND, K. A. Princípios fundamentais de interpretação. In.: HOLBROOK, F. B. (editor). **Estudos sobre Apocalipse**: Temas introdutórios. Tradução de Francisco Alves de Pontes. 1ª edição. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017. (Série Santuário e Profecias Apocalípticas; v. 6). Título original: Symposium on Revelation – Book I. pp. 9 – 43.

THIELE, E. **The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings**. 3ª ed., Grand Rapids, MI: Zondervan/Kregel, 1983.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies – And Beyond**. Amsterdam and Philadelphia, PA: John Benjamins, 1995.

VETNE, R. O historicismo como método de interpretação de Daniel e Apocalipse. IN.: REIS, E.; FESTA, S.; FOLLIS, R. (orgs.) **Princípios do Fim**: O Apocalipse à luz do Antigo Testamento. 1ª edição. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2016. (Parousia; v. 4).